



COLEÇÃO PÓS LETRAS

*A tradição literária
no mundo visual
da comunidade
surda brasileira*

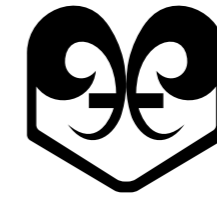


VOLUME 02

Janaína Aguiar Peixoto



Desenho em tinta sobre cartolina - Pilar Roca



COLEÇÃO PÓS LETRAS

Conselho Editorial



Alessandra Soares Brandão (UFSC)
Ana Graça Canan (UFRN)
Ana Mafalda Leite (Universidade de Lisboa)
Anco Márcio Tenório Vieira (UFPE)
Anita Martins Rodrigues de Moraes (UFF)
Arnaldo Saraiva (Universidade do Porto)
Brenda Carlos de Andrade (UFRPE)
Gastón A. Alzate (California State University)
Inocência Mata (Universidade de Lisboa)
João Batista Pereira (UFRPE)
José Rodrigues Seabra Filho (USP)
Juliana Luna Freire (UFPB)
Juliana Pasquarelli Perez (USP)
Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne (UFPB)
Maria Nazareth de Lima Arrais (UFCG)
Maurizio Gnerre (Università di Napoli L'orientale)
Maximiliano Torres (UERJ)
Ramayana Lira (UFSC)
Regina Dalcastagnè (UnB)
Saulo Neiva (Université Blaise Pascal - Clermont-Ferrand)
Simone Schmidt (UFSC)
Suzi Frankl Sperber (UNICAMP)
Yuri Jivago Amorim Caribé (UFPE)

Projeto Gráfico:

CDM Design e Consultoria Empresarial Ltda
Camille Barbosa de Aquino
Roberta Lima Designer

Diagramação:

Roberta Lima Designer

A tradição literária no mundo visual da comunidade surda brasileira

Janaína Aguiar Peixoto

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Setorial do CCTA da Universidade Federal da Paraíba

P379t Peixoto, Janaína Aguiar.

A tradição literária no mundo visual da comunidade surda brasileira [recurso eletrônico] / Janaína Aguiar Peixoto; prefácio: Fabricio Possebon. - João Pessoa: Editora do CCTA, 2020.

Recurso digital (2,72MB)

Formato: ePDF

Requisito do Sistema: Adobe Acrobat Reader

ISBN: 978-65-5621-124-4

1. Linguagem de surdos. 2. Literatura visual. 3. Literatura em Libras. 4. Literatura e cultura surda. I. Título.

UFPB/BS-CCTA

CDU: 81'221.24

Elaborada por Susiquine R. Silva – CRB 15/653

Sumário



- 10** Prefácio
- 16** Introdução
- 22** Um breve mergulho em um mundo visual
- 36** A beleza literária através das mãos: um presente transmitido entre gerações
- 52** O poeta consagrado com uma luz sem fim
- 64** A poetisa revolucinária em um voo sobre o rio
- 76** O poeta popular nordestino no farol da barra contando uma história em libras
- 92** Considerações Finais
- 96** Referências
- 102** Sobre a autora

Dedico este livro:
a Deus, meu Senhor
à minha amada família
e à comunidade surda

Prefácio



Prof. Dr. Fabricio Possebon
Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões
Centro de Educação - Universidade Federal da Paraíba

Se compararmos o ser humano com os animais sob o olhar biológico, as semelhanças são muitas e evidentes, por exemplo, se pensarmos em um dos símios considerados superiores, a saber, o chimpanzé. Ele tem um tronco com duas pernas e dois braços, uma cabeça com dois olhos, boca, nariz e dois ouvidos. Ele tem órgãos internos como coração, estômago, intestino. Ele põe-se de pé muitas vezes e, nesta posição, até consegue caminhar. As aproximações são infindas neste nível de observação como seres vivos, mesmo que acrescentemos a isto a vida em sociedade, ainda assim poderíamos nos situar, a nós mesmos, como símios mais desenvolvidos e complexos do que o citado chimpanzé.

A variedade da vida animal é imensa, mas se pudermos buscar um ponto em comum entre eles, nós gostaríamos de nos fixar no caráter instintivo, ou seja, aquele elemento que trazem já aprendido, não necessitando de nenhum tipo de treinamento ou formação. Assim, por exemplo, uma serpente recém-nascida, ao sair de seu ovo, já sabe qual alimento deve ingerir, qual deve evitar, quais são seus predadores, onde deve se esconder e buscar abrigo, quando e como deve se reproduzir, e tudo o mais que a sua vida exige. Poder-se-ia dizer que sua vida é totalmente instintiva.

Outros animais necessitam, todavia, de algum aprendizado. Um bebê elefante, por exemplo, se levado em cativeiro, e criado sem sua mãe e sua manada, não poderá futuramente ser reintroduzido na selva, porque terá perdido o momento de aprendizado para sua sobrevivência. Será sempre dependente de algum cuidado externo. As soluções, portanto, na natureza, para o reino animal, são infinitamente variáveis: alguns animais nascem prontos, outros não, mas o que aprendem é relativamente pouco se comparado ao instinto natural. Em síntese, digamos que o animal, de modo geral, tende a ser instintivo (100 %) e não aprendente (0 %).

Retomemos a comparação inicial, se o homem se aproxima do animal em termos biológicos o mesmo não se dá em termos instintivos. Aqui surge um abismo que nos separa. O homem é aprendente, por excelência. Entre os elementos instintivos que são identificados para a realidade humana, há apenas um em que paira um consenso entre os investigadores: o sugar o leite materno. Assim, o bebê recém-nascido, ao receber o seio materno, já sabe o que fazer, isto é, sugar o leite até saciar a sua fome. É talvez esta a única ação que nós não aprendemos, já nascemos sabendo, tudo o mais deverá ser devidamente ensinado ao bebê.

Darwin, em A expressão das emoções no homem e nos animais, obra complementar à Origem das espécies, identificou as emoções básicas ou universais (medo, raiva, nojo, surpresa, alegria, tristeza), que são comuns a todos os seres vivos, não são aprendidas, fazem parte do patrimônio existencial. Por exemplo, não é difícil perceber um bebê alegre, ou triste, ou raivoso ou atemorizado. Ninguém lhe ensinou estes estados de alma. Mas as emoções não são ações, são reações a algo que ocorre no mundo. São próximas da natureza instintiva, mas não são ações, insistimos neste ponto. Se ninguém ensinar a uma jovem criança que é hora de por-se de pé e caminhar, ela provavelmente não o fará por conta própria. Esta mesma criança não teme o fogo, e se queimará nele, não lhe ocorre naturalmente ser ele perigoso. E assim segue tudo o que possamos imaginar dos contextos da vida em sociedade humana. Tudo, em síntese, deve ser aprendido pelo bebê humano, noutros termos: instinto (0 %) x aprendizado (100 %).

É normalmente conhecido como cultura tudo aquilo que é aprendido por nós. Não se emprega o termo para aquele conhecimento que alguns animais necessitam, em algum momento de suas existências. A especulação para tentar entender porque seres biologicamente próximos estão afastados por este abismo chamado cultura é infinita, sendo mesmo ocupado por teses teológicas, as mais diferentes inimagináveis. O conceito de "deus", muitas vezes, tem um papel preponderante para o preenchimento deste abismo. Não iremos tão longe, nesta brevíssima discussão.

Posta esta definição, importa-nos ponderar o que é, então, este aprendizado que nos distingue dos animais. O grande distintivo é certamente a língua. Enquanto os animais têm um número limitado de sons, berros, gritos, e coisas desta natureza, que expressam igualmente um número restrito de estados e expressões de comunicação, por exemplo, um cão tem certamente um latido para o medo, outro para a raiva, outro para a fome, e não muito mais possibilidades do que o básico da sobrevivência, a língua humana falada tem um leque de opções imenso, matematicamente não é infinito, mas chega-se a uma cifra de muitos números. Os vinte ou trinta sons elementares de uma língua falada se combinam, segundo a gramática desta língua, em arranjos inimagináveis. Somente os termos dicionarizados da língua portuguesa, por exemplo, alcançam a casa de 400.000 palavras! O conceito de linguagem merece ser recordado aqui, como a capacidade inata do ser humano de aprender uma língua. Exposto o indivíduo a uma, duas, três ou mais línguas, ele as aprende todas, porque tem em si o potencial para tanto.

O aprendizado também se dá por sensações, sentimentos, imagens, sonhos,

etc., todavia a língua é o veículo por excelência. Aprender uma língua é aprender a cultura que ela veicula, por outro lado, não falo nem penso o que quero, mas aquilo que minha língua e minha cultura permitem. As traduções, recriações, transcrições, releituras e transposições são esforços de passagem de uma cultura a outra, são louváveis e devem ser feitos, mas parece que, em essência, cada língua e cada cultura são únicas. Assim, jamais me aprofundarei, por exemplo, na cultura esquimó se não aprender sua língua e puder usá-la com certa destreza. Isto vale para todas as línguas e culturas.

Por que determinado indígena olha o chão da floresta e diz que por ali passou um homem seguido de uma criança e depois passou uma capivara, horas depois? Por que não vejo nada disto no chão da floresta, se os meus olhos são órgãos biologicamente iguais aos dele? Porque o indígena aprendeu, em sua cultura, por meio de sua língua, a observar pequenos detalhes no chão da floresta que indicam as pegadas deixadas pelos que ali passaram. Deve haver termos em sua língua que designam estes traços sutis.

O antropólogo Lévi-Strauss compara esta sofisticada destreza indígena com nossa ação de guiar um automóvel: são empregadas as duas pernas e os dois braços, cada qual fazendo um movimento distinto, mas todos coordenados; o olhar observa os diversos retrovisores, o painel e todo o contexto da rua, com placas e códigos luminosos, como o semáforo, e movimento de pessoas e demais veículos; o ouvido está atento aos sinais sonoros, internos do automóvel e do mundo exterior. Apesar de todo este envolvimento, o motorista ainda é capaz de conversar com os passageiros, inclusive desenvolver temas muito elaborados. Talvez o cidadão comum não tenha um exemplo mais sofisticado do que este quanto o uso de tantos recursos da potencialidade humana.

Vamos, de nossa parte, propor uma comparação mais simples. Por que olho para uma casa de luxo, sem nunca ter estado em seu interior, e consigo dizer com relativa precisão tudo o que se encontra lá? Porque conheço os objetos, seus nomes e suas funções, de modo que posso imaginar o que os moradores teriam: *home theater*, celulares caros e cheios de recursos, notebooks, máquina de lavar louça, cafeteira automática, sistema de segurança interno com tv., carros importados, etc. Certamente, um indígena não é capaz de tal proeza, porque em sua cultura lhe faltam estes elementos todos, vocabulário e conceitos. Em minha cultura, faço a mesma “magia da adivinhação” que ele faz com o chão da floresta, provavelmente com igual precisão.

Conheci duas senhoras que eram irmãs, e tinham uma pequena diferença de idade. A mais velha delas acreditava ter uma aparência mais jovem do que a irmã. Quando eram apresentadas, “esta é minha irmã”, pairava a dúvida: qual a mais velha? Inúmeros comentários decorriam destes episódios familiares, alimentando uma espécie de intriga. Na língua japonesa, ao dizer irmã, deve-se declarar se é a mais nova, *imôto*, ou a mais velha, *ane*, estas são as palavras da língua corrente. Nos termos anedóticos que aqui apresentei, a cultura japonesa é sensivelmente diferente da nossa, obrigando a declaração da anterioridade e posteridade do nascimento.

Em italiano, *nipote* quer dizer sobrinho ou neto. Quando alguém é apresen-

tado, “este é meu *nipote*”, se se trata de um juvenzinho, imagina-se que é o neto, mas ocorrem enganos, cômicos, desta dedução, algumas vezes, como é fácil perceber. Para evitar a confusão, deve-se dizer, por exemplo, “este é meu *nipote*, filho de meu filho X”. Isto é cultura italiana.

Estes exemplos simples, sem dúvida anedóticos, querem enfatizar que a língua é o principal portador da cultura, e a estranheza intercultural é quase que obrigatória. Não a tememos, pelo contrário, aproveitemos o aprendizado dela.

Na mais tenra infância, as palavras são aprendidas em seus contextos, a criança imita, para não muito depois articular frases absolutamente inéditas, algo que ela mesma criou, com sua própria inteligência. Este é o “milagre” da condição humana, o abismo que nos separa do reino animal, imitativo por excelência.

O que se passa com as crianças surdas de nascimento, cujo aprendizado se deu visualmente pela língua de sinais? De uma imitação inicial, passa-se à criação de frases e sentenças originais, expressas pelos recursos da própria língua: gestos, movimentos faciais e corporais, olhares, etc., mostrando igualmente sua inteligência, tal como acontece com as línguas faladas. Se, como defendemos, a língua é a portadora da cultura, então obrigatoriamente deve existir uma cultura da língua de sinais, que, em outros termos, poderíamos chamar de cultura surda.

Na língua de sinais brasileira, “Deus” é expresso com os dedos fechados na mão, mas com o indicador apontando para o alto. Interpretaríamos este sinal da seguinte forma: Deus está no alto, ou talvez melhor dizendo, ele é o alto, o soberano.

Trata-se, na língua de sinais, de uma expressão concreta, simples, forte, quase rude, sem rodeios, direta, positiva, sem galanteios ou afetação, franca, honesta, queremos denominá-la “selvagem” (entre aspas, para evitar qualquer conotação pejorativa que alguém possa ter), por oposição a “urbana”, requintada, sensível, delicada, fraca, afetada e mesmo frouxa.

O termo “deus”, em nossa cultura de língua portuguesa também quer dizer isto, pois sua etimologia liga-se ao latim: deus, divum (céu), dies (dia), Júpiter (Iuppiter = diu pater, o pai celeste), aproxima-se do grego: dios (divino), Zeús, o deus helênico soberano (no genitivo Diós e no acusativo Día), aproxima-se também do sânscrito: dyaus (deus), divás (céu, dia), devá (deus). Todos estes termos oriundos da mesma família linguística indo-europeia expressam a ideia de que “deus” é soberano, está no alto, é luz e claridade, como o dia.

Ora, se em ambas as culturas, a surda e a de língua portuguesa, basicamente estamos diante do mesmo conceito, todavia a expressão é muito diversa. Em português, muito raramente alguém resgata a potência do alto com o termo “deus”, isto está reservado aos poucos etimologistas que possam manter vivo este raro saber, mas na cultura da língua de sinais isto é uma realidade vivida, daí nossa defesa do aspecto “selvagem” desta cultura.

Evidentemente, quando falamos em cultura da língua portuguesa fazemos uma generalização, porque as diversas variantes linguísticas, por si mesmas, já indicam diversas culturas simultaneamente convivendo. A expressão rural muito se distancia do pedantismo urbano, é, nos termos aqui defendidos, mais “selvagem”. Segundo nosso entendimento, a língua oral (e sua correspondente cultura) da nossa classe política é a que melhor representa a frouxidão e afetação, a que chamamos cultura “urbana”.

Concluindo, convidamos os leitores a adentrarem este mundo cheio de novidades, novos paradigmas, desafiadores, da cultura surda “selvagem”, que não está lá distante no tempo e no espaço, mas que se encontra aqui mesmo, em nossa vizinhança, em nossa cidade, basta erguer os olhos e vê-la.

Introdução



A primeira vez que vi uma composição poética originada em Libras, uma língua de modalidade visuo-espacial⁰¹ foi em 1998, quando atuava como intérprete estagiária da FENEIS (Federação Nacional de Surdos), na festa de aniversário de 45 anos da Associação Alvorada Congregadora de Surdos (Piedade Rio de Janeiro).

Lembro que os poetas surdos Silas Queirós e Nelson Pimenta explicaram para mim e, posteriormente, para o público de ouvintes presentes, que diferente das demais atrações, a poesia criada para homenagear a instituição nesta data especial não seria interpretada para a Língua Portuguesa na modalidade oral, seria apenas sinalizada.

Interpretei a fala desses poetas naquela ocasião, esclarecendo que, através da beleza expressada pelas mãos, a poesia seria compreendida pelas pessoas ouvintes que estavam presentes. Vale ressaltar que o público de ouvintes presente era bastante elitizado, com representantes políticos e diretores de instituições, tendo apenas eu e uma experiente colega de profissão, que desempenhava a função de elo entre as duas línguas existentes naquele evento.

A poesia de tema “45 anos da Associação Alvorada”, foi uma poesia dueto sinalizada pelos dois poetas havendo uma interação sincronizada entre eles. O destaque estético desta poesia e que era de fácil compreensão para todos, consistia na presença de diversos neologismos no decorrer de todo o texto sinalizado, pois todos os léxicos do poema foram expressos apenas com duas configurações de mãos: as configurações que representavam os números 4 e 5.

Como exemplo disso, o sinal trem, utilizado na comunicação em nosso cotidiano, ganhou uma nova roupagem artística. Neste neologismo, as duas mãos na configuração de número 4 eram movimentadas como as rodas do trem e em sequência, as

⁰¹ A recepção da mensagem de uma língua denominada de visuo-espacial, ou espacial-visual, ou gestuo-visual, visuo-gestual ou visuo-cinestésica, acontece por meio da visão e a emissão acontece através da sinalização no espaço por meio das mãos.

mãos tomavam forma de número 5, representando os ganchos deste transporte que se prende aos fios de alta tensão.

Interessante ressaltar que o trem possui um evidente valor semântico e pragmático nesse poema, pois foi durante muitos anos o transporte que conduzia os surdos até a Associação homenageada, que era próxima a uma ferroviária.

Esta sofisticação na linguagem para a composição do poema, a utilização do “sinal-arte”, a exploração da expressão facial e corporal durante a declamação, proporcionou uma vivência reveladora no meu início de carreira como TILS (tradutora e intérprete de língua de sinais), o que gerou admiração e curiosidade. Porém, as incidências de novos poemas eram raríssimas, apenas em eventos como este no exemplo, que reuniam a comunidade surda e não havia nenhum registro fílmico para apresentação na posteridade e transmissão desta herança poética.

De fato, a espontaneidade era uma característica muito forte desta manifestação artística, tão natural para alguns surdos com esta habilidade criativa, que surpreendia a todos os presentes no local onde esta poesia sinalizada, era inspirada e declamada (sinalizada).

Era um ato despretensioso, geralmente com o objetivo de comemorar, homenagear, celebrar, demonstrar luto, reivindicar, demonstrar carinho, contudo, sem maiores holofotes, valorização artística e muito menos comercialização desses textos sinalizados do gênero narrativo e poético, que eram transmitidos de geração para geração por uma tradição sinalizada ou tradição visual.

Nos dias atuais, vivemos momentos favoráveis para estas produções literárias, pois esta tradição visual, outrora sem possibilidade de registros das obras, passa a ter um novo formato com os avanços tecnológicos. No Brasil, as produções poéticas dos sujeitos surdos estão registradas em vídeos, sejam comercializados, em DVDs, ou disponíveis na Internet.

Isto nos garante o material necessário para as reflexões e discussões que apresentaremos a seguir neste livro, fruto da minha tese de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras, na Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB), intitulada O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em língua de sinais no Brasil (PEIXOTO, 2016).

Partindo da identificação deste vastíssimo campo aberto para investigações, e uma área ainda pouco estudada – a Literatura Surda – este estudo desenvolvido se fundamenta, basicamente, nos estudos culturais de Hall e nas contribuições teóricas de Hegel sobre a arte, partindo da perspectiva literária de Cândido e, dos estudos sobre a literatura surda do gênero poético, à luz de Sutton-Spence e Machado, teve sua origem pela evidente carência de valorização desses textos sinalizados e de seus autores, os poetas surdos. O objetivo principal deste, foi o de investigar os valores estéticos nas composições das poesias sinalizadas e a voz da tradição da comunidade linguística que identifica estes elementos.

Independente da língua em questão, a poesia é um gênero literário que ocupa uma posição elevada quanto ao valor estético da linguagem. Sendo assim, a produção poética em língua de sinais brasileira, significa um empoderamento linguístico para os integrantes desta comunidade minoritária no Brasil, denominada de comunidade surda.

Então, ao direcionar esta pesquisa para o gênero textual poesia, foi levantada a seguinte hipótese: A qualidade literária de uma poesia surda é identificada pelos elementos formais (aspectos linguísticos\literários e aspectos cinematográficos) que o artista emprega. Mas, além disso, há elementos que são subjetivos, que são reconhecidos pela comunidade surda através da voz da tradição, como foi constatado durante o estudo. Para tanto, a seguir apresentaremos a organização deste livro baseado neste estudo, de forma alegórica, em cinco momentos.

Ao ler este livro, imagine uma parte do oceano ainda pouco explorada, na qual, no primeiro momento, uma jovem mulher conhecerá, através de um mergulho ao fundo do mar, onde todos os mistérios são descobertos através da visão, utilizando-se de uma lente muito especial chamada de cultura, conhecerá seres maravilhosos cuja comunicação não é feita através da fala, pois eles se comunicam através das mãos. Eles dão as boas-vindas para esta curiosa mergulhadora, e a conduz para um mundo que manifesta uma beleza, singular, como ela nunca viu antes. Neste mundo submerso, tão silencioso, ela tem a oportunidade de conhecer a arquitetura deste povo, seus lindos quadros, uma música sem som na qual, cada nota desta melodia é expressa harmonicamente através das mãos, das expressões faciais e do corpo. Além disso, a desbravadora mulher teve a feliz oportunidade, de chegar no dia em que estava acontecendo o festival de literatura e cinema deste povo, e assim, pôde se encantar com todos estes ricos artefatos artísticos.

Depois desta recepção tão calorosa neste mundo onde tudo era muito novo, ela passou para o segundo momento desta viagem, embora sentada ali na plateia deste festival, ela percorria um longo caminho, desbravando agora, o âmbito subjetivo deste povo. Durante o espetáculo, a cada obra literária apresentada através da sinalização no espaço, com as rimas através das mãos, e não por repetições sonoras, ela refletia e comparava a conhecida tradição oral do seu povo, chamado de ouvintes, em relação a esta tradição sinalizada, que acabara de conhecer. Através da sua reflexão e da sua total atenção às explicações dadas no evento, conseguiu compreender um pouco mais sobre esta literatura visual, que envolve as chamadas literatura em libras e a literatura surda.

No terceiro momento, ao final do festival, a mergulhadora foi até um grupo de poetas e perguntou se poderia entrevistar cada um deles, para compreender um pouco mais da sua inspiração e do estilo de cada um, enquanto artistas. Assim, da mesma forma carinhosa e calorosa da recepção, se dispuseram a responder, de forma detalhada. Então, sem perder tempo, a mergulhadora sacou sua câmera, e começou a registrar atentamente todas as respostas do poeta mais famoso e consagrado daquela comunidade linguística, que indiscutivelmente possui uma *Luz sem fim*, ao longo de sua trajetória de vida.

No quarto momento, ela teve a oportunidade de conhecer um pouco sobre a história de vida de uma poetisa, discípula deste poeta consagrado, que através de sua coragem e determinação, causou uma revolução nesta comunidade de pessoas visuais, pois esta artista não se conformou em ser uma excelente poetisa, herdando de seu mentor, o dom de motivar e formar novos poetas nesta comunidade. Assim, esta poetisa, vem de forma revolucionária, deixando um importante legado no movimento artístico desta comunidade, organizando cursos, festivais de literatura e arte, que reúnem várias comunidades de pessoas visuais e que formam um só povo. Através de estudos, ela conseguiu criar asas e desbravar o mundo acadêmico, que durante muito tempo não era acessível aos seres do mar, deste mundo visual e silencioso. A artista, poetisa, pesquisadora e professora, realizou um lindo *Voo sobre o Rio*, e, posteriormente em Santa Catarina, onde pousou e desenvolve até hoje importantes estudos, entre eles, uma tão esperada antologia poética, que apresenta muitos poetas desta nova geração.

No quinto e último momento, a mergulhadora que já estava extasiada com tanta informação sobre este mundo, entrevistou o último poeta e que era muito popular na sua comunidade. Ele residia em uma região muito específica daquele mar, chamada de nordeste. Então, nesta região, mais especificamente, próximo ao *Farol da Barra*, em Salvador, este artista com um estilo único de sinalização e movimentação corporal, contou uma *História em Libras*, que abriu os olhos da mergulhadora desbravadora, para esta tradição sinalizada, que nem sempre, teve esta liberdade. Em alguns momentos, na antiguidade, muitos deles foram mortos, pois os moradores da terra seca e firme, os ouvintes daquela época, se achavam superiores e viam as pessoas visuais como amaldiçoadas. Tempos depois, com a elevação moral e da essência humana, eles pararam de matar, por esta razão, este povo não foi extinto. Porém, ainda houve uma fase posterior, em que foi proibida a comunicação através das mãos. Hoje, depois de muita luta, esta comunidade linguística que se comunica por intermédio de suas mãos, possui leis que preservam e protegem o direito de serem pessoas visuais, o direito de Ser Surdo. No entanto, ainda há muito para ser feito!

Sendo assim, com lágrimas nos olhos, a mergulhadora, ouvinte, ao descobrir toda esta realidade, começou a olhar para o seu próprio mundo de maneira diferente. Esta mergulhadora, que agora conhece a beleza, a cultura e a história deste povo, é envolvida pelo amor e por esta forma de viver, algo que mudou o rumo da sua própria vida pessoal e profissional. Então, antes de voltar para a terra firme e se despedir do povo do fundo do mar, a mergulhadora que antes possuía o sobrenome Aguiar, que remete a ideia de águia que vive fora do mar, ganhou um novo nome, Peixoto, que remete a ideia de Peixe (ser que vive no mar). Ao voltar a sua terra, este novo nome sela o amor por este mundo visual que ela, de maneira inesquecível, levará em seu coração para sempre, independentemente de onde estiver; e uma nova missão, a envolveu: ser prova viva que, seres voadores podem se relacionar perfeitamente com seres que nadam; militar pela causa deste povo, levantando a bandeira do respeito ao direito de ser diferente e de se comunicar através desta língua visual-gestual, a língua de sinais; e além disso, dedicar-se a pesquisas e estudos que contribuam para uma maior valorização da cultura, arte e literatura deste povo.

Por ora, este livro representa uma abertura de parte do diário de bordo desta

viagem, com um estudo sobre a tradição literária no mundo visual da comunidade surda brasileira. Então, convido você, para um mergulho nesta encantadora e bela realidade.

1

Um breve mergulho em um mundo visual



Neste capítulo conheceremos um pouco sobre o povo surdo partindo do entendimento da essência do ser humano (a cultura) e da necessidade universal (a arte).

1.1 Cultura: a lente herdada para visualizar o mundo

O ser humano é um ser essencialmente cultural, herdeiro de um processo acumulativo, que envolve conhecimentos, costumes, práticas, crenças, entre outras experiências vivenciadas através dos tempos e no convívio coletivo.

A declaração universal sobre a diversidade cultural emitida na Conferência Geral da UNESCO² (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) na sua 31^a sessão, em 2 de novembro de 2001, elucida que:

A cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as formas de viver em comunidade, os sistemas de valores, as tradições e as crenças (UNESCO, 2001).

Esta definição de cultura publicada pela UNESCO, está em consonância com as conclusões da Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais (MONDIACULT, México, 1982), da Comissão Mundial de Cultura e Desenvolvimento (A Nossa Diversidade Criativa, 1995) e da Conferência Intergovernamental sobre Políticas Culturais para o Desenvolvimento (Estocolmo, 1998).

O campo dos estudos culturais recebeu uma relevante contribuição do jamaicano Stuart Hall (1932-2014), teórico que viveu e trabalhou na Inglaterra. Esta experiência de transitar entre culturas bem diferentes, influenciou seu próprio processo de construção identitária. Esta vivência bicultural o motivou a desenvolver ricas reflexões sobre cultura e identidade, estando contidas nas suas importantes publicações.

Os estudos de Hall evidenciaram o papel da cultura na interpretação da realidade e dos comportamentos. Vendo a cultura por meio de suas diversas manifestações que produzem novas subjetividades e diferentes formas de ser, estar e entender o mundo.

Neste mundo atual globalizado e no qual vivemos, com os avanços tecnológicos, aceleração de procedimentos e encurtamento das distâncias, os meios de produção, circulação e troca cultural, têm se expandido de forma notória, exigindo novas formas de pensar, de estar e de conviver neste universo multicultural (HALL, 1997).

Portanto, segundo o autor, são de extrema relevância as reflexões que consideram a interdependência entre cultura, discurso e produção subjetiva. Sendo desta forma, a cultura compreendida como prática de significação e, o mundo social concebido,

⁰² United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.

como construído discursivamente.

Ele esclarece também, que o reconhecimento dos significados culturais se constitui enquanto parte da nossa própria identidade, através da sensação de pertencimento. Pois, os significados culturais compartilhados, atribuem sentido às produções materiais e imateriais, de forma que, outros decodifiquem ou interpretem de forma semelhante àquele que produziu, devido ao pertencimento ao mesmo grupo de representação cultural.

Partindo desta perspectiva, para a realização deste estudo focado na manifestação artística denominada de literatura surda, é necessário compreender que os textos literários emergem de discursos carregados de significados, compartilhados pelo povo surdo que os produzem e a partir da sua lente cultural. Sendo assim, embasado teoricamente em Hall, a autora surda Karin Strobel contribui com a seguinte definição:

Cultura Surda é o jeito do sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo, a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo. [...] O essencial é entendermos que a cultura surda é como algo que penetra na pele do povo surdo que participa das comunidades surdas, que compartilha algo que tem em comum, seu conjunto de normas, valores e de comportamentos (STROBEL, 2008, p. 24-25).

Para quem se interessa em aprofundar na cultura deste mundo visual, recomendando a leitura do livro *Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões* (Peixoto; Vieira, 2018), onde vinte autores de diferentes instituições de ensino, apresentam nove categorias que exemplificam artefatos/manifestações culturais produzidas por este povo: no núcleo familiar, no aspecto linguístico, no campo literário, nas artes visuais, na vivência social e esportiva, no âmbito político, em forma de materiais e através de práticas de cunho religioso, todas estas baseadas na experiência visual de mundo.

Esta ruptura com a visão clínica sobre as pessoas surdas, para assumir esta nova ótica cultural, é algo recente e que vem quebrando estereótipos e gerando novas posturas.

1.2 Surdos: um povo que se comunica através das mãos

Muito conhecido por ter cooperado de maneira relevante para a efetivação da visão antropológica da surdez, Oliver Sacks, professor inglês de neurologia clínica no Albert Einstein College of Medicina (Nova York) e autor do livro *Vendo Vozes – Uma viagem ao mundo dos surdos*, relata neste livro, que olhava para os seus pacientes surdos como “otologicamente prejudicados” ou “ouvidos doentes”.

Porém, após ver a vivacidade de vários surdos conversando e, ao mesmo tempo, a entender um pouco mais sobre a vivência de mundo dos surdos, o autor explica, continuando o seu relato, que começou a pensar neles não como surdos, mas como Surdos, como integrantes de uma comunidade linguística diferente (SACKS, 1990, p. 16).

Partindo desta perspectiva antropológica de quebra de paradigmas, em nosso país existe uma comunidade majoritária formada por ouvintes brasileiros, que se comunicam pela língua oficial do país, a Língua Portuguesa, e um grupo linguístico minoritário denominado de comunidade surda brasileira, que se comunica através da LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais (língua nacional reconhecida oficialmente pela Lei nº 10.436/2002 e regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005). As duas comunidades linguísticas residem no mesmo espaço geográfico, na mesma época, e compartilham do mesmo contexto: social, histórico, político e cultural do país.

Vale salientar que nesta realidade, onde essas duas comunidades linguísticas convivem num contexto comum, no Brasil é relevante ressaltar que, os termos “comunidade majoritária”, associado aos falantes da língua oral-auditiva do país, e “comunidade minoritária”, associado aos sinalizantes da língua visuo-gestual, não remete a superioridade de uma comunidade sobre a outra, e sim, à quantidade de integrantes. Com base nesta visão da diferença e não da deficiência, a vivência de mundo de cada comunidade possui especificidades interessantes, como destaca Salles et al. (2004, p. 36,38):

Os ouvintes são acometidos pela crença de que ser ouvinte é melhor que ser surdo, pois na ótica ouvinte, ser surdo é o resultado da perda de uma habilidade ‘disponível’ para a maioria dos seres humanos. No entanto, essa parece ser uma questão de mero ponto de vista. [...] Quebrar o paradigma da deficiência é enxergar as restrições de ambos: surdos e ouvintes. Por exemplo, enquanto um surdo não conversa no escuro, o ouvinte⁰³ não conversa debaixo d`água; em local barulhento, o ouvinte não consegue se comunicar, a menos, que grite e nesse caso, o surdo se comunica sem problemas. Além disso, o ouvinte não consegue comer e falar ao mesmo tempo, educadamente e sem engasgar, enquanto o surdo não sofre desta restrição.

A autora também apresenta outro exemplo muito instigante, sobre um menino surdo que demorou para se ver como diferente, pois sua condição era comum no seu núcleo familiar, no qual todos os integrantes eram como ele. A existência de irmãos, com quem interagiu e brincava, fez com que o menino demorasse a sentir necessidade de fazer amigos fora do círculo familiar.

Sendo assim, ao iniciar uma amizade com uma amiguinha vizinha, o meni-

⁰³ É importante destacar que esta comparação está sendo feita entre duas comunidades linguísticas de maneira geral. Contudo, um ouvinte fluente em Língua de Sinais, também dispõe dessas possibilidades.

no começou a perceber sua falta de fluência na língua de sinais. Até que um dia, este mesmo menino, muito preocupado, questionou a sua mãe buscando respostas para o problema da sua amiguinha.

A mãe então, precisou esclarecer para o filho que a família vizinha era ouvinte e não surda como eles. O menino questionou a mãe se apenas aquela família vizinha era assim diferente deles, ou se havia mais pessoas ouvintes. Sua mãe respondeu explicando que, na verdade, a maioria das pessoas são ouvintes e a minoria, é formada por pessoas surdas, fato que ele ainda não tinha tomado consciência (SALLES et al., 2004, p. 37-38).

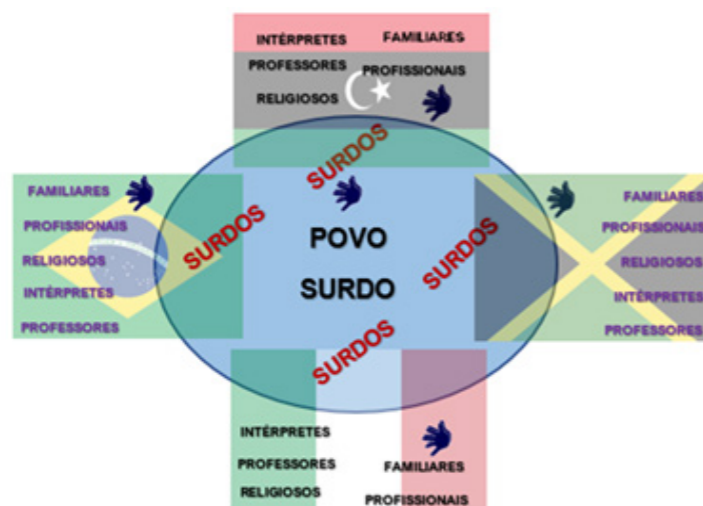
Este exemplo ressalta um fato relevante: para este surdo congênito não havia a sensação de deficiência ou perda, pelo contrário, para ele, eram os vizinhos que tinham um déficit de comunicação.

Desta maneira fica evidente que, na realidade, a sensação de perda auditiva vem do outro e não de si mesmo. Isso nos faz refletir que, no caso de um surdo nascido numa família onde todos os integrantes são ouvintes e apenas ele é o diferente, é necessário estimular o contato com outros surdos, para que este não conviva eternamente com o sentimento de deslocamento, ou seja, com a ausência da sensação de pertencimento à comunidade surda, algo que, como vimos, é fundamental para a sua construção identitária.

Este termo comunidade surda é muito utilizado no contexto dos estudos acadêmicos. Porém, se faz necessário um melhor entendimento da diferença entre este e o termo povo surdo, para avançarmos nas reflexões e discussões deste livro. Ao comparar as duas formas de denominar esta parcela da sociedade, surgem questões como: A comunidade surda é formada apenas por surdos? O povo surdo é formado apenas por surdos? Onde reside o povo surdo?

Observe com atenção a imagem a seguir, reflita e tente responder a estes questionamentos.

Imagem 1: A distinção entre Povo Surdo e Comunidade Surda.



Fonte: Elaborado pela autora.

Com base nesta imagem, acredito que você tenha conseguido responder as questões propostas, pois ficou mais fácil de compreender as diferenças.

Quando falamos comunidade surda, estamos nos referindo aos sujeitos surdos que moram em um determinado território, sob o mesmo governo e compartilhando de uma mesma realidade. Como exemplo, vimos na imagem: a comunidade surda libanesa, a comunidade surda jamaicana, a comunidade surda italiana e a comunidade surda brasileira.

Com isto, cada uma dessas comunidades possui experiências vividas por seus membros em locais de convivência comum, como: associações de surdos, escolas, igrejas, dentre outros espaços que favorecem o compartilhamento de vivências e o desenvolvimento de uma identidade comunitária.

Como vimos também na imagem, embora receba o nome de comunidade surda, esta comunidade linguística não se constitui, exclusivamente, por integrantes surdos, mas possui uma parcela de integrantes ouvintes que se comunicam em Língua de Sinais daquele país, militantes pela causa desta comunidade linguística como: familiares, intérpretes, religiosos, professores, profissionais e outros ouvintes bilíngues (STROBEL, 2008, p. 31).

Entretanto, quando utilizamos o termo povo surdo, este grupo sim, é formado apenas por surdos. Para esclarecer de forma exemplificada, pense na seguinte situação: uma pessoa estrangeira residente no Brasil há muitos anos, fluente em língua portuguesa, pode ser considerada participante da “comunidade linguística brasileira”, porém, não pertencente ao povo brasileiro. Da mesma forma que, uma pessoa ouvinte bilíngue, participante da comunidade surda, não é surda, pois sua origem é diferente. Portanto, não pertencente ao povo surdo.

Esta origem vai além da condição da surdez, como característica comum e que os qualificam como integrantes do Povo Surdo. Consiste na auto descoberta do deafhood (“Ser Surdo”), termo utilizado mundialmente por militantes desta Nação ou Pátria surda sem demarcação geográfica. Strobel (2008, p. 31, 33), define povo surdo como um grupo de:

Sujeitos surdos que não habitam **no mesmo local**⁰⁴, mas que estão ligados por uma origem, por um código ético de formação visual, independente do grau de evolução linguística, tais como a língua de sinais, a cultura surda e quaisquer outros laços. [...] Mas isto não quer dizer que o povo surdo se isola da comunidade ouvinte, o que estamos explicando é que os sujeitos surdos, quando se identificam com a comunidade surda, estão mais motivados a valorizar a sua condição cultural e, assim, passam a respirar com mais orgulho e autoconfiantes na sua construção de identidade e ingressam em uma relação intercultural, ini-

⁰⁴ Grifo nosso.

ciando uma caminhada sendo respeitado como sujeito “diferente” e não como deficiente.

Essas pessoas visuais⁰⁵ e integrantes de diversas comunidades surdas, identificadas por diferentes bandeiras, como vimos na imagem anterior, formam o povo surdo, que, por sua vez, não possui uma área no espaço delimitada por fronteiras, na qual exista a relação de posse ou propriedade. Porém, esses integrantes desta pátria sem território possuem qualidades em comum e que os caracterizam, como bem elencou a autora.

Se você já teve a oportunidade de participar de algum evento internacional de surdos, já constatou esta realidade, onde as fronteiras entre surdos de diferentes países são derrubadas pelas suas características em comum. Embora se comuniquem por línguas de sinais diferentes⁰⁶, as semelhanças de costumes e o compartilhar de lutas, rapidamente afloram na afinidade e na identificação com o outro, e que também vivencia o mundo baseado em experiências visuais, com produções culturais próprias.

Isto reafirma a definição vista anteriormente, a cultura “abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as formas de viver em comunidade, os sistemas de valores, as tradições e as crenças” (UNESCO, 2001).

Então, agora que refletimos um pouco sobre a forma de viver em comunidade dos sujeitos surdos, para uma melhor compreensão sobre os sistemas de valores e crenças compartilhados entre eles, a seguir, apresentaremos um pouco sobre as produções artísticas que emergem da cultura surda. Posteriormente, abordaremos a especificidade de uma tradição literária visual, e por fim, conheceremos os diferentes tipos de produções literárias do povo surdo e seus respectivos autores.

1.3 Arte: A manifestação da beleza no mundo visual

Segundo o filósofo alemão Friedrich Hegel (1770-1831), na sua publicação denominada de Cursos de Estética, em 4 volumes, publicada em 1835, a arte é uma necessidade universal.

Neste sentido, a estética é a parte da filosofia focada nas reflexões a respeito da beleza sensível e do fenômeno artístico. Consiste no estudo do que é belo nas manifestações naturais e artísticas.

O que nos leva a refletir sobre a etimologia do termo arte, que vem do latim “ars” e o termo correspondente no grego é “tékne”, sendo assim, o termo arte significa a técnica para produzir ou criar algo. Partindo desta compreensão, a arte é o produto da subjetividade humana, dos anseios, dos valores e da cultura de cada povo.

⁰⁵ Outra forma de chamar as pessoas surdas.

⁰⁶ As línguas de sinais, línguas de modalidade visuo-gestual, assim como as línguas orais, não se constituem como uma língua universal, como muitas pessoas pensam. Cada país possui, no mínimo, uma língua de sinais utilizada pela comunidade surda daquele país.

Por este caráter subjetivo, a definição de arte é variável com o tempo e de acordo com as diferentes culturas, porque de fato, a própria definição de arte é uma construção cultural sem um significado estático. Inclusive, pode haver diversas concepções do que é arte numa mesma época e numa mesma cultura.

Na Idade Média, as denominadas “artes liberais” eram classificadas em dois grupos: o Trivium e o Quadrivium. Eram inseridas no Trivium a Gramática, a Retórica e a Dialética; já no Quadrivium, eram a Aritmética, a Geometria, a Astronomia e a Música. Na categoria de “artes mecânicas”, designavam a Arquitetura, a Escultura, a Pintura e a Joalheria.

Em 1835, nos quatro volumes de Cursos de Estética, Hegel estabeleceu uma escala crescente, distinguindo as artes em: Arquitetura, Escultura, Pintura, Música e Poesia.

Ao abordar sobre esta organização das artes apresentada pelo filósofo, Rezende (2009, p. 20-21) analisa:

Nessa hierarquização da arte fica fácil perceber porque Hegel vê a arquitetura como a arte menos elevada, pois quanto mais uma arte depende da matéria corpórea para se representar, menos manifesta adequadamente a ideia. Por isso, situada acima da arquitetura, a escultura deixa de ser somente mecânica para dar forma à individualidade. De tal sorte que a escultura dá lugar às três artes da saída da arte, a fim de acabar com a espacialidade: a pintura, que pode apresentar formas para além da espacialidade física; [...] a música, que é o primeiro gênero artístico estético que consegue se desvencilhar totalmente da espacialidade. [...] Esse movimento de interiorização (própria das artes românticas) desemboca na poesia.

Nesta perspectiva, “A superioridade de uma forma de arte será medida inicialmente pela capacidade que esta possui de exprimir adequadamente – embora de maneira sensível – a verdade da ideia” (REZENDE, 2009, p. 18). Desta maneira, Hegel posiciona no primeiro degrau a arte da arquitetura, por não tornar explícita a ideia, tal como as palavras na arte da poesia, a mais elevada das artes.

Desta forma a arquitetura clama por uma escultura, que por sua vez, necessita de uma representação mais subjetiva. O autor evidencia com esta ordem de aprofundamento da expressão artística, que a forma exterior sensível do espírito e das coisas naturais é a esfera universal na qual se manifestam estas artes: a arquitetura (do tipo simbólico), a escultura (do tipo plástico-ideal) e a pintura (do tipo romântico) (HEGEL, 2004, p. 11).

Então, o gênero artístico denominado de música, rompe totalmente com a espacialidade, ou seja, com a representação por meio da forma, pois a matéria prima desta arte é o som. A existência do som não depende do espaço. Neste caso, o grau de

subjetividade é aprofundado e ligado diretamente ao âmbito sentimental. Porém, ao buscar um som estético dotado de significado que represente mais autenticamente a ideia, surge a arte mais elevada desta hierarquia, a poesia.

Sendo assim, por sua vez, a música busca a exatidão da palavra encontrada na arte da poesia, que junto da pintura e da música, constitui, segundo o autor, a categoria das artes românticas.

A poesia, a arte discursiva, é o terceiro, a totalidade que unifica em si mesma os extremos das artes plásticas e da música em um estágio superior no âmbito da interioridade espiritual mesma. Pois, por um lado, a arte da poesia, tal como a música, contém o princípio de perceber-se a si do interior enquanto interior, o qual escapa à arquitetura, à escultura e à pintura; por outro lado, expande-se no campo do representar interior, do intuir e do sentir para um mundo objeto que não perde inteiramente a determinidade da escultura e da pintura e é capaz de desdobrar mais completamente do que qualquer outra arte a totalidade de um acontecimento, de uma sequência, de uma alternância de movimento do ânimo, de paixões, de representações e o discurso fechado de uma ação (HEGEL, 2004, p. 12-13).

Além desta categorização das artes apresentada por Hegel, outras denominações e classificações surgiram. O termo muito conhecido “Sétima Arte”, foi proposto em 1912, por Ricciotto Canudo, para se referir ao Cinema. Partindo desta proposta, a Música é a arte do som, a Dança do movimento, a Pintura da cor, a Escultura do volume, o Teatro da representação, a Literatura da palavra e o Cinema, que surge para integrar os elementos das artes anteriores.

Embora considerada como mais consensual, esta categorização não é a única deste mundo hodierno. Há várias vertentes que abrangem outras artes nesta lista, como por exemplo: fotografia, televisão, games, HQ (histórias em quadrinhos), dentre outras.

Por uma questão de opção teórica, utilizaremos a ordem elencada por Hegel para apresentar a seguir, alguns exemplos de produções artísticas do povo surdo e acrescentaremos o cinema, por conter elementos estéticos, utilizados nos registros em vídeos, dos textos literários sinalizados, foco do nosso estudo.

Como apresentaremos a seguir alguns exemplos, é de suma importância elucidar que o movimento artístico do povo surdo ganhou o nome de *De’VIA*, abreviação de *Deaf View/Image Art* (a imagem e a arte na visão surda). Em 1989 no *The Deaf Way* (Caminho Surdo), foi um evento artístico que reuniu mais de 6.000 surdos de todo o mundo, na Universidade *Gallaudet*, para celebrar a cultura surda. Neste evento, os artistas surdos se reuniram e assinaram o manifesto *De’VIA*, definindo esta, como a arte baseada na temática das experiências surdas, com tendência em dar ênfase às características faciais, especialmente olhos, bocas, ouvidos e mãos. A finalidade do manifesto

era diferenciar este movimento artístico das demais produções artísticas, que embora, de autoria surda, expressavam artisticamente outros temas e nos mesmos padrões que os artistas ouvintes.

1.3.1 Arquitetura

Frequentemente quando as pessoas surdas se reúnem, primeiramente reorganizam o mobiliário em um círculo de conversa, para permitir que todos tenham uma visão clara dos participantes com a finalidade de melhorar a integração e comunicação. Posteriormente ajustam as persianas e a iluminação, para otimizar a comunicação visual e reduzir a fadiga ocular. [...] muitas vezes fazem novas aberturas nas paredes, colocam espelhos e lâmpadas em lugares estratégicos para aumentar a consciência sensorial e manter a conexão visual entre as pessoas (FRANSOLIN et al., 2016, p. 2).

Esta afirmativa retrata a realidade cotidiana das “pessoas visuais”, que reflete a necessidade de produção artística no campo da arquitetura, devido a forma “(...) do sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo, a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais” (STROBEL, 2008, p. 24).

Tsymbal (2010), no trabalho intitulado de *O espaço dos surdos e o mundo visual, edifícios que falam: uma escola primária para surdos*, apresenta um estudo com aplicação dos conceitos do DeafSpace para escola primária em Rockville, Maryland, EUA. *DeafSpace*⁰⁷ consiste em uma metodologia desenvolvida pelo arquiteto Hansel Bauman, em parceria com a *Gallaudet University*⁰⁸, para elaboração do programa de adequação arquitetônica do edifício de dormitórios da *Gallaudet University*, em Washington D.C.

Para tanto, Bauman realizou análises do ambiente com câmeras de vídeo e uma série de entrevistas com alunos, professores e funcionários da *Gallaudet University*. Isto resultou na elaboração de um documento com mais de 100 orientações, divididos em 5 princípios para espaços de vivência e interação de pessoas surdas, publicado como os Cinco Preceitos do *DeafSpace* no site da instituição⁰⁹.

1º) Alcance Sensorial: Para a orientação espacial e promoção de segurança e bem-estar os projetos de ambientes precisam facilitar a consciência espacial “em 360 graus”.

2º) Espaço e Proximidade: Tem por finalidade preservar a distância que permite a visualização da expressão facial e o entorno dos seus interlocutores, pois o espaço necessário para dois surdos conversarem, é maior do que o necessário para uma

⁰⁷ Espaço de Surdo, também chamado de Espaços Surdos.

⁰⁸ Instituição referência, mundialmente reconhecida na educação para surdos.

⁰⁹ <https://www.gallaudet.edu/campus-design-and-planning/deafspace> - As diretrizes e imagens foram extraídas deste site acessado em 25/09/2020.

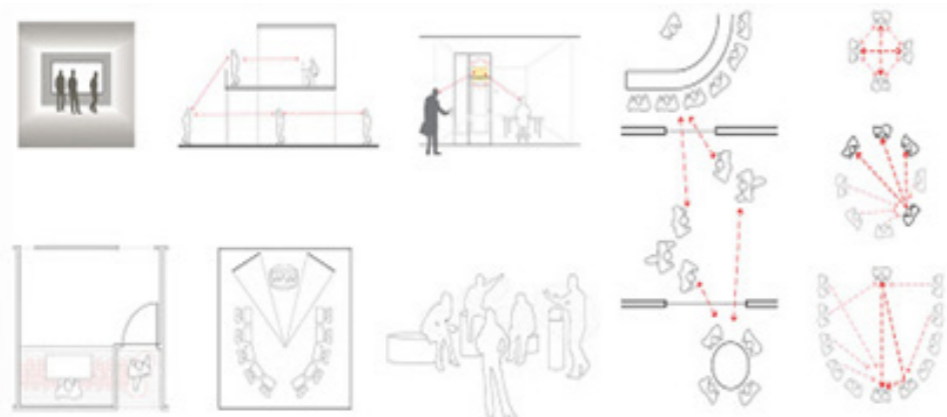
conversa falada.

3º) Mobilidade e Proximidade: Os espaços de mobilização, como por exemplo, os corredores, precisam garantir a distância necessária para a comunicação entre os surdos, enquanto caminham neste espaço, bem como, permitir que eles alternem o olhar entre o interlocutor e os arredores, para verificar riscos e manter a direção correta. Divisórias transparentes são muito bem-vindas de acordo com esta diretriz.

4º) Luz e Cor: A adequação da iluminação e elementos arquitetônicos para o controle da luminosidade do dia, são medidas relevantes para manter a luz adequadas às necessidades dos surdos, prevenindo a fadiga ocular e a interrupção da comunicação. Já a cor, precisa ser contrastante aos tons de pele para destacar a língua de sinais.

5º) Acústica e Interferências Eletromagnéticas: Ondas sonoras que se propagam em superfícies rígidas podem ser perturbadoras, e até mesmo dolorosa, especialmente para pessoas que utilizam AASI¹⁰ implantes cocleares. Com base nisso, os espaços devem ser concebidos para reduzir seus efeitos e os ruídos de fundo.

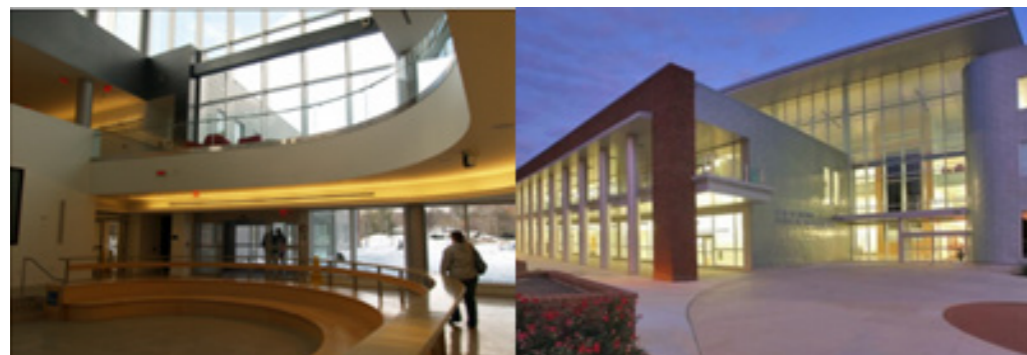
Imagem 2: Metodologia DeafSpace



Fonte: <https://www.gallaudet.edu/>

Essas diretrizes publicadas por Bauman, são de extrema relevância para ambientes surdos, que além da acessibilidade e do conforto, expressam uma beleza singular, por meio desta arte, que, segundo Hegel, é do tipo simbólica. Como é possível constatar nesta imagem a seguir, de um ambiente que possui características de construção e design, que refletem princípios da metodologia para Espaços Surdos.

Imagem 3: Universidade Gallaudet, Washington D.C.



Fonte: Tsymbal (2010).

¹⁰ Aparelho de Amplificação Sonora Individual, conhecido como aparelho auditivo.

1.3.2 Escultura

Imagem 4: Escultura mais produzida por surdos em todo o mundo



Escola da Carolina do Sul para Surdos e Cegos

Escola Qi Cong localizada em Taipei - Taiwan

Fonte: www.roadsideamerica.com/story/67330e wikipedia.org

O povo surdo produz diversas obras desta arte, considerada como do tipo plástico-ideal para Hegel e a arte do volume para Canudo. Porém, sem dúvida há uma escultura que é a mais reproduzida em diversos países, pois representa um léxico na Língua de Sinais, reconhecido em toda parte do mundo: I love you (Eu amo você).

1.3.3 Pintura

Imagem 5: Obras de Nancy Rourke



Fonte: <https://deaf-artist.com>

Nancy Rourke é um importante nome da atualidade e que utiliza a arte como resistência na cultura surda. Esta pintora surda agrega as características do movimento De'VIA em suas obras, tais como: Contraste e/ou cores intensas; Foco centralizado: ênfase em características faciais (olhos, bocas, orelhas e/ou mãos); Uso da ASL - Língua de Sinais Americana.

Como representante deste movimento artístico no Brasil podemos citar a artista plástica Fernanda Machado.



Imagem 6: Quadro de Fernanda Machado
Fonte: <https://culturasurda.net>

1.3.4 Música

A música sinalizada também chamada de “música sem som”, por não ser cantada por meio da voz, quebra paradigmas e inova com muita beleza e harmonia a arte, na qual geralmente, a matéria-prima é o som.

Dentre as variações desta manifestação artística no contexto da cultura surda, escolhemos para exemplificar uma forma muito peculiar utilizada no contexto religioso de surdos de vários países: música composta por autores surdos, sinalizada com o acompanhamento do instrumento musical de percussão chamado de “surdo” (PEIXOTO; POSSEBON, 2018).

Imagem 7: Música sinalizada com o acompanhamento do “surdo”

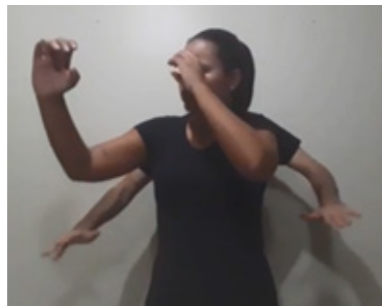


Fonte: Peixoto; Possebon (2018, p. 194)

1.3.5 Poesia/Literatura

A arte na qual a matéria prima é a palavra, ou sinal, no caso da produção literária em língua de sinais, é posicionada por Hegel como a mais elevada, mais especificamente a poesia, como representante da Literatura neste status. A seguir apresentamos uma imagem com um trecho da obra Dia dos Surdos, dueto de Tamara Pereira e Alexandre Moreira. Poetas surdos, integrantes da comunidade surda paraibana.

Imagem 8: Poesia sinalizada Dia dos Surdos



Fonte: No canal da poetisa no youtube.com

1.3.6 Cinema

Sobre esta arte é importante compreender que “os cineastas têm a maior tela e a aquarela mais completa que se pode imaginar. Com elas, eles podem moldar imagens que se comunicam com quase todos que as vê” (HUNT, 2013, p.14).

Um exemplo de uma produção artística cinematográfica surda nacional é o curta metragem O Caso Libras (2011), escrito por Melise Maia e Clara Deak. O fil-

me conta a história de um casal de surdos estrelado por Fernanda Machado e Bruno Ramos atores surdos, conhecidos na comunidade surda também por suas produções literárias.

Imagem 9: Filme feito por surdos



Fonte: <https://filmow.com/o-caso-libras-t82887/>

Anteriormente abordamos sobre a o movimento artístico De’VIA, voltado principalmente para artes plásticas. Desta forma, em 2009, no 20º aniversário do movimento, foi publicado um novo manifesto do artista e ativista francês Arnaud Balard, o manifesto do Surdism ou Surdismo, como é chamado em português e que é uma versão expandida do De’VIA, pois inclui outras produções artísticas como: teatro, cinema e literatura.

2

A beleza literária através das mãos: um presente transmitido entre gerações



Ao refletirmos sobre o potencial criativo do ser humano que utiliza a matéria prima palavra/sinal. Esta capacidade de fabulação, precisa ser entendida como um componente que lhe é intrínseco, um atributo da vida psíquica, que responde aos estímulos externos do tempo e espaço de onde ele vive.

O aflorar dessas representações evoca necessariamente a imaginação. Esta faculdade fabuladora por excelência que, ao transbordar a conotação intelectual, se manifesta na arte da literatura. Suas possibilidades expressivas alcançam distintas visões de mundo, temas, formas, estruturas e tendências artísticas.

Definir a literatura não tem sido uma tarefa fácil. A tentativa de conceituá-la foi recorrente por escritores, teóricos e críticos. Sua origem vem daquilo que distingue o homem dos outros animais, o uso da linguagem, com a qual foram nomeados seres plantas, montanhas, rios, e posteriormente reproduzidos em desenhos, simbolizados por sons, gestos e palavras.

Na Grécia Antiga, surgiram as primeiras reflexões sobre a natureza do fazer literário e a reflexão sobre como o real era transfigurado ficcionalmente.

Nascendo assim, na Antiguidade Clássica, dois polos em que se ampara, ainda que transversalmente: em um deles, predomina o componente ético, determinando sua validade a partir de critérios morais, políticos e filosóficos (visão de Platão). E, no outro, ascende a percepção de que a literatura, como toda expressão artística, porta uma autonomia em sua realização a partir dos procedimentos formais, temáticos e estruturais que lhe são próprios (visão de Aristóteles). A aparente dicotomia entre, as perspectivas platônicas e aristotélicas sobre o fazer literário, ganha outras nuances ao longo do tempo.

Partindo de estudos da contemporaneidade, é possível encontrar opiniões de autores que se complementam. Uma prova disso é a defesa de que a literatura não pode ser isolada por nascer do sujeito coletivo da espécie humana apresentada por Eagleton (2003), ideia esta, apresentada também por Derrida (2014), ao defender que para uma obra se tornar legível, é preciso que ela seja compartilhada, que participe e evidencie o sentimento de pertencimento, se opondo a ideia de isolamento.

Outra maneira de pensar literatura é apresentada por Compagnon (2001), um ponto de vista mais pragmático, onde a obra literária agrega o valor de utilidade. Sendo assim, para o autor, uma obra é considerada literária se a mesma, possuir uma função. Segundo ele, a literatura deve construir valores.

Existe uma concordância entre Eagleton (2003), Derrida (2014) e Compagnon (2001), com a certeza de que, nenhuma teoria isolada é suficiente para conceituar definitivamente e com excelência, o que é Literatura. Compagnon conclui dizendo que “Literatura é literatura”, enquanto que Derrida afirma que nenhum critério interno pode garantir a “literariedade” essencial de um texto, e Eagleton afirma que tudo que temos agora por literário, não está garantido que assim o continue. Com base nisto, cabe dizer que Literatura é algo além de um conceito.

A amplitude da indagação – O que é literatura? – vai além da possibilidade de alcançarmos uma resposta definitiva, para esta questão tão complexa. Então, em concordância com Cândia (1976), nos convém aceitar suas conexões com: as intenções e estilo do autor, com o mundo como sujeito e matéria da obra, com a recepção do leitor, com a tradição de uma história literária e com os juízos de valor de cada época. Pois, é do cruzamento do real simbolizado pela palavra como arte, associada à vida, que a literatura assume sua existência e exerce grande poder transformador na humanidade.

2.1 As Tradições Literárias

Com base na etimologia da palavra tradição, ela vem do latim (*traditio*) e que significa entregar, passar adiante transmitir. Desta forma, em todas as tradições, há uma “atitude de entrega”, uma doação, um presente, passado de pai para filho, ou seja, de geração para geração. Todo sujeito é herdeiro de um legado, de uma tradição que abrange: hábitos, normas, convenções, procedimentos, práticas e valores que emergem da sua cultura. Por tanto, vamos refletir sobre as tradições literárias nas duas comunidades linguísticas (ouvinte e surda) e a preocupação de garantir a preservação de obras através do processo de textualização.

2.1.1 Tradição Oral

Vivemos em um mundo repleto de palavras escritas por toda parte, seja em placas, cartazes, camisetas, embalagens e até mesmo nos corpos em forma de tatuagens.

Nesta realidade, as letras (fonemas) unidas em sequências formam as palavras, as palavras (léxicos das línguas orais, cada um com seu valor semântico e pragmático) unidas e sintaticamente organizadas, formam as frases (sentenças), organizadas com uma determinada sequência, que geram os textos de diversos tipos (gêneros) e, os textos artísticos, criados com uma linguagem diferente da linguagem usada no cotidiano, que geram a literatura.

Contudo, a escrita não é algo que sempre existiu, os povos primitivos transmitiam suas informações de geração para a geração, através da tradição oral, ou seja, a transmissão de conhecimentos entre gerações por intermédio da oralidade.

Originalmente nesta tradição, o armazenamento de textos dependia única e exclusivamente da memória humana. Sendo assim, a transmissão às futuras gerações de, por exemplo, lendas, fábulas, poesias, contos, dentre outras produções literárias, só era possível através da comunicação oral e que ocorria por meio do contato de um ser humano com outro.

Ao surgir a nova forma de registro (a escrita), o conhecimento compartilhado por um povo não se restringiu mais a memória dos integrantes deste grupo, mas, pôde ser a perpetuada e lida por qualquer pessoa, em qualquer momento, e em qualquer local do planeta.

Vale salientar que, mesmo depois do surgimento do registro escrito e de sua

evolução ao longo das décadas, a literatura, não se limita em textos organizados em formato de livro como muitas pessoas ainda acreditam, devido à etimologia da palavra, pois sua origem é do termo em latim *littera*, que significa letra, reportando assim, a ideia de texto escrito.

Marisa Lajolo, no livro *O que é Literatura* (1984), lembra que, um marco decisivo para a transformação sobre a visão do fazer literário, foi o surgimento do Cristianismo. Com ele, os templos gregos e romanos deram lugar as catedrais vitrais coloridos e de torres pontiagudas e, assim, a literatura, passou a abranger diferentes formas de expressão, desempenhando novos papéis na vida do ser humano e na coletividade.

Diante disto a tradição oral, as narrativas populares, as cantorias de trabalho, as canções trovadorescas e as novelas de cavalaria, os fantoches e as pantomimas nos quadros da Igreja, ampliaram o entendimento de texto criado pelo povo, naquele microcosmo social.

O fato da cultura popular e da oralidade emergirem como marcas da Idade Média, isto não ofusca o fato de que, elas estavam imersas em sociedades organizadas em padrões sociais extremamente rígidos, divididas entre nobres e plebeus, senhores e servos - época em que os textos escritos eram poucos e para poucos. Logo, o surgimento da escrita e consequentemente de uma sociedade letrada não anulou a existência da literatura oral. Em concordância com isto, Rodrigues (2012, p. 51-52) esclarece:

As cantigas, os folhetos de cordel, os romances orais, os contos, as fábulas e demais espécimes literários, provenientes da criação popular, dialogam com o passado e suas ideologias. Entretanto esse contato com as nossas raízes jamais implicará uma acomodação ingênua ao conservadorismo. Estamos nos referindo a artefatos linguísticos que não estão presos em bibliotecas, que não estão aprisionados em pergaminhos, que não estão sob o jugo de escribas e letrados. Pelo contrário, gozam da liberdade dada pelo tempo. Com uma estilística e uma estética própria, o povo transforma os seus amores, as suas alegrias, as suas decepções, a sua visão sobre o mundo em poesia. A cada novo tempo, em todo distinto espaço, o texto popular é modificado pelas gerações. A modernidade filtra o discurso, dando feições singulares à tradição, que se renova porque se deixa influenciar pelo desconhecido, pelo estranho, pelo novo. O conhecimento erudito e a sabedoria popular não se anulam, mas antes cruzam-se e se contaminam.

2.1.2 Tradição Sinalizada ou Tradição Visual



Fonte: Elaborado pela autora

Este esquema apresenta de maneira resumida a análise comparativa entre a Tradição Oral e a Tradição Sinalizada, no contexto da nação brasileira.

Desta forma, temos no Brasil, a comunidade ouvinte, que constrói sua vivência de mundo, basicamente através de informações sonoras, como por exemplo: na mais tenra idade, ouve e aprende com a voz da mãe e os significados para cada entonação, depois aprende a identificar os diferentes sons (chave caindo, buzina de carro sendo tocada, campainha da porta tocando, filho chorando, dentre outros). Vale salientar, que tudo isso pode ser ouvido enquanto se faz outra tarefa e olha para outro lado.

Esta comunidade linguística, se comunica através da Língua Portuguesa, língua de modalidade oral-auditiva, na qual a recepção acontece pelo canal sensorial da audição e a expressão ocorre oralmente. Através da oralidade, desde os tempos primitivos, esta comunidade compartilhava contos, fábulas, lendas, e recitavam poesias, sem o registro escrito, através da transmissão de uma tradição oral.

Com a textualização, ocorre a transição para produções literárias registradas através da escrita, resultando em publicações impressas ou livros digitais (e-books), na sua maioria, e não exclusivamente, pois, atualmente coexistem a tradição escrita e oral.

Como exemplo disso, podemos citar o Slam, como poesia oral do mundo hodierno. Culminando assim, nas produções literárias desta comunidade ouvinte, denominada de Literatura Brasileira.

Por outro lado, no mesmo território brasileiro vive a comunidade surda, que constrói sua vivência de mundo baseada em informações visuais, como por exemplo: na mais tenra idade, vê e aprende os gestos/sinais da sua mãe e os significados para cada expressão facial/corporal dela; depois, aprende a identificar as diferentes informações visuais (acompanhando com o olhar o objeto caindo, ou a expressão de alguém olhando para baixo; vê pelo retrovisor do carro, a expressão do motorista ou o farol acendendo e apagando; visualiza a campainha luminosa, quando há alguém na porta; vê na babá eletrônica que o filho está chorando; dentre outras).

Esta comunidade linguística se comunica através da Língua Brasileira de Sinais, língua de modalidade visual-gestual, na qual a recepção acontece pelo canal sensorial da visão, e a expressão ocorre através da sinalização produzida pelas mãos. Partindo do contato com seus pares e da organização como comunidades surdas, através da comunicação sinalizada, os sujeitos surdos compartilhavam entre eles, contos, fábulas, lendas, e poesias criadas em Libras, sem o registro escrito, através da transmissão de uma considerada recente, tradição sinalizada ou tradição visual.

Com a textualização, ocorre a transição para produções literárias registradas através de vídeos, resultando na sua maioria e não exclusivamente, em publicações de livros digitais, pois, no contexto desta comunidade coexistem a tradição sinalizada e escrita. Embora seja maioria as obras literárias registradas em vídeo, há publicações registradas em Escrita da Língua de Sinais e em Língua Portuguesa, como veremos posteriormente, nos exemplos que apresentaremos. Sendo assim, o conjunto de obras autorais produzidas por sujeitos surdos e integrantes desta comunidade linguística, é denominado de Literatura Surda.

De acordo com as especificidades apresentadas nesta análise comparativa, se tornam notórias as especificidades da literatura produzida pela comunidade surda e a sua consideravelmente recente tradição, pois, não podemos apresentar dados de uma literatura produzida por surdos, dos tempos primitivos, na antiguidade.

Isto só ocorre depois do contato com seus pares e da formação de comunidades surdas, pois ao longo da história mundial dos surdos, é evidenciado que, quanto mais se investe na educação desse público, ocorre o crescimento cultural, a evolução linguística, e, conseqüentemente, o desenvolvimento da literatura produzida por este povo é inevitável, como é possível constatar na imagem abaixo, seguida de um resumido panorama histórico.

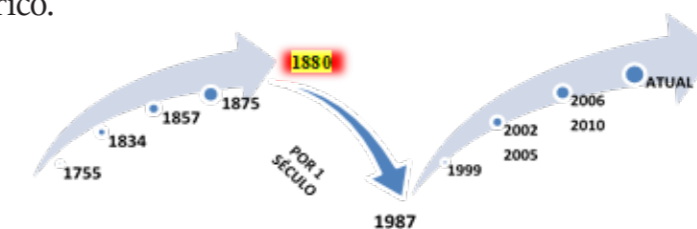


Imagem 11: Gráfico de panorama histórico do povo surdo - Fonte: Elaborado pela autora

Na Antiguidade - Os surdos eram vistos como não educáveis, não pensantes, seres amaldiçoados, então eram mortos em sacrifícios aos deuses.

Na Idade Média - Primeiras iniciativas de educar surdos nobres herdeiros de riquezas.

1755 - Fundação da 1ª Escola de Surdos, com a metodologia que utilizava a Língua de Sinais, para o ensino da leitura e escrita. Criada na França pelo abade Charles Michel L'Eppé, esta instituição abriu as portas para profissionais de outros países para aprenderem seus métodos educacionais, conseqüentemente, ao voltarem para seus países, estes educadores fundavam escolas de surdos, seguindo o modelo francês.

1834 - No auge desta época áurea, em diversos aspectos – com a emancipação, a aquisição da cidadania e a ocupação de posições importantes na sociedade, por parte dos surdos como, intelectuais, filósofos, engenheiros, antes vistos como incapazes – um grupo de 10 surdos criaram um importante evento e que se tornou anual: O Banquete de Surdos. Com o objetivo de celebrar as conquistas e o importante trabalho na educação de surdos realizado por L'Eppé, o Banquete de Surdos, reunia anualmente vários países e virou uma tradição, que fortaleceu a cultura do povo surdo em todo o mundo. É possível conceber a ideia de que a prática de transmissão de textos sinalizados literários no contato surdo-surdo, embora sem nenhum tipo de registro, tenha adquirido força durante estes encontros anuais, ambiente bastante propício para criação de narrativas de humor, declamação de poesias, dentre outros diversos gêneros.

1857 - Fundação oficial em 26 de setembro de 1857, do INES - Instituto Nacional de Educação de Surdos ¹¹, a primeira escola de surdos no Brasil. Herança do modelo educacional criado por L'Eppé, tendo como fundador e 1º diretor, o professor francês E. Huet ¹². No início, o INES funcionava em regime de internato, então os surdos conviviam com seus pares 24 horas e diariamente. Neste ambiente, a língua de sinais brasileira se desenvolveu, com liberdade, assim como, o compartilhar de valores e histórias vivenciadas e criadas por aqueles alunos, que eram contadas entre eles. Com isso, a tradição sinalizada ganhou muita força.

1875 - Publicado o 1º livro no Brasil de um autor surdo: Iconografia dos Sinais dos Surdos, de Flausino José da Gama, fato este, resultado do fortalecimento da comunidade surda brasileira daquela época.

Mas, infelizmente esta fase de ouro não durou muito tempo.

1880 - Marco que mudou o percurso histórico do povo surdo. Neste ano foi realizado em Milão, um congresso com a presença de representantes dos institutos de educação de surdos da Europa e das Américas. A partir deste evento, iniciou a era do

¹¹ Na época chamado de Instituto Imperial de surdos-mudos.

¹² A historiadora e ex-diretora do INES, professora Solange Rocha, constatou em seus estudos nos acervo da instituição, que em nenhum dos documentos assinados pelo diretor francês, o seu primeiro nome é revelado. Sua assinatura possui apenas uma pequena variação E. Huet ou E. D. Huet. Isto é um dado importante, pois em muitas publicações há referências a ele equivocadas, com os nomes: Ernest Huet ou Eduard Huet (ROCHA, 2008, p. 28).

Oralismo Puro, que se estendeu por 100 anos, onde o foco da educação de surdos era o ensino da língua oral, pois, este método foi considerado superior ao método educacional com a Língua de Sinais. Com isso, as escolas passaram a proibir o uso da Língua de Sinais em sala de aula. Isto repercutiu negativamente na história de surdos de diversos países, trazendo implicações no âmbito educacional, cultural e literário dos surdos. Impedidos de se comunicarem através da língua de sinais, como compreenderiam as aulas? Como o Povo Surdo poderia transmitir seus valores para outras gerações? As implicações para o âmbito literário foram lastimáveis, pois, as fábulas, poesias, histórias, piadas, de autores surdos criadas antes de 1880 foram perdidas, ficaram, apenas, na memória dos surdos que já morreram. Se não fosse por esta interrupção, as produções continuariam, cada vez com mais força e liberdade transmitidas pela tradição sinalizada, até o surgimento da tecnologia capaz de registrar estes textos sinalizados. Então, hoje, poderíamos conhecer mais da Literatura do Povo Surdo.

1987 - As coisas começaram a mudar, quando de maneira facultativa, foi inserida a Língua de Sinais no projeto educacional do INES, como consequência da conquista de status linguístico da Língua de Sinais, atribuído por estudos realizados por Willian Stokoe.

1999 - Publicada a primeira coletânea da Literatura Surda registrada em vídeo no Brasil, pelo autor surdo Nelson Pimenta,.

2002/2005 - Publicada no Brasil a Lei nº 10.436/2002, que reconheceu a Libras como a língua da comunidade surda brasileira. Esta Lei, de reconhecimento como língua nacional, foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626/2005, que apresentou relevantes diretrizes. Este aparato legal significou uma reviravolta, evidenciando conquistas que refletem anos de lutas e militância desta comunidade linguística. Vale ressaltar um outro acontecimento, que embora não esteja ligado diretamente a história dos surdos, significou um importante avanço tecnológico para o registro e transmissão dos textos sinalizados de diversos gêneros, a criação da plataforma de compartilhamento de vídeos, Youtube, em 24 de fevereiro de 2005, na Califórnia.

2006/2010 - Entre as diretrizes apresentadas no Decreto, havia uma regulamentação da formação de professores para o ensino de Libras, o que proporcionou o surgimento do curso de Licenciatura em Letras, com habilitação em Libras. Os pioneiros foram na modalidade a distância na UFSC (2006) e na UFPB (2010), com alunos de diversos estados. Entre as disciplinas deste curso, a Escrita da Língua Sinais e a Literatura Surda, foram de grande importância para a evidente expansão literária da comunidade surda brasileira.

Atualidade - Podemos afirmar que estamos vivendo em uma nova época áurea, com o crescimento de estudantes surdos em cursos de Pós-graduação e a atuação de professores surdos Mestres/Doutores nas Instituições Federais de Ensino Superior, vêm rompendo cada dia mais, o estereótipo dessas pessoas como incapazes, e como vimos, construído desde a antiguidade, e infelizmente, ainda presente no imaginário de alguns integrantes desinformados da sociedade ouvinte. Destarte, a cada ano as cele-

brações anuais pelo dia nacional dos surdos, festejado em 26 de setembro¹³, apresenta mais motivos de conquistas e reúne mais forças para continuar lutando. E ainda, após 162 anos, um surdo voltou a ser diretor do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). O ex-aluno e professor, Paulo Bulhões, que tomou posse em 16 de janeiro de 2019, o que não ocorria desde a sua fundação.

Agora que refletimos, embora de forma breve, sobre o desenvolvimento educacional-linguístico-cultural-literário na trajetória histórica dos surdos, vamos conhecer um pouco mais sobre suas produções literárias.

2.2 Literatura Surda, Literatura em Libras ou Literatura Visual?

Há muito a ser refletido sobre esta recente tradição literária, porém, tão rica em beleza e especificidades. O questionamento deste subtítulo sobre a terminologia mais adequada, emerge de uma evidente necessidade, de uma melhor compreensão sobre os tipos de produções literárias da comunidade surda brasileira e como nomear suas categorias.

2.2.1 Literatura Visual

Este é o termo mais amplo, que abrange todas as produções da comunidade linguística que se comunica através da língua visual-gestual. Consiste no todo, composto pela: Literatura em LIBRAS e pela Literatura Surda. Isto quer dizer que, engloba também as produções literárias de ouvintes integrantes desta comunidade linguística.

Contudo, nada impede, por exemplo, de um familiar, professor ou intérprete de Língua de Sinais, compor uma obra pertencente a Literatura Visual. No entanto ainda assim, esta não é considerada uma autêntica Literatura Surda, pois o autor é ouvinte. De igual modo, por exemplo, uma obra de um autor alemão que mora no Brasil, fluente em português, não pode ser considerada uma autêntica obra da literatura brasileira, e sim uma obra disponível em Língua Portuguesa.

Imagem 12: Exemplo de Literatura Visual (outras produções)

O Balé das Mãos
Autor: Alexis Aguavo (ouvinte, irmão do surdo Falk Moreira)

Em meio a mil palavras
 Um único gesto molda toda a expressão do sentimento
 O corpo se expressa com desenvoltura
 E as mãos seguem graciosamente cada movimento
 Ouvidos trocados pelos olhos em uma escuta atenciosa
 E o balé das mãos segue incansável e incessante.
 O Silêncio quebrado às vezes pelo baque das mãos
 Só o silêncio, e as mãos seguem de forma majestosa.
 Cada par de mãos, iguais, e ao mesmo tempo diferentes.
 Dando mais uma graça a esse belíssimo espetáculo
 Onde cada movimento completo o próximo, e é completado pelo anterior.
 Cada forma, expressando todo o sentimento em si, presente.
 E mesmo no fim quando elas dão o sinal de adeus no fim do espetáculo,
 A levamos em nossa memória, em nossa alma e coração.
 A recordação daquela dança de movimentos, expressões e sentimentalismo,
 A magia fantástica do glorioso Balé das mãos.

Fonte: isiscoscam.wordpress.com/2010/10/17/surdez/

¹³ Data oficializada pela Lei nº 11.796, de 29 de outubro de 2008 e escolhida em homenagem a data de criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos em 26 de setembro de 1857.

2.2.2 Literatura em Libras

Consiste em uma literatura de autoria ouvinte traduzida, para a Libras de forma imparcial, ou seja, os textos das obras originais não podem sofrer modificações no seu conteúdo. Esta categoria, abarca as obras para Surdos e não de Surdos. Há traduções registradas por Surdos e por Ouvintes, para a Libras na modalidade escrita, através do uso da ELS (Escrita da Língua de Sinais) ou Sign Writing e para a modalidade sinalizada.

Imagem 13: Exemplo de Literatura em Libras (Poema No meio do caminho, de Carlos Drummond de Andrade, traduzido por Edneia Alves)



Fonte: Acta Semiótica et Linguística v.22, n.2 (2017)¹⁴

2.2.3 Literatura Surda

Este tipo de produções literárias engloba as obras criadas e recriadas, partindo da vivência e de valores da cultura surda. Sendo assim, as obras recriadas, chamadas também de adaptações, abrange obras que tanto podem ser em Língua Portuguesa ou em Língua de Sinais na modalidade escrita ou sinalizada.

Em síntese, uma obra da literatura visual, pertencente à categoria literatura surda, do tipo de produção adaptada, consiste na adequação cultural de textos literários clássicos, visando gerar contextualização e uma maior aproximação do leitor surdo com a obra e seus elementos. Então as obras adaptadas, são recriações, ou seja, novos textos, que partem das obras originais, promovendo, assim, uma releitura dos elementos como: personagens, época, lugar, entre outros presentes na obra literária em questão.

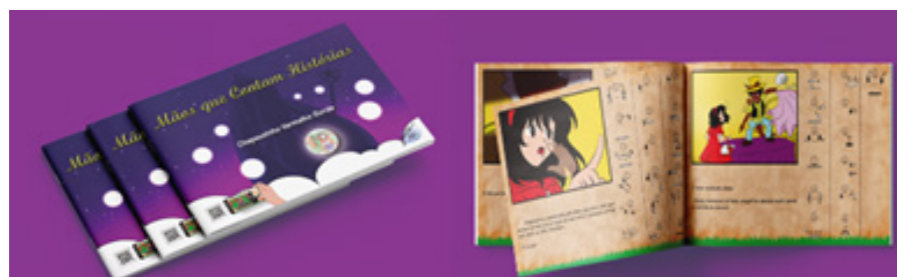
Por outro lado, ao se tratar de uma obra autoral surda, nos referimos à essência da literatura surda, pois, tem sua origem na cultura do povo surdo, com raízes na sua história e na vivência de mundo baseada em experiências visuais. Refere-se às obras, na maioria, geradas em língua de sinais, inspiradas e produzidas por sujeitos

¹⁴ Disponível em <https://periodicos.ufpb.br>

surdos na sua língua natural e, em sua grande maioria, registrada nesta mesma modalidade sinalizada.

Em síntese, uma obra da literatura visual pertencente à categoria literatura surda e dependo do tipo de produção criada, necessariamente, consiste em uma obra de autor surdo, que pode ser produzida em Língua Portuguesa e em Língua de Sinais, nas modalidades escrita ou sinalizada.

Imagem 14: Exemplo de Literatura Surda (do tipo adaptação)



Chapeuzinho Vermelho Surda (imagem anterior), do autor João Batista Alves de Oliveira Filho (surdo cearense), é um exemplo de obra da Literatura Surda, do tipo adaptação, contada através da língua portuguesa, escrita de sinais e usando o QR-code, da Libras.

Quanto as obras literárias do tipo criação, listaremos a seguir 70 exemplos de obras poéticas e que foram coletadas entre 2017 a 2020 no site do youtube.com. Esta lista de obras mais recentes vem para atualizar a lista de 70 obras coletadas de 2013 a 2016 em Peixoto (2016).

OBRAS COM A TEMÁTICA: MUNDO SURDO			
POESIA	AUTOR	POESIA	AUTOR
<i>Estranhos no Mar</i>	Renata Freitas	15 anos da Lei de Libras	Jonathan Alvez
<i>O Grito</i>	Sabrina Catarino	23 de setembro Dia Internacional das Línguas de Sinais	Maurício Barreto
<i>Ouvintes e Surdos: Fofoca venenosa</i>	Marília Ignatius Nogueira Carneiro	Deaf ASL Libras	Maurício Barreto
<i>O mudinho</i>	Edvaldo Santos	Dia 24 Abril Lei de Libras (Bruce Lee)	Maurício Barreto
<i>Negro surdo</i>	Edvaldo Santos	Dia do Intérprete/ Tradutor de Libras	Maurício Barreto
<i>Mar de Libras</i>	Carlos Eduardo Vilela	Lei de Libras	Maurício Barreto
<i>Educação para surdos</i>	Flavio Kottwitz	Eu não sou...	Bruna da Silva Branco
<i>Formandos Surdos em Libras</i>	Wilson Santos	Homenagem do INES para Surdos	Nelson Pimenta
<i>Chega de pena</i>	Renata Freitas	Surdo Orgulho	Nelson Pimenta
<i>Orgulho Surdo!</i>	Mariana Ayelen	Pra Sempre	Rodrigo Custódio
<i>Lei de Libras 18 anos</i>	Alan Godinho	Vocês me olham, sou surdo	Fábio de Sá

<i>Lei da Libras</i>	Fernanda Machado	Dor surda, agua vermelha	Jonathan Alvez
OBRAS COM A TEMÁTICA: CORONAVÍRUS			
<i>Fique em casa VS vamos trabalhar em Libras Deaf (Coronavírus)</i>	Maurício Barreto	A guerra ao coronavírus	Alan Godinho
<i>Não tenho medo, coragem vou rua coronavírus</i>	Maurício Barreto	Coronavírus e o álcool em gel	Dimar Show
<i>Hulk Vs Coronavírus</i>	Maurício Barreto	Coronavírus COVID 19 - Visual Vernacular (VV)	Bruno Ernsen
<i>Muito Difícil (coronavrus)</i>	Maurício Barreto	O sol nos números da vida	Cláudio Mourão
<i>A Vespa e o Homem Formiga em: A Missão COVID-19</i>	Josemar Freitas		
OBRAS COM A TEMÁTICA: AMOR/FAMÍLIA			
<i>Nasce um pai</i>	Lígio Josias	Sonho	Maurício Barreto
<i>Tia mãe</i>	Hélio Medina	Abraço em deaf	Maurício Barreto
<i>Bebê A a Z</i>	Nelson Pimenta	O amor acabou	Alan Godinho
<i>A saudade da Família</i>	Alan Godinho		
OBRAS COM A TEMÁTICA: NATUREZA			
<i>Crescer</i>	Fábio de Sá	Bem ou mal	Aulio Nobrega
<i>Água</i>	Fábio de Sá	Animais	Maurício Barreto
<i>Cachorro</i>	Fábio de Sá	Gazela	Elder Finhani
<i>Aves</i>	Fábio de Sá	Arco íris	Nelson Pimenta
OBRAS COM A TEMÁTICA: RELIGIOSO			
<i>As pessoas Oração em Libras Deaf</i>	Maurício Barreto	História da Bíblia	Maurício Barreto
<i>Jesus anda por sobre o mar</i>	Mauricio Barreto	Lúcifer e Deus	Maurício Barreto
<i>Jesus</i>	Mauricio Barreto	David	Maurício Barreto
<i>Bíblia</i>	Mauricio Barreto	Jesus Cristo	Mauricio Barreto
OBRAS COM A TEMÁTICA: DATA COMEMORATIVA/HOMENAGEM			
<i>Feliz dia das crianças em Libras</i>	Maurício Barreto	Dia dos Namorados	Cristiane Esteves de Andrade

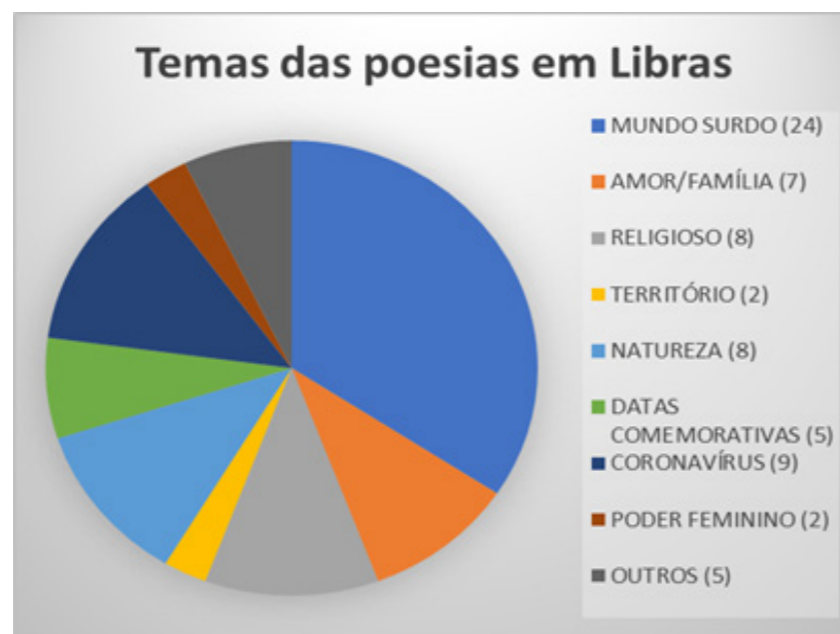
No período de 2013 a 2016, em Peixoto (2016), quando catalogamos 70 poesias criadas em libras e disponibilizadas em vídeo, verificamos que abordavam as seguintes temáticas: Mundo Surdo (26 poesias), Amor (7 poesias), Religiosa (13), Terra Natal (4), Natureza (3), Datas comemorativas (12), Outras (5).

Para este novo recorte de tempo, ao categorizar a amostra de obras por tema, verificamos que abordavam as seguintes temáticas: Mundo Surdo (24), Amor/Família (7), Religiosa (8), Terra Natal/Território (2), Natureza (8), Datas comemorativas (5), Outras (5). Além das mesmas temáticas categorizadas na primeira lista (PEIXOTO, 2016), esta coleta atualizada também encontrou poesia com temáticas que refletem de forma clara o contexto que vivenciamos atualmente: Coronavírus/COVID 19 (9) e Empoderamento feminino (2).

Temas das 70 poesias coletadas de 2013 - 2016



Temas das 70 poesias coletadas de 2017 - 2020



O objetivo de disponibilizar esta vasta lista de poesias criadas por surdos encontradas no youtube.com, é fomentar a valorização dessas obras, bem como, servir como instrumento para incentivar a divulgação do ensino da Literatura Surda e a formação de novos leitores surdos, a partir desses textos sinalizados de alto valor estético.

Por intermédio de leituras, acontece a apropriação de um vasto conhecimento, que envolve diferentes saberes, culturas e lugares. Porque a leitura literária é fundamental para a formação social do ser humano, contemplando o desenvolvimento dos mais variados aspectos, como: a linguagem, sensibilidade, emoção e o exercício da reflexão crítica. De acordo com Cosson (2011, p. 17):

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá por-

que a literatura é uma experiência a ser realizada e um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em nós sem renunciar a nossa própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção.

Esta afirmativa elucida a relevância da apropriação de conhecimento por meio da leitura literária e a capacidade de gerar novos horizontes para o leitor, sobre si e sobre o outro.

A literatura, como manifestação artística, recria e reconta a realidade de um povo, gerando textos literários que emergem das relações humanas. Através desta arte é possível então, conhecer experiências vividas por pessoas de determinada época e local, sem que seja preciso, vivê-las presencialmente. Quanto à literatura na evolução de uma comunidade, Cândido (1976, p. 139-140) pontua:

Toda obra é pessoal, única e insubstituível, na medida em que brota de uma confiança, um esforço de pensamento, um assomo de intuição, tornando-se uma “expressão”. A literatura, porém, é coletiva, na medida em que requer certa comunhão de meios expressivos (a palavra, a imagem), e mobiliza afinidades profundas que congregam os homens de um lugar e de um momento, - para chegar a uma “comunicação”. Assim, não há literatura enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se por meio de homens pertencentes a um grupo (embora ideal) segundo um estilo embora (embora nem sempre tenham consciência dele); enquanto não houver um sistema de valores que enforme a sua produção e dê sentido à sua atividade; enquanto não houver outros homens (um público) aptos a criar ressonância a uma e outra; enquanto, finalmente, não se estabelecer a continuidade (uma transmissão e uma herança), que signifique a integridade do espírito criador na dimensão do tempo.

Esta afirmativa esclarece que, a palavra literatura consiste em um conjunto de obras literárias, com valor estético reconhecido, pertencentes a um povo, que fala determinada língua. Porém, não é apenas isto. Este produto artístico coletivo, surge do que o autor denomina de “congregação espiritual” e que mobilizam “afinidades profundas”, de uma comunidade linguística. Afinidades de vivências, de crenças, de valores, de práticas que refletem nas produções literárias destas pessoas, em determinada época e local.

Com base nisto, para entender mais sobre os valores estéticos desta recente

tradição literária, apresentaremos, dados alcançados na pesquisa publicada em 2016¹⁵, sobre as produções poéticas de autores surdos brasileiros.

Este estudo surgiu da necessidade de valorização desses textos sinalizados e de seus autores, os poetas surdos. Tendo como objetivo, investigar os valores estéticos nas composições das poesias sinalizadas e a voz da tradição da comunidade linguística que identifica estes elementos.

Para tanto, depois de coletar e identificar as temáticas das obras poéticas sinalizadas e publicadas em vídeos, foram realizadas entrevistas com poetas surdos, para o levantamento de dados biográficos, bem como, compreender as influências artísticas-literárias, os estilos e a inspiração de cada um deles.

Além disso, para verificar o reconhecimento por parte dos leitores surdos, dos elementos estéticos presentes nas obras compostas pelos poetas, e como professora da disciplina Estágio IV (Ensino de Literatura Visual no Ensino Médio), apliquei uma atividade com quarenta (40) alunos do curso Letras Libras, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB virtual). O fato de ser um curso de modalidade a distância, permitiu uma certa abrangência na amostra, devido a participação de leitores representantes de comunidades surdas de diferentes cidades, embora, pertencentes a grande comunidade surda brasileira.

Imagem 15: Quadro – Leitores Surdos

CIDADE-ESTADO	IDENTIFICAÇÃO DOS LEITORES	QUANTIDADE
EXPERIMENTO 1 – TURMA A		
Rio de Janeiro – RJ	TA	1
João Pessoa – PB	ED, FA, GL, LM, SU, LA, VI,	7
Campina Grande – PB	CA	1
Alagoa Grande – PB	MI	1
Cabaceiras – PB	JD	1
Caruaru – PE	LK	1
EXPERIMENTO 2 – TURMA B		
Salvador – BA	JO	1
João Pessoa – PB	LJ, IS	2
Camaçari – BA	JK, CL, VA, MV, DZ, MA, NI, SE	8
Coremas – PB	JM, SZ	2
Campina Grande – PB	AD	1
EXPERIMENTO 3 – TURMA C		
Vitória da Conquista – BA	MA	1
Mossoró – RN	W	1
Camaçari – BA	N, B, D, A, C, Y, U	7
Campina Grande – PB	V	1
João Pessoa – PB	I, L	2
Coremas – PB	S	1
Salvador – BA	J	1
Total de leitores surdos:		40

Fonte: Elaborado pela autora

¹⁵ Tese de doutorado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras, na Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB), intitulada O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em língua de sinais no Brasil (PEIXOTO, 2016).

Nesta atividade, após apreciarem obras poéticas sinalizadas, eram orientados a escolher a obra, que na sua opinião, era considerada a melhor, a poesia na qual ele sentiu mais afinidade. Posteriormente a escolha, o aluno deveria apresentar suas justificativas para a decisão tomada. Desta forma, na argumentação desses leitores, foram apresentados vários elementos que juntos, agregavam valores estéticos para a obra escolhida.

Vale ressaltar, que o objetivo não era identificar numericamente por votos um campeão, realizando uma competição da poesia mais bela, e sim, identificar os elementos de valores estéticos presentes nas obras. Identificar estes elementos, aplicando Cândia (1976), significa compreender o sistema de valores que enforma a sua produção e dá sentido à esta atividade literária, através da ressonância deste público de leitores surdos.

Desta maneira, embora vários elementos estéticos tenham sido apresentados pelos leitores surdos em suas respostas, foi identificado uma recorrência de 25 deles.

Imagem 16: Quadro – Leitores Surdos

ELEMENTOS SUBJETIVOS	ELEMENTOS LITERÁRIOS	ELEMENTOS CINEMATOGRAFICOS
Beleza	Contextualização	Plano de Fundo
Perfeição	Tema Opressão x Libertação	Roupa (Figurino)
Sentimento	Valorização da Língua	Edição de Vídeo
Transmissão da emoção	Valorização da Cultura	Riqueza Visual
Mexe com o imaginário	Alto nível linguístico	
	Classificadores	
	Expressão não Manual	
	Repetição	
	Movimento	
	Simetria	
	Equilíbrio	
	Incorporação/Morfismo	

Fonte: Elaborado pela autora

Ao receber as respostas em Libras durante as entrevistas com os poetas e com os leitores, realizei e gravei a tradução para a língua Portuguesa em áudio e posteriormente foi realizada a transcrição. Diante dos dados, passamos a etapa de análise e categorização em: elementos subjetivos, fundamentados em Hegel (2004); elementos literários, fundamentados em Sutton-Spence (2005) e elementos cinematográficos, fundamentados em Hunt (2013).

Sendo assim, nos próximos capítulos serão apresentados os resultados obtidos neste estudo.

3

O poeta consagrado com uma luz sem fim



O pioneiro poeta a registrar e tornar comercial a poesia sinalizada no Brasil, foi o brasiliense Nelson Pimenta de Castro, mais conhecido como Nelson Pimenta, que nasceu em 6 de setembro de 1963, em uma família em que o avô, a mãe, a irmã e outros familiares mais distantes, eram surdos de diferentes identidades surdas. O poeta faz questão de destacar que sua língua materna é a LSB - Língua de Sinais Brasileira¹⁶.

Seu nome (sinal de identificação) em Língua de Sinais é o número “6”, como costuma informar quando explica a origem do sinal: “este é seu número favorito por representar o dia do seu nascimento, trazer recordações de diversas coincidências, além de ser o seu número de matrícula no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), pois, até os dias de hoje, muitos alunos e ex-alunos são conhecidos pelo número adotado como sinal”. Nessa mesma instituição onde cresceu e estudou, atualmente Nelson é docente do quadro efetivo (servidor público), e apresentador do programa Café com Pimenta da TVINES¹⁷.

É doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, pela Universidade Federal de Santa Catarina -UFSC, Mestre em Estudos de Tradução, Licenciado em Letras-Libras pela UFSC e graduado em cinema, pela Universidade Estácio de Sá.

O professor Nelson Pimenta possui uma forte característica formadora, sempre preocupado com a difusão da Língua de Sinais e da cultura surda.

Como pesquisador, participou na década de 1980, da fundação da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos), além de vários grupos de pesquisa linguísticas do INES e da UFRJ. Atualmente participa de uma pesquisa em andamento com o Grupo de estudo sobre Sign Writing, que possui como objetivo: produzir conhecimento capaz de preencher lacunas técnicas e científicas do sistema de escrita de sinais SW, para leitura e escrita das línguas de sinais, contribuindo para que o sistema se torne mais completo e mais fácil de ler e escrever.

Em 1999, criou a empresa LSB Vídeo, com a missão de contribuir para o fortalecimento da identidade e da cultura surda, através da difusão da língua brasileira de sinais, por meio de produção de material de ensino-aprendizagem em Libras.

Dentre os materiais, temos a primeira obra literária registrada em vídeo, publicada e lançada no mercado pela empresa LSB Vídeo, o Livro digital em DVD - *Literatura Surda em LSB* (PIMENTA, 1999), que contém: a fábula O passarinho Diferente, quatro poesias em LIBRAS (*Bandeira do Brasil, Natureza, Língua Sinalizada e Língua Falada, O Pintor de A a Z*) e duas histórias infantis traduzidas.

O artista Nelson Pimenta (ator, produtor, cineasta e autor da Literatura Surda), é presença marcante em importantes eventos artísticos, culturais e acadêmicos da comunidade surda brasileira. Dentre as suas produções nas artes visuais, produziu o

¹⁶ Sigla proposta em estudos realizados por ele, pois segue o padrão internacional das línguas de sinais em todo o mundo.

¹⁷ Para conhecer o programa, acesse http://tvines.org.br/?page_id=1387

vídeo Uma viagem pelo espaço Programa de Planetário do Rio de Janeiro em LIBRAS (2006). Quanto as suas produções nas artes cênicas, é possível citar o exemplo do espetáculo teatral Nelson 6 Live, que cobriu mais de vinte cidades do Brasil, por mais de uma década, em que atuou como autor, ator e produtor.

Ele foi o primeiro ator surdo brasileiro a se profissionalizar. Estudou na *New York Teatro Nacional de Surdos (NTD)* e já recebeu o prêmio de Moção de Congratulações ao Teatro Brasileiro de Surdos (TBS), na Câmara Municipal do Rio de Janeiro, por sua atuação como diretor e ator. Já como autor/coautor, publicou vários livros em Libras (livros digitais), entre eles: *As aventuras de Pinóquio em língua de sinais brasileira* (2008), *Seis Fábulas de Esopo em Língua de Sinais Brasileira - vol. 1* (2002) e vol. 2 (2009), entre outros.

A sua construção enquanto poeta sinalizador, foi influenciada por poetas surdos de outros países, como esclareceu durante a entrevista realizada em 2016, para autora deste estudo:

A bandeira do Brasil foi a primeira poesia que eu criei lá nos EUA. Minha inspiração partiu da primeira poesia que vi em Língua de Sinais, da poeta surda Ella. Foi a primeira vez que conheci uma poetisa surda e me inspirou para criar a poesia. Agradeço aos poetas que me influenciaram, Ella, foi a primeira e depois Valli. Porque pela primeira vez eu conheci o que era poesia surda e eu aprendi com eles, e quando eu voltei ao Brasil, fui o precursor na divulgação da poesia sinalizada, para compartilhar e disseminar o conhecimento da poesia criada por surdos. Consegui influenciar Fernanda Machado, que hoje, está fazendo o doutorado com foco na poesia e está sendo multiplicadora deste conhecimento. A outra que posso citar é Rosana Grasse, que também pude influenciar mais de perto, fora muitos outros que influenciei aqui no Brasil por cursos e palestras, isso não tem como contabilizar, mas eu fui influenciado por pessoas de fora do Brasil [sic].

Desta forma, as influências destes poetas - Ella Mae Lentz e Clayton Valli- de certa maneira moldaram o estilo do poeta Nelson Pimenta, que deu continuidade aos valores da tradição transmitidos a ele. Então com base nisso, foi direcionada a ele a seguinte questão: Diferente de outros surdos poetas e mais novos, que estão usando vídeos e imagens de plano de fundo, você costuma usar fundos neutros em seus poemas ou fundos naturais, como Luz sem FIM, diferentes das suas narrativas (fábulas e contos), que você investe em imagem animada e cenários, por que? Explique sobre este seu estilo.

Muito boa a pergunta que você fez, sobre o Plano de fundo mas eu vou tentar resumir. Você lembra que eu falei sobre a poetisa Ella e o poeta Valli, que me influenciaram? Então, no 1º evento que fui sobre poesia de surdos, Valli explicou sobre as regras para, visualmente, ser focada na sinali-

zação sem distrações que atrapalhassem a compreensão. Por isso, seria necessário utilizar planos neutros e nada de imagem de fundo, então aprendi esta regra e segui à risca esta norma quando cheguei aqui no Brasil. Mas depois de um tempo, eu estive em um museu e conheci uma pintura do famoso pintor Picasso, que inicialmente foi referência para regras desta arte, com normas rígidas. Porém, com o passar do tempo, essas regras foram alteradas, ocorrendo rupturas destas normas, com pinturas que demonstravam beleza com formas diferentes do tradicional, até mesmo releituras de pinturas anteriores, considerada como deformações, e então, algumas pessoas criticaram e disseram que não podia ser feito daquela forma. Então arte é isso! As vezes a gente fica preocupado com regras, mas o desenvolvimento da poesia também é quebrar paradigmas e romper com o tradicional, e hoje, vemos poesias mais novas que utilizam imagens no plano de fundo muito adequadas e que combinam com a mensagem da poesia sinalizada. Antes estávamos presos às regras, mas claro que, as imagens utilizadas atualmente, também não podem ser inseridas de qualquer jeito, de certa forma há uma regra: precisa ser adequada com o contexto, combinando com a mensagem sinalizada. Se é a natureza, a imagem precisa ser da natureza; se vai falar do pôr do sol, uma imagem combinando; do amor... então, precisa estar ligado e contextualizado. Com isso vemos que a arte consiste na liberdade de expressão, em quebrar regras, então a poesia precisa sim, ter inovações [sic].

Esta ampla visão em relação às mudanças, por parte deste artista extremamente criativo, inovador e influenciador de ideias e tendências na comunidade surda, pode ser exemplificada na obra *Arco Iris*, publicada em 1º de maio de 2020, com trechos na imagem abaixo.

Imagem 17: Poesia de Nelson Pimenta



Fonte: Canal do poeta, no youtube.com

3.1 O poeta e a voz da tradição

O elemento “Poeta consagrado (reconhecido)” ressalta uma característica muito específica da poesia sinalizada: a rara incidência da autoria anônima. O rosto e o corpo presente do poeta estão evidenciados no registro visual (vídeo), sendo assim, as poesias são ligadas diretamente à sua autoria. Partindo desta realidade, diante dos textos literários sinalizados apresentados, ao serem questionados qual poesia é mais bela e o porquê desta escolha, alguns dos leitores surdos preferiram a poesia do poeta mais conhecido, como constatamos na fala a seguir:

Não sei o sinal e nem sei quem é. [...] Não tenho informações sobre ela, se ela é atriz, se ela já fez teatro, porque eu conheci agora. [...] Já a poesia de Nelson pimenta. Bem eu gostei muito. [...] Nelson eu já conheço é famoso e conhecido não apenas no Brasil, pois ele é ator, poeta, incentiva a comunidade surda, tem todo um percurso profissional. Eu prefiro a poesia dele, eu me senti tocada, por isso preferi esta possível [sic]. (Leitor LA)

Este leitor não foi o único a apresentar este critério de escolha, outros participantes colaboradores do estudo também argumentaram da mesma forma, com o elemento “Poeta famoso”, pois, ao identificar o poeta consagrado o público reage positivamente a obra tendo certeza da garantia da qualidade estética. O Leitor B confirma este fato, quando inicia sua argumentação dizendo:

Essa poesia traz emoção e o que eu mais gostei foi que Nelson Pimenta, este poeta famoso por emocionar a gente com suas poesias, apresenta a luz que não tem fim, porque traz um sentimento muito forte para nossa vida e a vida das pessoas surdas [sic].

Preferir e se identificar com uma poesia, por ser de um poeta famoso, já reconhecido e consagrado, não é um critério exclusivo do público-leitor pertencente à comunidade surda.

Por exemplo, se for apresentada uma das obras não muito conhecida de Machado de Assis, sem falar da autoria, a apreciação não será a mesma, se o nome do autor for informado. Isto ocorre porque, o nome de um autor já consagrado por várias obras, emprega uma qualidade a uma de suas obras que, de repente, não é nem tão boa quanto as outras escritas por ele, ou por outro poeta novato.

Então, constata-se com isto, que o pouco que já existe de poesias criadas em LIBRAS, pelos poetas surdos consagrados neste recente repertório de produções, já é possível perceber a formação de uma tradição, como afirma Machado (2014, p. 231):

No Brasil esse tipo de produção é bem recente e inclui um cânone de poucos poetas surdos, que tem produzido um

significativo material e que colaboram com a valorização e o reconhecimento da produção literária e do folclore de surdos em nosso país.

Este elemento subjetivo da voz da tradição pode ser consciente ou não. A leitora citada anteriormente externalizou esta sua necessidade de conhecer a tradição poética do autor, para escolher, na opinião dela, qual seria a melhor poesia.

Em outros colaboradores participantes deste estudo, esta preferência foi apresentada de forma mais sutil, com o uso da metonímia, pois, ao falar sobre outras poesias, só utilizavam o título da obra. Entretanto, ao se referirem sobre a obra do poeta consagrado, substituíam o título da poesia pelo sinal do autor: “Eu assisti Nelson Pimenta”.

Isto ocorre porque, “Categorizar alguém ou alguma coisa significa escolher um dos paradigmas estocados em nossa memória e estabelecer uma relação positiva ou negativa com ele” (MOSCOVICI, 2003, p. 63). A voz da tradição é algo que o ser humano carrega consigo, muitas vezes inconscientemente, porém, este elemento é de extrema relevância para a preservação de valores desenvolvidos e passados entre as gerações:

A memória coletiva é um elemento importante para manter a integridade e a sobrevivência do grupo no tempo. Assim, ela pode ser caracterizada por um intenso componente afetivo que surge das interações e do compartilhamento de experiências entre os membros da comunidade. [...] Sendo assim, a força de uma representação não se deve a sua origem social, e sim a sua possibilidade de ser compartilhada por todos e fortalecida pela tradição. MORIGI, 2012, p.9)

Desta forma, o poeta surdo, embora seja de uma tradição recente e independente de um estilo próprio, vem de uma tradição em que há parâmetros que são seguidos para a criação de um poema, pois, se trata de uma construção cultural. O uso de linguagem especialmente elevada, com metáforas, repetição de vários elementos e criação de novos sinais, são exemplos de características importantes das poesias sinalizadas ditadas por uma voz da tradição (SUTTON-SPENCE, 2005).

3.2 A poesia Luz sem Fim

A poesia Luz sem Fim, consiste em um criativo e belíssimo desabafo do poeta Nelson Pimenta, e que reflete este empoderamento em toda a ideia do poema, abordando a antítese opressão x libertação.

Ao verificar na lista de obras registradas em vídeo deste poeta, elencadas no levantamento de poesias sinalizadas, constatamos que esta é a única poesia¹⁸ gravada

¹⁸ Pode haver outras poesias do poeta registradas em ambientes naturais, porém nos referimos aos registros disponíveis para o público: no Youtube, ou comercializada.

fora do estúdio, em um ambiente da natureza.

Isto diferencia esta obra das demais, que demonstra uma característica muito forte do poeta, que também é ator profissional e formado em cinema: a preocupação com os critérios estéticos do registro cinematográfico. Esta característica peculiar de Luz sem Fim, deve-se ao fato de o registro em vídeo ter sido feito no momento da inspiração. Em entrevista, o autor Nelson Pimenta revela de forma detalhada, o contexto para a inspiração da poesia:

O momento em que eu criei esta poesia, foi um momento muito complicado e difícil para mim, pois eu estava passando por uma situação problemática com ouvintes. Eu realmente estava muito triste e frustrado, e ao colocar esta frustração para fora, eu sabia que ia ser crucificado... Por que é sempre assim? Mas eu continuo persistindo no mesmo assunto, e luto por isso: eu detesto quando surdos estão presentes em um recinto e ouvintes fluentes em LIBRAS conversam em língua oral entre si e se negam a sinalizar, para que os surdos não tenham acesso a conversa. Eu aviso várias vezes sobre isso, dizendo: 'olha os surdos estão aqui então, não é educado nem respeitoso'. Isso me dá um nervoso muito grande, eu fico indignado, pois é uma falta de respeito. Ouvintes que sabem a língua de sinais e conversam na presença dos surdos, enquanto eles ficam olhando a conversa sem ter acesso ao que está sendo falado, tentando fazer leitura labial para entender o assunto que está sendo falado. Isto é uma humilhação. É tratar o surdo de forma desigual. Essa situação é totalmente diferente, quando ouvintes estão conversando e o surdo chega e estes ouvintes continuam o assunto, porém, através da língua de sinais, isso demonstra respeito, igualdade e garantia de acessibilidade. Então diante deste contexto, eu estava muito chateado com toda esta situação, com este ato de fechar a porta, ou seja, este obstáculo de comunicação causado por quem deveria estar abrindo portas e não fechando-as. Isso foi na época do meu mestrado, e eu saí no campus da Universidade e fui para um ambiente em ar livre, em direção a natureza, onde tinha uma árvore muito bonita. Árvores sempre me fazem lembrar mãos, mãos sinalizando. Eu estava muito angustiado e quis me conectar com a natureza, pois eu estava muito chateado, e precisava colocar para fora o que estava dentro de mim me corroendo. Na verdade, esta poesia foi um grande desabafo.

O registro desta poesia, repleta de valores pertencentes a história e a cultura surda, o texto sinalizado propriamente dito à ser apresentado já diz muita coisa, antes

mesmo do poeta iniciar sua performance, pois o vídeo inicia com informações visuais muito significativas e que corrobora com a afirmativa do crítico de arte, romancista e pintor, John Berger (apud HUNT, 2013, p. 14): "Ver precede as palavras".

Sendo assim, o tratamento de edição apresentou uma imagem no início do vídeo, que consiste em uma vela acesa e sendo abafada por um copo de vidro, já introduzindo a ideia das tentativas, durante a história, de ofuscarem o brilho da Língua de Sinais.

Ao apresentar os motivos da escolha desta obra poética como sua preferida, os Leitores identificaram a presença dos seguintes elementos estéticos: Alto nível da língua, Apresentação da luta dos surdos, Opressão x libertação, Beleza, Clareza, Classificadores, Contextualização histórica, Efeitos de edição, Expressão Facial e corporal, Identidade Surda, Metáforas, Movimentos sincronizados, Perfeição, Poeta famoso (consagrado), Riqueza visual, Sentimento, Transmissão de Emoção, Valorização da Cultura Surda, Valorização da Língua de Sinais.

Um exemplo disto é a resposta do Leitor I e que merece destaque, por ser bastante completa e conseqüentemente, contribuir de forma relevante para a evidencição de vários desses elementos estéticos do texto poético sinalizado em questão:

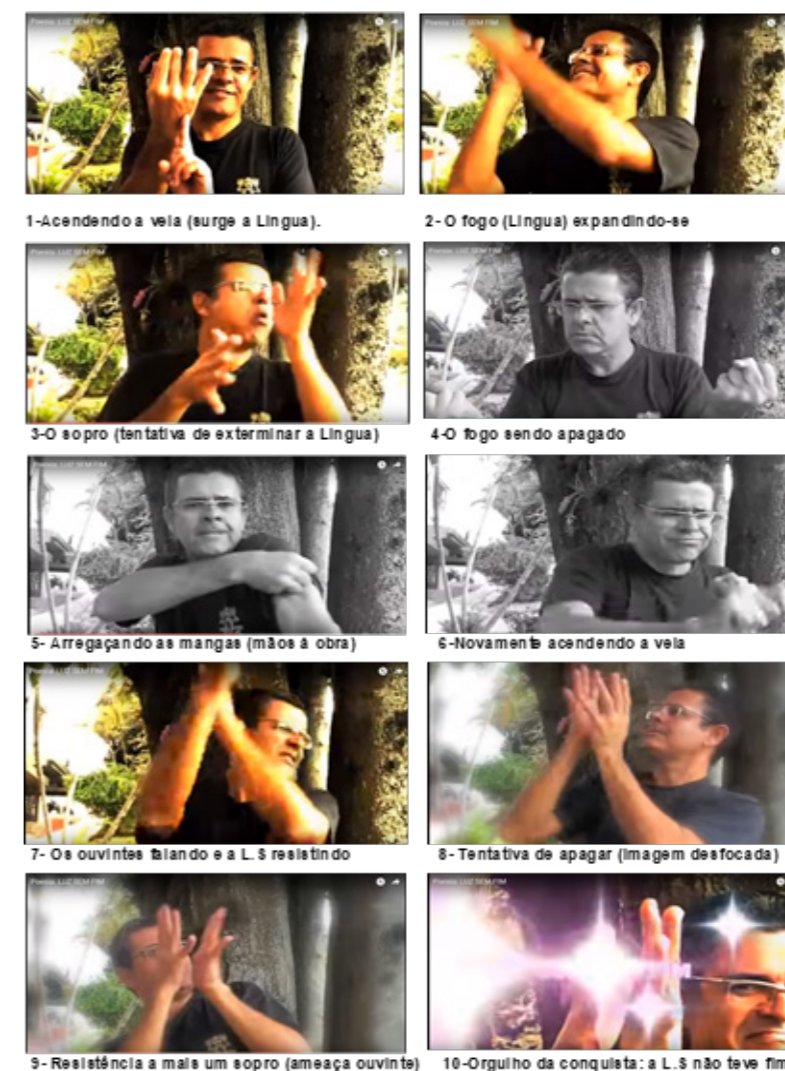
Na minha opinião, a mais bonita é a poesia Luz sem Fim, porque o poeta surdo Nelson Pimenta, sinalizou de forma clara, e percebi que houve metáforas, como por exemplo, quando acende o fogo, nos transmite a ideia do surgimento da língua de sinais e os surdos tem a liberdade para a comunicação através desta língua. Assim, as faíscas e luzes vão se multiplicando, representando as mãos sinalizando e depois, ao serem apagadas, representam a proibição do uso desta língua. Mas depois acende novamente, porém, outra tentativa de apagar mais uma vez, todavia, os surdos continuam lutando com o ato de arregaçar as mangas. Mesmo com a tentativa de proibição durante a história, esta sinalização se ergue e não tem o seu fim. Então, esta comparação com o contexto histórico que apresenta a imposição da sociedade de não utilizar a língua de sinais gera uma reação da comunidade surda, para lutar pela sua língua. Através da Língua de Sinais, aprendemos as coisas, ela nos ajuda a desenvolver e aprender as coisas de forma mais rápida e de perceber o mundo, a entender as coisas que acontecem. É através da nossa língua, que interagimos e que aprendemos as coisas. E podemos mostrar isso para a sociedade através desta poesia, porque a sociedade precisa entender a importância da nossa língua e assim, acabar com os preconceitos. Esta poesia pode até mesmo, esclarecer para as pessoas que subestimam a língua de sinais. A Língua de Sinais tem valor e na poesia

é evidenciado este direito de adquirir conhecimento. Nós já temos uma Lei que garante isto. Então a gente percebe diante desta poesia e que apresenta a constante luta desta comunidade, a libertação, liberdade que permite atualmente uso da LIBRAS. Às vezes, as pessoas querem nos aprisionar e escurecer esta nossa luz, que é a Língua de Sinais. Mas, sem ela, ficamos no escuro e sem entender nada. Sem o uso da nossa língua, estamos aprisionados na escuridão, ficamos na mesmice, não saímos do lugar, não nos desenvolvemos cognitivamente. Então, quando a imagem volta a ficar colorida, com efeito de edição que foi utilizado na poesia, mostra claramente essa liberdade, essa possibilidade de desenvolvimento do conhecimento, de abrir para uma nova e clara realidade. A escuridão, ou seja, a imagem em preto e branco, são exatamente os momentos que significam a cabeça fechada, sem aprender nada por causa da limitação da comunicação. Também é possível perceber nesta poesia a luta, os desafios e o fato de não desistir, de quebrar barreiras de quebrar paradigmas. Essas conquistas são tão importantes, porque, quando a sociedade ouvinte olha para os surdos com preconceitos e sem acreditar na nossa capacidade, surpreendemos e quebramos mais barreiras, vencemos os preconceitos, as dificuldades as limitações e conseguimos ultrapassar mais um obstáculo. Então a sociedade precisa acabar com estes preconceitos e com estes pensamentos limitados, em que o surdo é impossibilitado de desenvolver-se por meio da Língua de Sinais. [sic]

Diante desta resposta, que contempla grande parte dos elementos identificados pelo entrevistado e pelos demais participantes colaboradores, podemos encontrar: a beleza e a clareza (elementos unânimes em todas as respostas); a contextualização histórica do poema, bem como a valorização da Língua de Sinais (L.S.), da cultura e da identidade dos sujeitos surdos; a notável luta desta comunidade linguística minoritária; a oposição entre, a opressão hegemônica por parte da sociedade majoritária formada de ouvintes (visão normatizadora) e a liberdade de expressão enquanto comunidade linguística que valoriza sua língua natural; a presença das metáforas; e os efeitos de edição que agregaram significado e valor estético ao resultado final da obra.

Embora o Leitor I tenha explicado brilhantemente, faz-se necessário evidenciar os dois últimos elementos na própria obra. Então, para testificar a presença dos elementos metafóricos e dos efeitos de edição foram retirados alguns trechos (imagens de algumas partes do poema sinalizado), como é possível verificar na Ilustração a seguir:

Imagem 18: Trechos da poesia Luz sem Fim



Fonte: Canal do poeta no youtube.com

Por conseguinte, nestes recortes de trechos da obra registrada em vídeo, constatamos uma produção de sentido, por meio de diversos elementos semióticos envolvidos, citados pela participante I e elucidados a seguir:

a) Trecho 1: A primeira frase da poesia, apresentando a metáfora da ação do acender a vela, representa o surgimento da Língua de Sinais.

b) Trecho 2: O desenvolvimento e crescimento das chamas de fogo, pela sua forma de movimentação e posicionamento no espaço (espelhando simetricamente as mãos), possui a conotação de difusão da Língua de Sinais.

c) Trecho 3: A tentativa de extermínio da Língua de Sinais, evidenciado no ato metafórico de soprar as chamas deste fogo.

d) Trecho 4: Quando a luz (Língua de Sinais) é apagada, impedida de existir. Além de toda a expressão facial e corporal, que reflete em uma sinalização dramática, o poeta utiliza do recurso de edição para enfatizar a metáfora da escuridão, pois a au-

sência da luz é demonstrada com a imagem do vídeo em preto e branco.

e) Trecho 5: A evidência da luta com o ato metafórico de, arregaçar as mangas, quando pela segunda vez, esta Luz é apagada.

f) Trecho 6: A reação de reavivar a chama, ao acender mais uma vez a vela, que traz o ressurgimento da luz (Língua de Sinais).

g) Trecho 7: Embora a (luz) Língua de Sinais tenha ressurgido (consequentemente retornou também o colorido da imagem, que outrora estava preto e branco), os ouvintes continuam desrespeitando-a e desvalorizando-a. O poeta demonstra isto, incorporando os dois lados da antítese ao mesmo tempo, quando suas mãos sinalizam livremente, representando os surdos resistindo, enquanto sua expressão facial demonstra desaprovção, crítica e desmerecimento, balbuciando palavras na língua oral (representando os ouvintes).

h) Trecho 8: A repetição da metáfora de apagar novamente a luz da vela acontece, e agora, dialoga com o novo efeito do poema de “imagem desfocada”, onde a nitidez da imagem é alterada para transmitir a ideia de luz enfraquecida, porém, não apagada.

i) Trecho 9: Neste trecho, a resistência da comunidade linguística surda é apresentada pela metáfora da luz da vela, que persiste em não apagar mesmo diante dos sopros (crítica e desrespeito a língua por parte dos ouvintes). Este ato metafórico de soprar se repete, porém, mais uma vez as chamas (mãos sinalizadoras) movimentam-se para trás, através do movimento de recuo do corpo do poeta. Além disso, neste trecho a imagem editada apresenta novamente, o aspecto nublado (desfocado).

j) Trecho 10: No último trecho, a luz não findou, pois resistiu e venceu a luta contra a escuridão (opressão contra a língua de sinais). Neste momento, a expressão de orgulho e felicidade do poeta é estampada no rosto de forma significativa. Este desfecho, também recebe um tratamento especial, de edição do vídeo, quando utiliza o Plano Close-up, que “Geralmente enfatiza detalhes individuais, como faces, mãos, pés e pequenos objetos [...] para dar ao espectador uma ideia dos detalhes significativos” (HUNT, 2013, p. 124). A ênfase é exatamente nas mãos que aparecem, no centro do enquadramento fazendo o sinal referente à Língua de Sinais, e que, de dentro das mãos, surge o efeito de faíscas de luz e a legenda com o título da poesia, esclarecendo ainda mais que, esta língua é a luz sem fim. Enquanto todo este desfecho do poema acontece, o rosto do poeta fica em segundo plano, no canto da tela, fora do enquadramento central.

Além desses elementos citados pelos leitores surdos e exemplificados na imagem anterior, com a identificação em alguns trechos do poema registrado em vídeo, há outras estratégias estéticas utilizadas neste texto sinalizado, de gênero poético, ou seja, na obra *Luz sem Fim*, que embora não tenham sido pontuados por eles, mas estão presentes na obra, tais como: simetria, equilíbrio, ritmo e repetição.

A simetria é evidenciada com a exploração do uso das duas mãos espelhadas (com a mesma configuração de mão). O equilíbrio identificamos no uso do espaço com sinais dos dois lados. A sinalização ritmada e de forma vibrante, quando há liberdade de expressão na Língua de Sinais e, a desaceleração até a pausa, quando há opressão, são exemplos de evidências do ritmo, na estrutura deste poema sinalizado.

Neste poema, fica evidente a estratégia da repetição, que foi utilizada de forma intensa, mais especificamente, a repetição do parâmetro sublexical dos sinais, a configuração de mão. Na composição do poema, basicamente foram utilizadas apenas duas configurações de mãos (CM) aberta (CM de nº 61) e fechada (CM de nº 7). As CMs de nº 11, 14 e 54 são apenas utilizadas na hora de acender e arregaçar as mangas. O restante do poema é todo executado com apenas as duas primeiras configurações de mãos citadas e aliadas à uma intensa expressão não manual, e que dá todo o sentido.

Em língua de sinais, a repetição de padrões sub-lexicais pode ser vista nas repetições de quaisquer parâmetros que compõem todos os sinais: configuração de mão, locação, movimento, orientação e determinadas características não-manuais (SUTTON-SPENCE, 2006, p. 131).

Continuando a trajetória neste livro, apresentamos a seguir, mais um importante nome da Literatura Surda.

4

A poetisa revolucionária em um lindo voo sobre o rio



A poetisa carioca Fernanda de Araújo Machado, nascida em 1º de março de 1979, de família ouvinte, é artista plástica, atriz integrante do grupo de Teatro Brasileiro Surdo (TBS)/Centro Integração Arte de Cultura Surda (CIACS), poetisa, contadora de história, professora, pesquisadora e tradutora.

Formada em educação artística pela UFRJ e licenciada em Letras Libras pela UFSC. No mestrado em estudos da tradução, desenvolveu sua pesquisa de título Simetria na poética visual na língua de sinais brasileira (2013), e no mesmo programa de pós-graduação, desenvolveu a tese de doutorado: Antologia de Poesias em LIBRAS (2017), um marco para a trajetória histórica das produções literárias da comunidade surda brasileira.

É professora na UFSC, do Departamento de Artes e Libras, onde está coordenando a criação da Antologia de Poesias em Libras¹⁹. Ação esta, que servirá de referência para os projetos de pesquisas envolvendo a Documentação de Libras, quanto à Antologia de Literatura produzida em Libras.

A Professora Fernanda também é integrante do Diretório de Pesquisa do CNPq, pois participa do Grupo de Pesquisa Corpus de Libras, iniciado em 2014, que tem como líder a Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros.

Realizou visitas à California States Universtiy Nort (CSUN), à University of California Los Angeles (UCLA) e à California Shchool for the Deaf em Fremont (CSDF) (2016), com a Dra. Flavia Fleischer, professora e pesquisadora na área dos Estudos Surdos.

Em entrevista com a Fernanda Machado, realizada em 2016, a poetisa afirmou que sua primeira criação poética ocorreu em 1998, com a obra Voo sobre o Rio. Quanto à influência de poetas surdos brasileiros, Fernanda cita: Nelson Pimenta²⁰, Rosana Grasse, Silas Queiroz, Bruno Ramos, Rimar Segala Ramalho, Rosani Suzin, Cláudio Mourão, Alan Henry, Ricardo Boaretto, Wilson Santos Silva e Mauricio Barreto Silva. Ao se tratar de poetas surdos de outros países e que a influenciaram, cita: Ella Mae Lentz, Clayton Valli, Ben Bahan, Richard Carter e Paul Scott.

4.1 O importante legado de Fernanda Machado

Esta artista completa, que exala beleza e criatividade em suas produções nas diferentes linguagens artísticas, tem feito a diferença por ser uma multiplicadora de conhecimento artístico na comunidade surda. Liderando ações que provocam modificações não somente na comunidade brasileira de hoje, mas deixando um legado que, sem dúvida, influenciará às gerações futuras.

¹⁹ Está em fase de construção, e os dados estão alimentando o site <https://antologiaslibras.wordpress.com/pesquisa/>

²⁰ No final do 1º Festival de Folclore Sinalizado em 2014, Fernanda Machado fez um emocionante agradecimento ao seu mentor Nelson Pimenta, que muito influenciou no seu desenvolvimento enquanto poetisa e artista. Juntos possuem várias produções artísticas em vídeos (Configuração de Mãos, Poesia em Língua de Sinais Brasileira Árvore de Natal, dentre outras) e cênicas (Companhia Surda de Teatro, dentre outras).

Fernanda Machado, vem provocando uma revolução no movimento literário da comunidade surda brasileira, através de duas ações desenvolvidas por ela e que merecem destaque:

a) A formação de novos autores/poetas populares surdos

Ela se empenha em divulgar as produções artísticas originadas da cultura surda, para envolver e despertar cada vez mais, novos artistas da comunidade. Para tanto, ministra cursos presencialmente para formação de novos poetas e por intermédio de um grupo fechado da rede social (Facebook). Nesses cursos, muitas novas obras surgem e são registradas.

b) A organização de um evento pioneiro no Brasil

No papel de fundadora e coordenadora, com o apoio dos professores Rachel Sutton-Spence e Tarcísio de Arantes Leite (subcoordenadores), organizou o importante evento para a comunidade surda brasileira: Craques da Libras - Festival de Folclore Sinalizado, realizado nos dias 15 e 16 de novembro de 2014, em Florianópolis. Este festival de arte Surda teve como objetivo principal, fomentar os vários tipos de manifestações literárias em Libras.

Imagem 19: Cartaz de divulgação do evento



Fonte: <https://www.facebook.com/Fernanda-Machado>

Através da observação in loco como participante do evento, foi possível constatar a emoção e o brilho no olhar de cada participante deste Festival, e que foi um marco em nosso país.

O evento reuniu membros da comunidade surda brasileira (surdos e ouvintes sinalizantes), para um fim de semana de literatura e folclore em língua brasileira de sinais. A programação foi repleta de performances de histórias, anedotas, piadas e poesias de artistas consagrados, em virtude do uso artístico da língua de sinais no Brasil. Esses “craques da Libras artística” (autores consagrados da literatura surda brasileira e Richard Carter, poeta surdo consagrado na Inglaterra), também ministraram oficinas que geraram apresentações em uma competição que abrangeu os três gêneros: humor,

contação de história e poesia. Os participantes das oficinas puderam compartilhar suas próprias criações, praticando o conhecimento adquirido nelas.

Portanto, o objetivo central deste festival foi, difundir a beleza dessas variadas formas de arte da comunidade surda brasileira, bem como, fomentar o desenvolvimento de novas habilidade na Libras, de modo que, cada participante pudesse, depois, retornar às suas próprias cidades e difundir a literatura surda por todos os cantos do país. Parte das performances apresentadas no evento estão disponíveis em: <http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/130149>.

Ainda, ao final do evento, a Associação de Surdos da Grande Florianópolis (ASGF), em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), promoveu de 17 a 21 de novembro, um curso sobre a poesia em língua de sinais, com duração de 20 horas, sendo ministrado pelo convidado internacional do evento, Sr. Richard Carter (poeta surdo britânico).

Imagem 20: Poetas Surdos reverenciando a poetisa²¹



Fonte: <https://www.facebook.com/Fernanda-Machado>

A autora Sutton-Spence e subcoordenadora do evento, elucida:

O termo folclore, do inglês “folklore”, é um neologismo criado por William John Thoms, em 1846, que reúne as palavras folk (povo) e lore (conhecimento). Esses termos, unidos, passam a significar o “saber tradicional de um povo”. O folclore se constitui de hábitos e costumes populares, bem como tradições que são transmitidas de geração em geração. Os povos transmitem suas lendas, seus contos, seus provérbios, canções, danças, artesanatos, culinária, religiosidade, idiomas, dialetos e arte. De modo ainda mais profundo, observa-se a também a influência do folclore no comportamento e organização social. Podemos dizer que o folclore é um legado intrínseco presente

²¹ Os poetas surdos “craques”, que prestam sua homenagem a Fernanda Machado, identificados da esquerda para a direita: Rimar Ramalho (de chapéu); Bruno Ramos (com camiseta branca); Sandro Pereira, Richard Carter (em pé, poeta inglês convidado para o evento); e Nelson Pimenta.

em cada indivíduo, em sua constituição social e de pertencimento a um povo (SUTTON-SPENCE, 2016, p. 81).

Esta professora pesquisadora com grande contribuição nos estudos da Literatura Surda, fala também a respeito do primeiro evento que tratou sobre poesia em língua de sinais, e esclarece que, em outros países, a realização de festivais como este é uma prática comum:

[...] O festival de folclore “Os Craques da Libras” se desenvolveu a partir de experiências de festivais anteriores dos quais alguns de seus organizadores participaram. Festivais de folclore ou literatura sinalizada não são novos. [...] A oficina de poesia organizada pelo Instituto Tecnológico Nacional de Surdos (NTID), Estados Unidos, em 1984, em que Allen Ginsberg discutiu poesia imagética com poetas surdos, é frequentemente citada como um dos primeiros eventos de poesia sinalizada (SUTTON-SPENCE, 2016, p. 83).

Com isto, entendemos que este tipo de evento é tradicional em outros países, portanto, novo aqui no Brasil. De certa forma, este evento de 2014, preparou a comunidade surda brasileira para, sediar Festivais em diversos estados brasileiros e o Festival de Folclore surdo internacional, que aconteceu em Florianópolis, de 10 a 13 de dezembro de 2016, com a presença de diversos poetas de outros países, como Ella Mae Lentz e Richard Carter, onde novas produções surgirão.

Então, além da edição pioneira no Brasil em 2014, aconteceram a edição de 2016 e 2018. A edição atual, em processo de elaboração, conta com o financiamento do Ministério da Cultura.

4.2. A obra *Voo sobre o Rio*

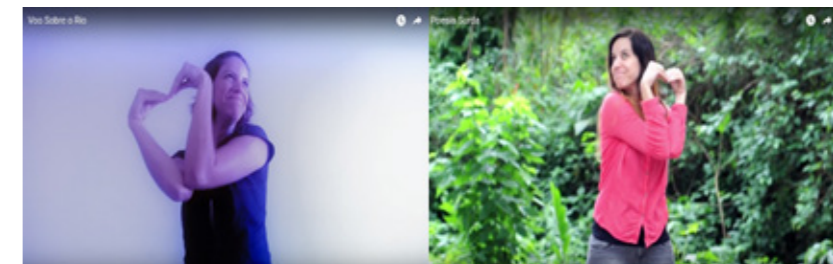
Ao ser perguntada sobre, qual a poesia de sua autoria teria um significado mais forte, ou seja, qual dentre as suas composições seria eleita a sua poesia preferida, Fernanda Machado respondeu:

A poesia mais marcante para mim? É difícil escolher, porque, para mim, todas são marcantes. Não tem como eu definir qual é a melhor. Não tenho como escolher somente uma. Mas claro, existe a primeira poesia *Voo sobre o Rio*, este é o sinal (as duas aves se beijando formando um coração), que foi divulgada com mais força e ganhou forte repercussão. Porém, eu tenho outras poesias muito fortes e que mexem com o sentimento. Realmente é impossível para mim, escolher uma poesia apenas, porque tenho um sentimento, um elo muito forte com todas elas. [sic]

Como afirma a autora, que já possui um sinal próprio, da forma que é conhe-

cida na comunidade (Imagem 21). Isto é reflexo do reconhecimento e consagração da obra poética, visto que, as poesias são conhecidas e apresentadas com seu título em português, soletrado pelo alfabeto manual. No caso do *Voo sobre o Rio*, além de ter o seu título em português, possui o léxico (sinal) que o nomeia em LIBRAS.

Imagem 21: O sinal da poesia sendo apresentado nos dois registros²²



Publicação de 2014

Fonte: youtube.com

Publicação de 2015

O interesse que origina estudos voltados para esta obra poética, dá-se pela consagração desta poesia, que é muito conhecida na comunidade linguística. Embora não tenha sido publicada no ano da sua composição, em 1998, a obra foi publicada pela primeira vez em 5 de dezembro de 2014 no canal *isurdo*²³, pois na época nem mesmo existia a plataforma de compartilhamento de vídeos chamada de Youtube²⁴. Posteriormente, foi feito um novo registro da obra, publicada no canal *Cotidiano UFSC*²⁵, em 1º de outubro de 2015.

Sobre o local de inspiração para a composição e o registro da obra, Fernanda Machado apresentou a seguinte resposta:

A maioria das minhas poesias são inspiradas e produzidas quando estou no Rio de Janeiro. *Voo sobre o Rio* foi registrado em dois ambientes diferentes da UFSC e em épocas diferentes. O registro em vídeo foi feito a pedido de duas pessoas que estavam desenvolvendo trabalhos de pesquisas, uma de Alagoas e a outra da UFSC. [sic]

Além dessas duas publicações, recentemente, em 30 de abril de 2020, a autora publicou sua obra pioneira no seu próprio canal pessoal: Fernanda de Araújo Machado²⁶.

O reconhecimento dos valores estéticos desta poesia, por parte da comunidade surda, é apresentado na resposta do leitor surdo:

Através do uso de estratégias linguísticas, como metáfora, repetição, simetria e equilíbrio, ela consegue transmi-

²² O registro em ambiente natural (<https://www.youtube.com/watch?v=dDw2WSqIS8k>) e o registro em ambiente fechado (<https://www.youtube.com/watch?v=YaAyocbjU8o>)

²³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YaAyocbjU8o>

²⁴ A plataforma Youtube foi criada em 2005.

²⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dDw2WSqIS8k>

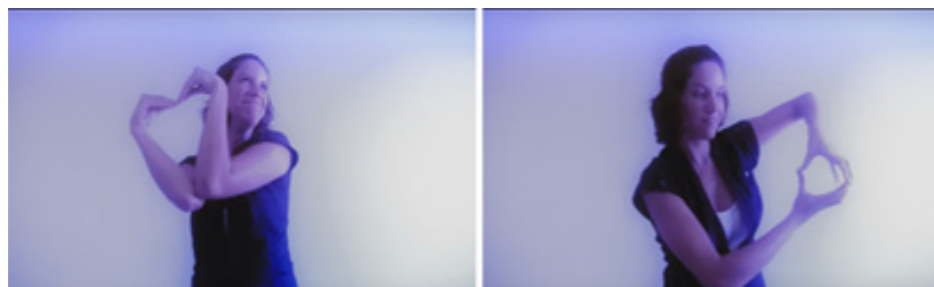
²⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=l-S8CQzSqGI&t=5s>

tir a essência do texto. A partir da sinalização, é possível compreender que há o voo de pássaros sobre a cidade do Rio, pela descrição da cidade do Rio de Janeiro e essas aves observam pessoas caminhando e as ondas do mar. A simetria e o equilíbrio no uso das mãos, facilitam a compreensão das ideias do texto. O ambiente é adequado à sinalização, bem como, a roupa utilizada não atrapalha na sinalização do texto e nem na expressão facial de quem sinaliza. (Leitor GL)

Diante desta afirmativa do Leitor GL, percebemos a menção da simetria e do equilíbrio. Elas possuem direta relação com um termo recorrente “a perfeição”, proferida na argumentação dos leitores surdos consultados, durante a apreciação dos textos sinalizados do gênero poético,. Em relação a isto, Sutton-Spence (2006, p. 138, afirma:

O impacto estético da simetria visual é agradável, mas o uso deliberado da simetria e da assimetria pode também ter significado simbólico. O sentido geral da simetria é aquele da harmonia, da beleza e da perfeição, enquanto a assimetria implica a ausência dessas. A assimetria espacial geométrica na poesia em língua de sinais pode ser usada para produzir e representar estes conceitos simbólicos.

Imagem 22: Exemplos de Simetria



Fonte: youtube.com

Outra característica destacada na apreciação desta obra poética, consiste no elemento subjetivo denominado no estudo de sentimento/emoção. O fato de ser uma produção artística, inevitavelmente transmite sentimento e aflora a emoção, pois, “na medida em que a obra de arte decorre do espírito, ela necessita de uma atividade subjetiva produtora, a partir da qual provém e, enquanto seu produto, é para um outro, para a intuição e o sentimento do público” (HEGEL, 2004, p. 281).

Desta forma, a Leitora TA, além de elementos subjetivos e linguísticos, destaca também, características cinematográficas deste texto literário sinalizado:

Gostei da forma que ela mostra a volta ao mundo e localiza a história no RJ descrevendo o cenário. Em sequência apresenta o pouso, o vento na face do pássaro ao pousar e o momento do encontro com o pássaro fêmea. Posteriormente, ela vai desconstruindo o cenário e voltando para

o início, retrocedendo na descrição, como um movimento de câmera, isto foi muito lindo, maravilhoso, me encheu de emoção e me senti muito melhor ao ver esta poesia. O visual desta poesia é muito esclarecedor e a sinalização é muito clara, de ótimo entendimento. Maravilhosa. Eu realmente gostei muito desta poesia. Agora, o que é muito interessante e importante, é que, o plano de fundo atrás da sinalizadora, não atrapalhou em nada. O plano de fundo não teve mudanças, foi o mesmo durante toda a poesia, isso foi perfeito. O visual desta poesia favoreceu para um entendimento perfeito. [sic]

Esta emoção e percepção da perfeição, que foi relatada pela Leitora, trazem uma contribuição bastante relevante, quando afirma que a desconstrução da descrição, voltando ao início, reflete-se numa sensação de movimento de câmera, porém, proporcionado através das mãos que sinalizam, e, principalmente, pelo movimento do corpo em 180 graus, porque, de fato, não houve movimento de câmera.

Imagem 23: Movimento de corpo na construção do cenário



Fonte: youtube.com

Esta construção e desconstrução a que ela se refere, consiste exatamente, no uso do elemento estético poético denominado de repetição, pois, a poetisa inicia utilizando determinados sinais descritivos (amplo uso de classificadores), direcionando inicialmente, a descrição panorâmica da direita para a esquerda, como um movimento de voo e termina repetindo os mesmos sinais descritivos, e repetindo o mesmo percurso, porém, agora, na ordem inversa, da esquerda para a direita. De acordo com Sutton-Spence (2006, p. 131):

A repetição é uma característica de quase todos os poemas, incluindo poemas sinalizados. Pode ser vista de diferentes níveis na linguagem – sincronismo rítmico dos sinais, parâmetros sublexicais dos sinais, os próprios sinais, a sintaxe das linhas, ou no nível estrutural maior do poema como em estrofe. A repetição pode simplesmente ter apelação estética e nós podemos apreciar os padrões criados pela repetição e admirar a habilidade do poeta em selecionar ou em criar os sinais que determinam certos padrões.

Em consonância com a Leitora TA, a Leitora LK agrega valores repletos de subjetividade, ressaltando o sentimento de romance e de emoção, pois esta poesia vai de

encontro com o seu interior e lhe permitindo viajar nos pensamentos:

Escolhi a segunda poesia porque eu fui tomada por um sentimento de admiração difícil de explicar. A poesia me deu a possibilidade de imaginar e visualizar. Porque, por exemplo, um ouvinte ao ver uma poesia que foi escrita, ouve ou lê, e se emociona. E agora, por outro lado, nesta situação de uma poesia própria da LIBRAS, com expressão facial e corporal, com uma leveza e singeleza/suavidade na sinalização, parecendo como uma melodia das mãos e que emociona através da visualização da sinalização, que entra no meu interior e me dá a oportunidade de, com base na visão, imaginar, e me transmite um sentimento bom. Esta poesia é muito diferente, eu concordo com o jeito desta poesia. Por exemplo a parte que o pássaro vê as pessoas caminhando no calçadão e os dedos da sinalizadora desenhando as listras onduladas do calçadão de Copacabana (soletrado), nós imediatamente identificamos sem precisar explicar, onde é o local, e reconhecemos porque isto é da identidade do Rio de Janeiro, assim como o mar. E depois, o romance entre os pássaros o carinho, o estar junto, a vivência de uma amor que quer estar junto, os beijos, os sorrisos, os olhares, ao comparar, parece com as pessoas que sorriem, acariciam, amam e se beijam. Posteriormente, quando ocorre a despedida e a descrição dos pontos turísticos recomeça, o sentimento que a sinalização e o ritmo transmitem, é de paz e tranquilidade. Eu realmente me senti muito bem com esta poesia, me transmitiu uma emoção que não dá para explicar, muito boa esta poesia Voo sobre o Rio. Ela é ótima, perfeita. Ao ver a poesia sinalizada, ela me dá uma alegria, pensamentos felizes e me faz sorrir. Do meu interior, de verdade, eu sinto que esta é bem melhor, por isso escolhi esta poesia. Eu percebi a importância da poesia sinalizada, porque é própria dos surdos, é visual e de claro entendimento. Conseguimos absorver o sentimento, as emoções como o choro, o sorriso, os sonhos. Essa poesia sim, combina com os surdos. [sic]

Desta maneira, fica evidente a alegria expressada da Leitora em perceber que, assim como um ouvinte, ela pode se emocionar com uma poesia oriunda da sua cultura, identidade e língua, e, ainda, compreender de forma clara informações subentendidas e sem a necessidade de nomear o local, como por exemplo, no caso de Copacabana, que não é apresentado o sinal, porém, descrita visualmente. E assim, simplesmente pela descrição intensificada e estrategicamente equilibrada e simétrica, a mensagem e o sentimento, são explicitados de forma emocionante.

Ao afirmar “conseguimos absorver o sentimento, as emoções como o choro o sorriso, os sonhos”, esta Leitora ressalta exatamente a finalidade da arte que parte da intenção de eternizar um sentimento, pois “a arte consolida em duração o que na natureza é passageiro; um sorriso que desvanece rapidamente, um rasgo repentino e chistoso em torno da boca, um olhar...” (HEGEL, 2004, p. 175).

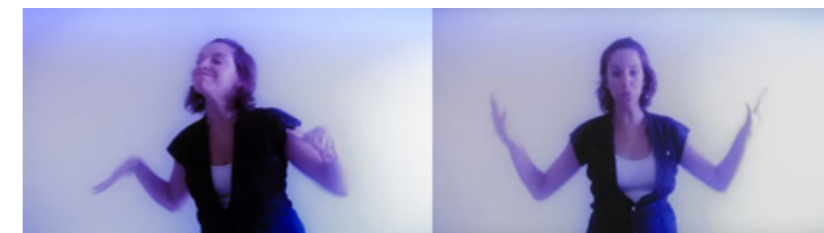
Este alcance ao imaginário do público, por parte deste envolvente poema, requer um notório desempenho do poeta-sinalizador. Além de recursos como expressões faciais/corporais e a apropriação de classificadores, o elemento estético fundamental e explorado intensamente nesta obra, é a representação dos personagens (aves) e a incorporação de todos os eventos durante este “voo”, no corpo do poeta.

Portanto, este ato de representar por meio de uma incorporação e cópia do real, trata-se do elemento estético utilizado nas poesias sinalizadas, denominado como morfismo (SUTTON-SPENCE, 2010). Esta pesquisadora ressalta que, os habilidosos poetas sinalizadores, utilizam das expressões não manuais (Expressão corporal e facial) para atingir o objetivo desta representação imagética no corpo, ou, com outras palavras, desta incorporação do objeto ou personagem.

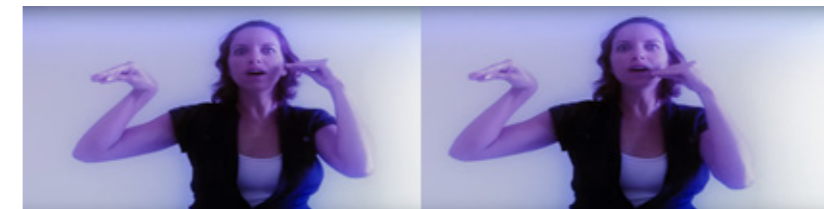
Vale ressaltar que geralmente, o morfismo na poesia em Língua de Sinais, vem associado ao neologismo (criação de novos léxicos), como é possível constatar na imagem a seguir:

Imagem 24: Neologismo.

1. Morfismo: a execução do voo e o pouso



2. Neologismo com o sinal de Surdo (configuração 27 ao invés de 14)



Fonte: Elaborado pela autora.

Esta incorporação, ou cópia da realidade que ressalta a característica literária da verossimilhança, também se fez presente na explicação do Leitor AD, quando afirma:

O cenário descrito me contagiou mostrou a realidade com a cópia do que aconteceu de verdade. A natureza, a árvore, o mar, a forma dos pássaros pousarem, contagia a gente porque a semelhança com o real nos emociona, por isso escolhi esta poesia. [sic]

Outras características que destacam o valor estético da obra, são identificadas na fala de outro Leitor Surdo:

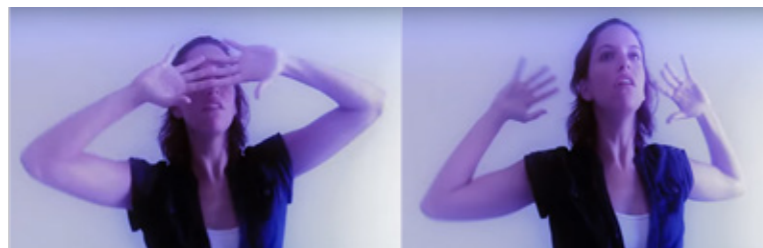
Eu escolhi Voo sobre o Rio, porque há uma movimentação que me transmite a sensação de vento, há uma fluidez na descrição detalhada e uma perfeita disposição no espaço. A poeta descreveu de forma clara, visualmente a cultura carioca. Nesta poesia é possível encontrar metáfora, uma contextualização à realidade dos surdos e de forma maravilhosa. Por isso, é a obra mais bela, na minha opinião. Mostrou visualmente as características do Rio de Janeiro. Com base nos conhecimentos adquiridos nas disciplinas sobre a Literatura Surda e o seu desenvolvimento, que acompanha o desenvolvimento da LIBRAS, percebemos que este poema utiliza a LIBRAS de forma profunda, apresentando um amplo conhecimento do vocabulário da língua com o conhecimento de classificadores e metáforas com descrições detalhadas. Enfim, todas estas características estão presentes no poema maravilhoso de Fernanda Machado. (Leitor MA)

Desta forma, notamos que, além da sinalização bela e de qualidade, este leitor ressalta a profundidade da linguagem utilizada pela poetisa. Esta utilização da língua de forma diferenciada e artisticamente trabalhada, em contraposição a sinalização comum do cotidiano, fundamenta-se no fato de que: “A poesia em língua de sinais, como a poesia em qualquer língua, usa uma forma elevada da língua (“sinal arte”) para produzir efeito estético” (SUTTON-SPENCE, 2005, p. 14).

O Leitor MA ainda justifica esta afirmativa, com os elementos linguísticos e literários presentes na poesia:

Este elemento, denominado de “descrição detalhada”, citado por este participante, é exemplificado através de sua fala: “há uma movimentação que me transmite a sensação de vento há uma fluidez na descrição detalhada e uma perfeita disposição no espaço”. Esta descrição visual, por intermédio das estratégias linguísticas, com o rico uso de expressão facial e classificadores, também ganha mais vida com uma movimentação diferenciada e leve, que imita realmente a singeleza e delicadeza de um voo. Por isso, resulta na impressão de sentir o vento.

Imagem 25: A descrição de vento tocando o rosto (classificador)



Fonte:youtube.com

Vale ressaltar, que esta sensação também é favorecida pela perspectiva da descrição enriquecida por simetria e equilíbrio. Embora os Leitores MA (anteriormente) e DZ (a seguir) não tenham utilizado os termos Simetria e Equilíbrio, é possível reconhecê-los nos termos “diferenciação de expressão para cada espaço” e a “perfeita disposição no espaço”.

Esta poesia da surda Fernanda é muito boa. A mensagem é transmitida e descrita muito bem. Esta poesia tem tudo o que é necessário para uma boa poesia, como expressão facial e corporal, movimento, enquadramento, plano de fundo neutro, sinalização combinando com o espaço. A diferenciação de expressão para cada espaço foi muito interessante, isto toca na sensibilidade, o surdo sente isso e se emociona. Gostei muito. (Participante DZ)

Como na maioria das respostas, a emoção e o sentimento possuem um destaque relevante como verificamos na última frase, quando o Leitor DZ enfatiza: “isto toca na sensibilidade, o surdo sente isso e se emociona. Gostei muito”.

Sem dúvida, há temáticas que tocam de forma mais profunda a esfera dos sentimentos e emoções. Um desses temas, com certeza, é a referência à terra natal, principalmente, se você reside em outro estado e sente saudades da cidade onde nasceu, como é o caso da única carioca da turma, residente atualmente na Paraíba, a Leitora TA:

Porque, quando eu vi a poesia, o que eu senti foi emoção, porque tem metáforas, parece que são pessoas vivendo aquela história romântica dos pássaros. Eu senti isso, quando a Fernanda apresenta os pássaros se paquerando e depois, se beijando, e também, o que eu achei mais bonito foi a descrição feita por ela, para a cidade do Rio de Janeiro, com o Corcovado e o Cristo Redentor. Outro ponto apresentado foi a praia de Copacabana e o calçadão, o Pão de Açúcar. [Leitora TA]

Esta leitora do texto sinalizado em questão, utilizou o sinal da poetisa Fernanda Machado e do bairro de Copacabana, demonstrando o conhecimento dos locais descritos. Na obra *Voo sobre o Rio*, em momento nenhum, a Poetisa faz o sinal do bairro, mas elucida suas características visuais, que são automaticamente percebidas e reconhecidas pela leitora carioca.

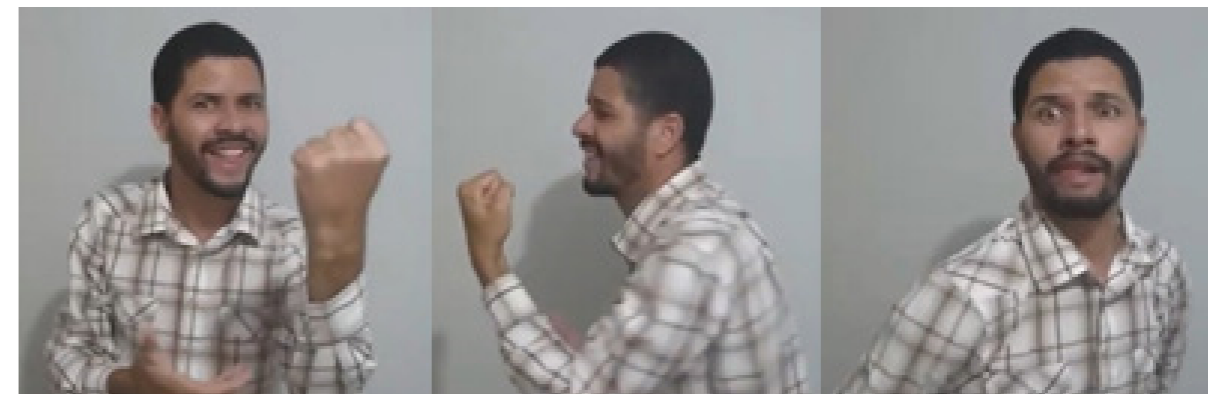
A afinidade com a temática da terra natal, é um elemento também evidenciado na obra e que será apresentada no próximo capítulo.

5

O poeta popular nordestino no farol da barra, contando uma história em libras



Imagem 26: Performance do artista na música Vem Morena



Fonte: Luiz Gonzaga. Esse é o São João do Nordeste em Libras, obra publicada no canal do poeta Maurício Barreto no youtube.com

Residente em Salvador, o poeta Maurício Barreto nasceu na cidade de Jequié (Bahia), em 17 de novembro de 1977, vindo de uma família toda formada por integrantes ouvintes, como afirma em entrevista realizada em 2016:

Minha família é toda de ouvintes. Tendo apenas eu, como único Surdo. Embora eu fosse minoria na minha família, sempre fui muito amado e nos amávamos muito. Eu e meus irmãos, nunca tivemos problemas. Eu me considero um grande sortudo. [sic]

Aos 11 anos, viu pela primeira vez a Língua de Sinais em um programa de televisão, porém, o seu contato com a comunidade surda e o seu desenvolvimento linguístico na Língua de Sinais Brasileira, só teve início na adolescência, como afirma o poeta:

Apenas com 17 anos, muito tardiamente, através do contato com a comunidade surda, comecei a frequentar a Igreja e pude desenvolver o conhecimento na LIBRAS e desde então me comunico através dela. [sic]

O poeta baiano possui uma atuação bastante abrangente e em diversos âmbitos na comunidade surda: religioso, educacional e artístico. Sua trajetória é marcada por uma importante contribuição na evangelização de surdos e na produção de materiais evangelísticos. Já desenvolveu vários trabalhos com a Junta de Missões Nacionais (JMN)²⁷, dentre eles as ilustrações com os personagens se expressando na LIBRAS²⁸, dos livros *A Escolha* e *O grande amor de Deus*.

²⁷ Órgão evangélico sem fins lucrativos (mantido pelas igrejas Batistas), responsável por manter missionários no Brasil e desenvolver diversas ações para a evangelização, inclusive, a implantação de Igrejas Batistas em LIBRAS, dirigidas por missionários surdos, em diversas cidades do interior do país.

²⁸ Maurício Barreto explicou sobre sua preocupação em enfatizar em seus desenhos, as expressões faciais e corporais dos personagens das histórias.

Imagem 27: Produções artísticas publicadas



Fonte: www.livrariamissoesnacionais.org.br

No âmbito educacional, trabalha como instrutor, numa escola pública, ensinando às crianças surdas sobre expressão facial, classificadores, contação de histórias e narrativas. Além disso, trabalha há muitos anos com cursos de LIBRAS para ouvintes (nível básico, intermediário e avançado).

5.1 O poeta popular da comunidade surda nordestina

Ao falar da terceira parte da sua identidade multifacetada - a artística - Maurício Barreto afirma:

Eu faço de tudo um pouquinho, faço poesia, desenho, piadas, música, várias coisas. Tudo que envolve a arte me interessa bastante. Faço muitos desenhos, assim como as publicações da JMN (Junta de missões Nacionais), onde todos os desenhos foram feitos por mim. Eu queria fazer desenhos com histórias adequadas para surdos, desenhos com mais expressões, então, produzi isto em 2007. Agora, estou trabalhando em algo novo, a valorização da expressão facial, mas só que agora, na escrita de sinais (SW). Eu comecei a apreciar a escrita de sinais a pouquíssimo tempo e estou trabalhando a escrita de sinais de maneira mais artística, com algumas estratégias para melhorar ainda mais a compreensão dos surdos, para apoiar os surdos do Brasil. Por isso estou investindo na escrita de sinais. Agora estou estudando e me dedicando a me aperfeiçoar na escrita de sinais (Sign Writing). Para que, no futuro, o Brasil utilize mais a SW, e esta escrita seja mais divulgada. Além de estudar e me aperfeiçoar, estou organizando um repertório, para depois apresentar também, este tipo de produção, mas quando eu tiver mais segurança. Então, eu trabalho com o pessoal me convidando para apresentações em diversos eventos. Eu não tenho formação, mas eu tenho a cabeça boa para estudar e pretendo futuramente cursar Letras Libras. [sic]

Ao lembrar qual foi sua primeira poesia, Maurício Barreto descreve com detalhes o processo de criação dessa obra pioneira, o local onde apresentou, a data e os sentimentos ao se descobrir como poeta:

Eu criei a primeira poesia em 2007: Adão e Eva. Eu queria que ela fosse muito bela, treinei bastante em casa e depois apresentei no evento da Igreja, e aí todo mundo veio até mim, empolgados, dizendo que ficaram muito emocionados. Então, neste momento, eu pude olhar para mim mesmo, e percebi o quanto isto era importante. Foi então quando eu comecei a criar poesias. Eu não copiei de ninguém, foi uma produção da minha criatividade. Então criei esta poesia, depois vieram outras, e surgiram vários convites para apresentações de poesias, em diversos eventos da comunidade surda. Conforme eles diziam que os poemas estavam bons e bonitos, eu ia me aperfeiçoando mais. Então, comecei com uma poesia, depois produzi várias poesias por ano, até chegar a várias no mês. Isso depende. Os convites foram aumentando. Eu comecei a me desenvolver neste âmbito e ter mais liberdade criativa. [sic]

Diante da pergunta: “Você saberia dizer quantas poesias mais ou menos criou?”, surge a difícil missão de contabilizar um ato tão natural para ele, pois, até mesmo durante a entrevista, o poeta sinalizava trechos criativos e com um tom poético na maneira de sinalizar, como resposta, brincando com os movimentos e expressões faciais, que é muito característico do seu estilo. Embora não saiba exatamente o número de poesias que criou, declarou que:

Minhas produções poéticas, primeiramente registrei no meu canal velho, em segundo lugar no canal mais novo²⁹, em terceiro lugar no Facebook, no caso do quarto grupo, são exatamente minhas poesias não registradas, são as mais recentes, as poesias que reservo apenas para apresentações pessoalmente em eventos, são as mais bonitas e mais novas. Essas eu não registrei e nem publiquei ainda em nenhuma rede social, só vou fazer isso depois que eu tiver apresentado cada uma delas repetidamente, e que muitas pessoas já tenham assistido pessoalmente. Eu separei estas mais bonitas e recentes. Por isso, quando eu vejo alguns registros poéticos meus, no meu primeiro canal de youtube, eu as acho mais fracas, as recentes eu acho mais bonitas. Eu comparo a uma criança, que está primeiro trabalhando traços ainda tortos, para só depois desenvolver a escrita formal. As pessoas, na realidade, elogiam

²⁹ Canal criado em 2010, e atualmente com 803 inscritos, na consulta feita em 02/10/2020.

e gostam muito, mas eu não. Eu gosto das poesias mais novas. Assim como a exemplo de Michael Jackson, que sempre queria aperfeiçoar sua arte e seu estilo, sempre inovando e surpreendendo, eu também quero melhorar muito mais. Ainda tenho muito a crescer, sei que no futuro minhas poesias serão ainda melhores. Eu acho que com humildade sempre, posso desenvolver um bom trabalho.

Mas, nem sempre foi tão fácil. No início, o criativo autor e artista foi desacreditado, por parte de pessoas ouvintes de sua convivência, devido ao desconhecimento da cultura surda. Contudo, as coisas começaram a mudar quando algum tempo depois, ele descobriu que o surdo era capaz de produzir uma obra poética e expressar-se através da sua língua e do seu corpo, com expressão, ritmo, melodia, dança com as mãos, enfim, produzir artes visuais de diversos tipos, oriundas da sua cultura, ideologia e valores.

Para tanto, ele recebeu influência de dois poetas surdos em momentos diferentes da sua vida e que contribuíram para o seu despertar poético:

Quando nos mudamos para Salvador³⁰, Nilton Damasceno me chamou até a sua casa para visitá-lo e ver um vídeo. No momento em que assisti o vídeo pude abrir os olhos para uma nova realidade. Eu fiquei impressionado e maravilhado, meus olhos lacrimejaram, era um poeta surdo da França, eu não sei o nome dele. Ele fazia uma movimentação com um ritmo, como se fosse um soldado marchando, e a plateia de um teatro muito grande, lotado de surdos, assistindo. Com isso, eu fiquei deslumbrado, mas me veio logo a imagem daquela ouvinte³¹, dizendo que os surdos não podiam criar uma dança, com uma expressividade do corpo, da forma que eu estava fazendo. E ali, eu logo lembrei desta afirmação que me marcou e me paralisou de certa forma. Mas eu me deparava naquele momento, com uma realidade diferente. Depois de ter visto o poeta Francês, aquilo ficou na minha mente, mas eu não comecei a criar poesia imediatamente a esta descoberta não, aquele recorte ficou apenas na minha memória. Depois de alguns anos, não me lembro exatamente quantos anos se passaram, desde aquele registro na minha mente. Na época eu já criava piadas e histórias engraçadas, todos diziam que eu era muito engraçado, mas poesia não. Até que teve um seminário realizado pelo curso Letras Libras,

³⁰ Pastor surdo.

³¹ O poeta faz referência à uma mulher de sua convivência do passado, no ambiente religioso, que embora fluente em Libras, possuía uma visão ouvintista e, com suas palavras, desacreditou o poeta, por um tempo, quanto ao seu potencial e aos valores artísticos da cultura surda.

em Salvador, e vários surdos estavam presentes. Nelson Pimenta estava presente, acompanhado da surda Rosana Grasse. Ela apresentou uma poesia muito linda de sua autoria e eu fiquei emocionado. Eu percebi o quanto a poesia é linda. Constatei então, que aqui no Brasil, também tinha poetas. Esse foi o segundo recorte, um registro importante para algo que estava sendo construído na minha mente. Quando fui para casa, ao término daquele encontro, fiquei refletindo, como eu me senti ao descobrir a poesia sinalizada com o surdo francês, juntando com esta poesia que havia acabado de visualizar pessoalmente com a surda brasileira, então decidi acessar o Youtube. Nesse dia, eu fui pesquisar poesias em LIBRAS criadas por surdos, porém encontrava muito mais poesias fora do país. Nada me tocou das produções aqui do Brasil e disponíveis no Youtube. Até que surgiu uma oportunidade e eu fui convidado para um evento na Igreja, foi quando pensei em fazer algo diferente. Pensei em criar uma poesia, e então criei a primeira poesia em 2007. Mas sempre estava na minha lembrança o sentimento de gratidão por estes primeiros contatos com a poesia, porque depois disso, algo mudou dentro de mim, eu me libertei para criar, mas eu não copieie o estilo de ninguém. Eu fiz meu próprio estilo. Mas, fui motivado e influenciado desta forma, por estes dois poetas, porque quando eu entendi que era capaz de fazer poesia, graças ao contato com as duas poesias surdas, eu comecei a me construir enquanto poeta. É como por exemplo, uma planta com uma flor, fosse se desenvolvendo, pétalas e depois frutos. Então, comparo cada parte de uma planta que vira uma grande árvore, com o meu desenvolvimento: primeiro com uma poesia (um galho), outra poesia (outro galho). Poesias com os diferentes tipos que atualmente eu produzo (ritmada, poesia mais tranquila e emotiva, com muitos classificadores, 3D...), e tudo isso fazendo parte da minha construção enquanto artista. [sic]

Em relação a este estilo próprio que o poeta possui, foi apresentada a seguinte questão: “Diferentes de outros surdos poetas, você tem uma movimentação diferenciada e que dá um ritmo diferente às suas poesias, muito parecidas com uma melodia de uma música. Fale um pouco sobre este seu estilo”.

Na realidade, meu ritmo e minha forma de movimentação são diferentes, porque não vem de nenhum outro surdo, vêm dos desenhos animados da TV, de filmes de ouvintes. Principalmente dos personagens de desenhos animados, que se movimentam de forma expressiva, com musicalidade no corpo, então isso me influenciou. Agra-

deço: aos desenhos de Pato Donald, as danças de Hip Hop, aos filmes antigos. Tudo de informação visual que recebo eu coloco nas minhas poesias. Eu crio, depois vou conserando, modificando e adequando os sinais. Depois que eu apresento e os surdos dizem que está muito bom, então, eu vejo que ela alcançou o público que eu queria alcançar com esta poesia. Porque eu não me baseio em poesias da língua portuguesa, eu não tenho influência da língua portuguesa para criar estas poesias. Na verdade, elas são originadas da cultura surda. Vem da minha mente, direto para minhas mãos, e da organização da poesia origina-se a beleza. Todas essas influências que vem de outras artes como dança... Por exemplo, um enredo de um filme, que conta uma história que nos emociona, não é verdade? Atrai, contagia e mexe com a gente. Então se mexeu comigo, eu utilizo estas informações visuais e vou adicionando a minha poesia, e incrementando. De todas as produções que faço, Hip Hop, Piadas, poesias, danças, músicas, desenhos, a minha produção artística que mais gosto é a poesia. A poesia está em primeiro lugar no meu coração e eu quero criar muito mais obras poéticas. Eu gosto de ligar as temáticas das poesias ao contexto, a essência do tema. Por exemplo, aqui na Bahia temos as famosas bandas de Olodum, com a movimentação característica do corpo ao tocar os instrumentos de percussão (não é um simples bater de tambor, mas a cabeça movimentação para trás junto com o braço e depois vem para frente, junto com todo corpo ao bater e emitir o som, é toda uma dança, além de tocar o instrumento). Eu gosto de representar na poesia a forma de andar e faço uma combinação de movimentos e oposições em espaços diferentes. Então, eu vou apresentando a transformação de momentos diferentes, com ritmo marcado em vários pontos do espaço. Eu faço esta marcação com um sinal mais atrás, outro mais a frente, outro a direita, outro a esquerda, destacando a movimentação do corpo e combinando com a expressão facial correspondente. Eu gosto de fazer um tipo de sinalização mais devagar, copiando a câmera lenta, utilizando muitos classificadores, muita expressão corporal, para haver um destaque nos detalhes, até os mais sutis. Os surdos daqui de Salvador me convidam muito para apresentar piadas que crio e poesias. Eles me apelidaram de 3D, devido a esta minha característica de mostrar a cena de diversas perspectivas. Os surdos espalharam esta brincadeira que fizeram comigo, dizendo que eu não faço classificador, e sim, 3D. Eu não visualizava isso em mim mesmo, mas eles ressaltaram esta característica do meu estilo, do meu tipo

de trabalho, porque eu gosto de trazer para a cena todos os aspectos em detalhes, a forma como percebo o mundo por meio de experiências visuais. [sic]

Após entendermos a inspiração para o estilo do poeta e suas especificidades, perguntamos onde geralmente são criadas suas poesias.

Eu crio estas poesias em vários lugares. Faço em casa, em qualquer lugar. As vezes uma pessoa manda para mim uma temática e eu crio na hora, naquele mesmo momento em que estão acontecendo os fatos, mas, as vezes, há poesias que demoram um pouco mais para serem completamente criadas. Depende muito do dia. Também não sei se mudarei este meu estilo no futuro, só sei que as ideias vão surgindo e eu vou colocando em prática. E não é difícil não. É muito fácil para mim. É natural. Qualquer surdo pode fazer. É possível para um usuário da Língua de Sinais que seja criativo e persistente, mas, se desistirem fácil deste objetivo, realmente não conseguirão. Precisa ter uma criatividade para expor uma visualidade poética, é como florescer mesmo, uma flor que exala um ótimo perfume com cheiro da cultura surda [sic]

No início da entrevista, o poeta comentou em sua resposta que está estudando a escrita da língua de sinais (Sign Writing-SW). Com base nisso, foi levantado o seguinte questionamento: Você já criou alguma poesia em SW?

Eu ainda vou escrever uma poesia em escrita de sinais. Acredito que é possível, mas estou praticando este conhecimento, meu objetivo é esse. Eu achava que a SW era muito difícil, comecei a treinar, não percebia a expressão e nem a transmissão do movimento, por isso não me animei muito. [...] Então comecei a me interessar mais, a apreciar muito, então com minhas próprias mãos, me propus a trabalhar esta escrita de forma mais artística. Meu alvo em aprender a língua de sinais escrita, é representar os classificadores na escrita de sinais. O que quero é transmitir realmente as nuances da língua e da cultura surda, transmitir realmente a movimentação da língua de sinais, que não é uma língua parada. Quero registrar esta expressão corporal na escrita desta língua. Estou conseguindo me desenvolver na SW, associando desenhos a escrita da Língua de Sinais. Estou experimentando novas formas através da criatividade. É um trabalho pioneiro romper com esta escrita tradicional. Quero escrever a escrita de sinais de maneira artística, poética. Uma escrita bela, expressiva, que represente a emoção para pessoas surdas, que retrate

a expressão, que registre a expressão de forma mais clara, mais moderna. Quando eu souber de verdade, a marcação poética, eu vou publicar, para que isso seja comercializado e alguns divulgados gratuitamente. Eu sempre trabalho das duas formas. Precisamos incentivar que mais pessoas conheçam a SW. Quando o Brasil estiver repleto de pessoas utilizando a Escrita de sinais, vai ser muito bom, porque haverá mais registros, materiais didáticos sendo vendidos. A gente terá publicações com ideias e emoções sendo registradas na nossa própria língua e de maneira adequada.

Imagem 28: Escrita de sinais artística



Fonte: enviada e cedida pelo poeta

Precisa haver registros de romance, emoções e poesias. Este é o meu intuito, meu objetivo. Salvar o registro no Brasil. [sic]

5.2 A poesia Farol da Barra

Embora com composição e apresentações ao vivo desta obra, anterior a 3 de maio de 2012, a poesia Farol da Barra foi publicada no canal do poeta nesta data. Atualmente o canal do youtube.com registra 6.484 visualizações desta poesia sinalizada.

Como vimos anteriormente nas falas dos Leitores, na apreciação da obra Voo sobre o Rio, ao apresentar poesias com temática referente ao estado natal do poeta, constatamos o elemento da “afinidade com a temática”, visto que, os poetas carregam com eles, além da cultura surda, os traços culturais da região que representam.

A poetisa e pesquisadora Profa. Machado (2014, p. 231), ao abordar as características regionais das produções poéticas da literatura surda, contribui com a seguinte elucidação:

As produções poéticas carregam o estilo, as particularidades daqueles que as produzem. Os poetas produzem com base em suas regiões, especificidades e características da cultura de cada estado. As poesias retratam as caracterís-

ticas, o jeito e o reconhecimento das particularidades e especificidades presentes em cada cultura, com composições e combinações inerentes a esta (a cultura). Este processo faz um movimento de trocas e interações, trazendo um aspecto melódico à poesia.

Esta apreciação de uma poesia como melhor, foi encontrada no experimento, devido à afinidade com a temática, como é possível constatar por exemplo, na seguinte resposta:

A poesia que mais gostei foi a primeira com o título Farol da Barra, porque fala do meu Estado Bahia, de um dos lugares turísticos mais lindo que está localizado na capital baiana”. (Leitor JO)

Portanto, a maioria dos leitores consultados, apresentaram a afinidade com a temática de forma consciente e expressada na sua argumentação ou de forma inconsciente, porém, influenciado por este elemento. Outro aspecto elencado na apreciação da poesia Farol da Barra e que se destacou nas respostas dos alunos do curso Letras Libras, denominados de Leitores Surdos, consistiu: na “sinalização tranquila que emociona” (Leitor CL) e “sinais calmos, doces” (Leitor MV). Nesse sentido, Machado esclarece:

A língua de sinais é carregada de elementos pertinentes somente a ela, tem estética e estilo próprios, e cada usuário apropria-se da língua de maneira diferente. Nesse sentido, a língua de sinais não é somente uma vocação, mas sim uma construção que acontece por meio das experiências, por isso existem pessoas que sinalizam de modo mais brando e suave, enquanto outras, de modo mais firme e vibrante. Mesmo sendo toda a sinalização uma forma de inspiração, nunca será reproduzida no mesmo estilo, pois a língua é dinâmica (MACHADO, 2014, p. 230).

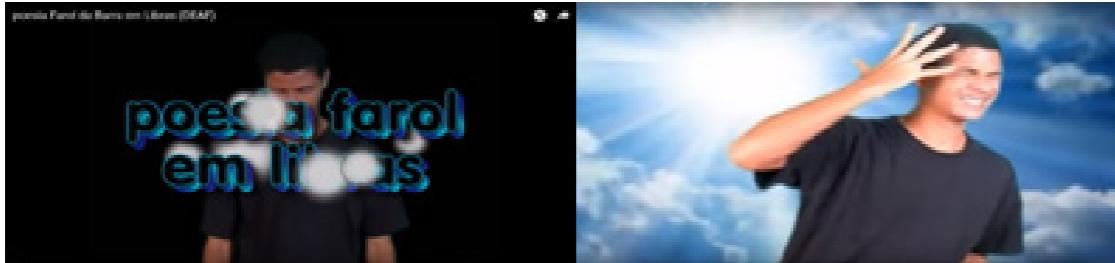
Como conclusão das considerações dos leitores durante a apreciação da poesia Farol da Barra, apresentamos a fala da Leitora IS, que embora não tenha entrado no mérito do conteúdo do poema e da sua temática, sua apreciação é bastante abrangente e rica em elementos estéticos, identificados na composição do poema, como é possível evidenciar na sua fala:

Eu escolhi como mais bonita a poesia de título Farol da Barra que na minha opinião é a mais bonita, maravilhosa, perfeita porque o poeta usa blusa preta, mostrando uma postura profissional. Também apresenta uma fluência maravilhosa na sinalização. Sem nenhum defeito. Também o plano de fundo com imagens é muito importante, para os surdos entenderem de forma clara e captar as informações visuais. Esta clareza nos faz sentir emoção. A imagem ligada a cada sinal é muito positivo para o entendimento, para a emoção, é importante então. [sic]

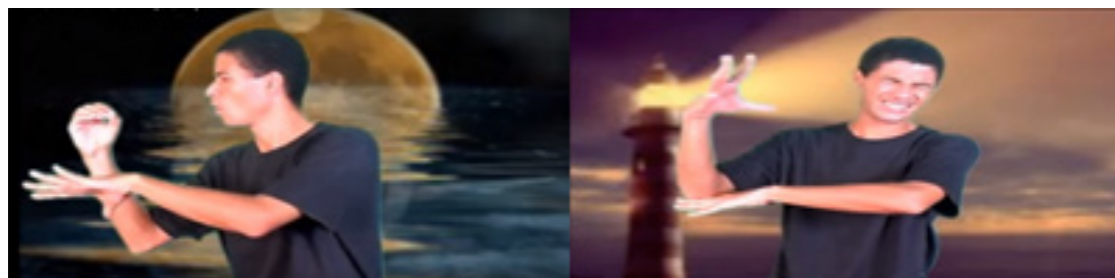
Nesta fala da Leitora e nos trechos a seguir na imagem, percebemos a presença de elementos estéticos deste registro cinematográfico (o plano de fundo adequado, a combinação visual imagem-sinal, a postura correta diante da câmera e a rou-

Imagem 29: Trechos da poesia Farol da Barra

1-Postura e roupa diferenciada do poeta | 2- Expressão do poeta reagindo a luz do Sol



3. A imagem da Lua reagindo aos sinais | 4- Novamente a perfeita combinação imagem-sinal



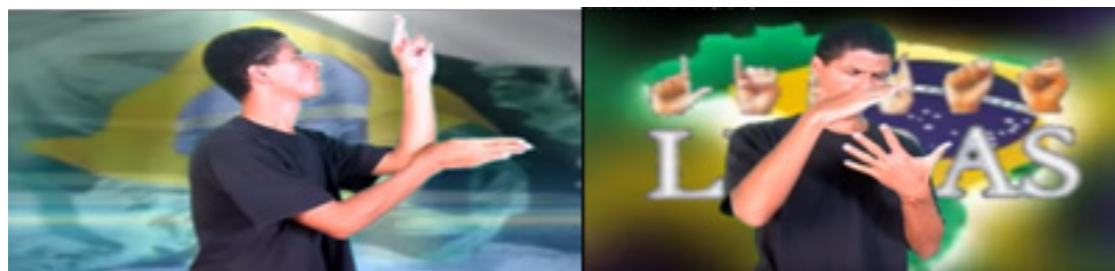
5- O Farol sendo sobreposto pelo mapa | 6- A chegada dos portugueses (classificador)



7-Sinal-arte (soletração artística) | 8-Direcionando o sentido de Salvador para Deus



9-Neologismo: a bandeira subindo no sinal de Senhor | 10-Do Brasil surge o sinal da LIBRAS



Fonte: Canal do poeta no youtube.com

pa), que realmente consiste em um entorno significativo, para o resultado desta poesia registrada visualmente.

Toda a combinação harmônica destes elementos fazem o diferencial desta poesia, e que passa a ideia de um certo diálogo entre a imagem e a sinalização, pois o poeta reage as mudanças de imagem e vice-versa. Além disso, dois elementos que não foram citados pelos leitores, mas que podemos constatar também na imagem apresentada, é a soletração com movimentação diferenciada (artística) e o neologismo do mastro (em sinal de Senhor-Deus-Salvador), onde a bandeira é erguida.

Além dos elementos cinematográficos que favorecem o resultado final do poema, a Leitora IS, apresenta na sua justificativa, a escolha elementos subjetivos (emoção, beleza e perfeição). Algo interessante que merece destaque, é o fato de que, a colaboradora atribui os adjetivos bonita, maravilhosa e perfeita, para poesia e ainda enfatiza, posteriormente, esta perfeição para o elemento linguístico da poesia, exaltando o uso diferenciado da Língua de sinais, ao afirmar que, “Também apresenta uma fluência maravilhosa na sinalização. Sem nenhum defeito.”

5.3 A poesia História em LIBRAS

Da mesma forma, embora com composição e apresentações ao vivo desta obra, anterior a 26 de maio de 2012, a poesia História em LIBRAS foi publicada no canal do poeta nesta data. Atualmente o canal do youtube.com registra 3.015 visualizações desta poesia sinalizada.

De forma evidente, o percurso histórico das comunidades surdas em todo o mundo, ou seja, do Povo Surdo, é repleta de valores e compartilhamentos de lutas em prol do respeito e valorização do direito de “Ser Surdo” (deafhood) e de usar sua língua natural. Diante desta realidade, uma das temáticas recorrentes das poesias em diferentes Línguas de Sinais é a presença da opressão pela sociedade ouvinte e, a contrarreação das pessoas surdas (SUTTON-SPENCE, 2008, p. 340). A antítese “opressão x libertação” está presente tanto na poesia Luz sem Fim, como na poesia História em Libras. Esta antítese foi identificada nesta última obra por alguns leitores surdos, como a exemplo do Leitor M, quando apresenta sua justificativa para escolha da obra como a mais bela:

Através do que eu vi, eu escolho esta poesia, porque mostra sobre a história da Libras e as metáforas foram muito bem utilizadas, as imagens foram adequadas ao contexto, os classificadores. Além disso, a gente sente a emoção da poesia e entende claramente, todo o contexto histórico que esta poesia retrata de forma maravilhosa. A opressão e depois a libertação apresentada na poesia, está totalmente ligada ao contexto histórico da Língua de Sinais. E eu entendo que, a Literatura surda, as poesias, podem trazer esta libertação. (Leitor M)

Nesta contribuição, além de identificar os elementos, este leitor ressalta o empoderamento por meio da Literatura Surda, destacando a importância do movimento literário, com produções em Língua de Sinais, para a libertação do povo surdo e, para a valorização e respeito da sua língua. Diante disto vale refletir que:

Mesmo o prazer e o entretenimento proporcionado pela poesia podem ser vistos como um tipo de fortalecimento para essa comunidade linguística. Esse empoderamento pode ocorrer simplesmente pelo uso da língua, ou pela expressão de determinadas ideias e significados que se fortalecem pela instrução, pela inspiração ou pela celebração. Utilizando a língua de sinais criativamente e como uma forma de arte é um ato de empoderamento em si mesmo para um grupo linguístico minoritário oprimido (SUTTON-SPENCE, 2006, p. 115).

A figura de linguagem citada pelo Leitor M, também destacada pelo Leitor L, de forma exemplificada e completa, é a metáfora, este elemento tão belo e enriquecedor para a poesia em qualquer língua.

“ostei mais da poesia História em Libras, porque mostra a beleza através da LIBRAS, com uma sinalização bonita. A poesia apresenta de forma muito clara as metáforas. Eu achei muito boa e muito interessante. As metáforas foram maravilhosas. Eu encontrei 5 metáforas: 1ª) A plantação, que representa as mãos sinalizando e o desenvolvimento da língua de sinais; 2ª) Quando o poeta apresenta uma pessoa que vem colher a plantação, daí corta as plantas e junta todas em um mesmo feixe amarrando-as, então, é uma metáfora muito significativa e forte, pois retrata o que aconteceu há anos atrás, quando os surdos foram proibidos de usar a língua de sinais e suas mãos foram impedidas, como amarradas, para não se comunicarem por meio da Língua de Sinais. Eles só podiam oralizar; 3ª) Então, depois de um tempo é que houve a libertação. Depois de um tempo é que o uso da Língua de Sinais foi liberado, que o movimento cresceu, que a luta cresceu. Diante do desafio veio a conquista através da lei da LIBRAS e o uso desta língua regulamentada e permitida oficialmente; 4ª) Quando as plantas são pisoteadas por uma maioria, os pés (representando a inclusão) que pisa na plantação (representando surdos sinalizantes), que ficam como folhagens amassadas depois de serem esmagadas; 5ª) Quando o arado vem lavrar o solo na plantação é como se fosse momentos da difusão do implante coclear. Ficou perfeito! A poesia contextualiza muito bem a realidade. A imagem

estava ligada a sinalização e esclarecia ainda mais a mensagem. (Leitor L)

Considerando o triste marco histórico em 1880, com a proibição do uso da Língua de Sinais na educação de surdos a nível mundial, depois de uma decisão no Congresso Internacional de Educadores, realizado em Milão, a 2ª metáfora apresentada pelo Leitor L é muito relevante historicamente para o povo surdo.

Ao falar da libertação quando explica o significado da 3ª metáfora, o Participante diz: “depois de um tempo houve a libertação”. Na Realidade, apenas 100 anos depois (1980) é que a Língua de Sinais teve liberdade de fato para ser língua de instrução nas escolas, com a orientação do Bilinguismo, que surgiu na Suécia. Contudo, este Leitor associa a libertação a Lei da LIBRAS, Lei nº 10.436/2002.

O momento em que a 4ª metáfora referida pelo Leitor L acontece, consiste no momento em que o poeta transmite uma tristeza muito grande, através da sua expressão corporal/facial, e através da seleção da configuração de mão, como esclarece Sutton-Spence (2006, p. 131-132):

As configurações de mão podem ligar ideias, ou trazer mais conotações por trás dos sinais no poema, provocando frequentemente efeitos emocionais geralmente associados com configurações de mão específicas. Em geral as configurações de mão “5” e “B”, sendo abertas, são simbolicamente “maiores” e mais “positivas” na conotação do que configurações de mãos fechadas tal como A. Configurações de mão que são dobradas nas juntas tais como “MÃO-FECHADA” OU “MÃO-GARRA” são associadas com mais tensão e são “mais duras” do que outras configurações de mão de não-garra, que são mais relaxadas e “mais macias.

Por isso, nesse sentido, a ideia dos pés pisoteando as folhas das plantações utilizam este recurso. Antes as mãos estão estiradas e, quando vem os pés da inclusão esmagando e espalhando as plantas (mãos sinalizadoras), os dedos se tencionam e ficam em formato de garra, se fechando e dando a ideia de destruição.

Isto faz todo o sentido, pois embora a máscara da benevolência da inclusão seja capaz de fazer muitos crerem que está funcionando, na realidade, o que ocorreu com a sua chegada foi uma mudança drástica. Mudança esta, onde integrantes de uma comunidade minoritária, que antes estudavam juntos e em escolas especializadas em atendê-los, com as adaptações necessárias, foram deslocados e separados em diversos colégios, totalmente despreparados. Partindo para uma nova realidade, onde geralmente, o aluno surdo é o único diferente na sala de aula, e as vezes, até mesmo na escola inteira, gerando assim, o esmagamento identitário pela grande maioria ouvinte.

A última metáfora, levanta outra questão polêmica em relação a identidade surda, que é a campanha médica cada vez maior e a favor da cirurgia de Implante

Coclear, que prega ser esta, a cura da surdez. Este é outro ponto delicado, pois grande parte dos integrantes da comunidade linguística³² denominada de comunidade surda, reagem de forma contrária a este procedimento cirúrgico, chamado também, de “ouvido biônico”, visto que não tem o mesmo resultado de sucesso para todos, e por defenderem o direito de “Ser Surdo”. Depois disso, a tristeza da sofrida comunidade surda sobe até os céus e a chuva (choro de Deus), fazendo novamente florescer, uma nova plantação de mãos sinalizantes, e a língua de sinais contagia a todos do mundo, inclusive, aos ouvintes que pedem perdão e utilizam o sinal universal de I Love You.

Desta forma, a poesia encerra com uma expressão triste diante destes fatos, que exigem uma luta constante para garantir os seus direitos linguísticos, educacionais e sociais, pois “Devemos lutar pela igualdade sempre que a diferença nos inferioriza, mas devemos lutar pela diferença, sempre que a igualdade nos descaracteriza”. (SANTOS, 2002, p. 75).

Nos trechos apresentados a seguir na imagem, verificamos: as metáforas identificadas pelo Participante L, a mesma imagem de plano de fundo em toda a poesia, as mãos fechadas (negativamente) e abertas (positivamente), os efeitos de edição com a legenda e a imagem do poeta desaparecendo, provocando uma dramaticidade adi-

Imagem 30: Trechos da poesia História em Libras

1º Metáfora



2º Metáfora



3º Metáfora



4º Metáfora



5º Metáfora



Fonte: Canal do poeta no youtube.com

³² Quando falamos de surdos, não podemos homogeneizar esta identidade, pois há o movimento dos surdos implantados e surdos oralizados, e ainda surdos que se comunicam pela Língua de Sinais, que também possuem o implante coclear.

cional no final. Por ser a resistência da Língua de Sinais, da cultura e do direito de Ser Surdo a temática abordada neste poema, destacamos o valor que, a memória das experiências das gerações passadas representa para as gerações futuras.

A memória desempenha um papel fundamental na construção da história das comunidades, visto que ela está atrelada aos modos de vida que atuam como guias, fornecendo modelos para o comportamento das gerações com o passar dos anos. [...] É tecida por nossos afetos e por nossas expectativas diante do devir, concebendo-a como um foco de resistência no seio das relações de poder e servindo para a manutenção dos valores de um grupo social (MORIGI, 2012, p. 9).

A preocupação com a preservação da história e tradição das gerações de surdos do passado e do futuro, foi apresentada na resposta do Leitor V:

“Eu escolhi como mais bonita a poesia História em Libras, porque a sinalização do poeta Maurício Barreto é perfeita e contextualizada. Porque nós surdos, precisamos incentivar cada vez mais o uso da Língua Brasileira de Sinais e valorizá-la, e incentivar o uso desta língua entre os surdos, diante das gerações futuras, porque os surdos das gerações anteriores sofreram muito para chegarmos, ao que estamos vivendo agora. Sofreram com: a visão dos médicos, a visão ouvintista, a proibição da língua de sinais, com a filosofia oralista. E no decorrer dos anos de luta, muitos surdos morreram antes de ver o que estamos vivendo agora. Hoje a gente sente esta mudança e vamos continuar lutando pela valorização da língua de sinais. Por isso, eu escolhi como mais bonita essa poesia. Porque entendemos de forma muito clara todo o nosso contexto histórico da comunidade surda”. [sic]

Diante disto, constatamos que o Leitor V captou a essência da poesia e compartilha com o mesmo sentimento do Autor. Pois, no final da entrevista, o poeta apresenta mais uma vez sua preocupação com o necessário registro, e deixa o incentivo para o surgimento de novos autores, que prossigam com os valores da tradição poética surda para as gerações futuras. Concluímos então, com suas sábias palavras:

“É possível valorizar e fortalecer esta cultura com mais produções poéticas. Nós sabemos que os ouvintes têm várias poesias, muitas publicações. Mas e a tradição artísticas dos surdos? Os surdos precisam criar muito mais através da sua língua, ser modelo para outros, usar da criatividade, da tecnologia, se esforçar, não desistir, ter cada vez mais força de vontade e não se desestimular com facilidade, porque o futuro é nossa responsabilidade também. Sei que o meu futuro é desconhecido, minhas poesias futuras não sei como serão, pois, a cada nova poesia estou tentando inovar mais e aperfeiçoá-las”. (Poeta Maurício Barreto)

6

Considerações Finais



Ao desbravar um caminho não muito explorado, muitas descobertas nos esperam no trajeto. Isto foi exatamente o que ocorreu durante o percurso do estudo que deu origem a esta publicação em forma de livro.

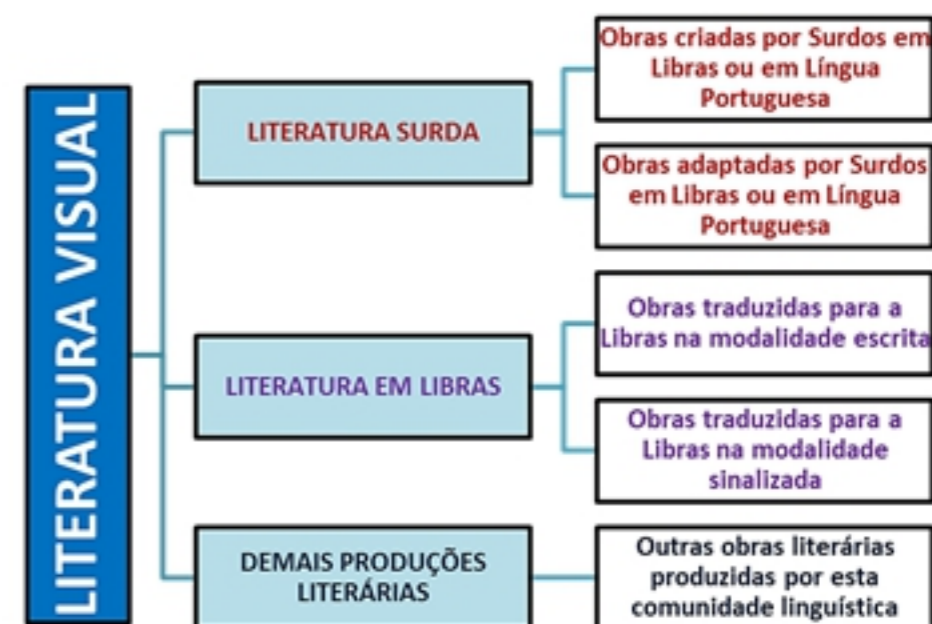
Uma das surpresas, foi o considerável número de produções poéticas de surdos registradas em vários sites, e, principalmente no site youtube.com (onde está a grande maioria dos registros), que reflete o atual desenvolvimento tecnológico, cultural e literário que a comunidade surda brasileira vivencia.

Como foi possível constatar, historicamente, este desenvolvimento está diretamente ligado ao reconhecimento da língua de sinais, por meio de um aparato legal (Lei nº 10.436\2002, regulamentada pelo Decreto nº 5.626\2005), que garante a comunicação dos surdos na sua língua natural, bem como, o direito de acessibilidade em diferentes espaços da sociedade.

Esta conquista legal, permitiu que muitos surdos que desempenhavam a função de instrutores de LIBRAS, na relação empregatícia de prestadores de serviços, que apenas possuíam uma formação básica, tivessem acesso a formação acadêmica, com o curso de Licenciatura em Letras LIBRAS.

Uma das disciplinas trabalhadas neste curso, consiste exatamente no estudo da literatura do povo surdo. Fato este, que despertou um maior interesse na temática e no exercício de produções literárias, por estes acadêmicos integrantes de uma comunidade minoritária, usuários de uma língua recentemente reconhecida, e, portanto, necessitada de uma maior difusão para o alcance da valorização por meio de obras literárias.

Ao ler este livro, o leitor pôde refletir sobre uma forma mais específica de diferenciar os tipos de produções literárias deste povo:



Nesta perspectiva, a Literatura Surda agrega as produções literárias criadas e adaptadas por autores surdos. Este último tipo, consiste em obras clássicas recriadas por autores surdos, com modificações e acréscimos de elementos histórico-culturais. Enquanto a nomenclatura proposta, Literatura em LIBRAS, consiste nas obras literárias traduzidas, que diferente das obras adaptadas, por não sofrerem alterações nos enredos, são fiéis ao texto original da obra. Desta forma, a Literatura Visual é o todo composto pelos tipos de produções da comunidade linguística, que se comunica através da língua visuo-espacial: criações, adaptações (Literatura Surda, somente produzida por autores surdos), traduções (Literatura em LIBRAS, produzida por autores surdos e ouvintes participantes da comunidade surda); além de outras produções adaptadas e criadas, sobre o contexto da cultura surda, por ouvintes bilíngues, integrantes desta comunidade linguística, que embora pertença à categoria de literatura visual, não é uma autêntica literatura surda.

Partindo desta realidade, este estudo direcionou o olhar para a Literatura Surda, mais especificamente, em textos sinalizados do gênero poético. Diante das obras catalogadas, com registro em vídeos, foram encontradas poesias que envolvem as mais diversas temáticas.

Desta busca de obras poéticas sinalizadas, quatro obras (Luz sem Fim, Voo sobre o Rio, Farol da Barra e História em Libras), com autoria de três importantes poetas surdos (Nelson Pimenta, Fernanda Machado e Maurício Barreto), foram selecionadas e apreciadas por leitores surdos, alunos do curso Letras Libras da UFPB virtual. Após a apreciação, esses leitores foram orientados a escolherem, de acordo com sua opinião, a obra que ele atribui o maior valor de beleza, ou seja, a poesia que ele mais gostou, por considerar a mais bonita.

Embora tenha sido realizada esta análise comparativa entre as obras, a intenção não era afirmar que uma obra é melhor do que a outra, mas compreender os elementos estéticos utilizados nas poesias e que mais agradaram ao público surdo, usuários da língua em que estas poesias foram produzidas. A alta qualidade das poesias refletiu na grande dificuldade enfrentada pelos participantes da pesquisa, diante do desafio de escolher apenas uma, entre as obras apresentadas. Além disso, nesta tradição recente, há fortes semelhanças entre os estilos dos poetas e a presença de influências mútuas.

Ao justificarem a escolha por determinada obra, os leitores desses textos sinalizados, apresentaram vários critérios para esta decisão, como por exemplo: o fato de uma obra ter sido criada por um poeta consagrado e reconhecido na comunidade surda; a temática de determinado poema remeter às vivências de gerações passadas e futuras do povo surdo; o romance exposto no poema, dentre outros.

Sendo assim, os vinte e cinco (25) critérios estéticos elencados com mais frequência, foram categorizados em três tipos: elementos linguísticos e literários, elementos cinematográficos (devido ao registro em vídeo desses textos sinalizados) e elementos subjetivos.

Então, com base nos dados obtidos durante este estudo, os elementos estéticos determinantes para uma produção poética em LIBRAS categorizados como elementos linguísticos/literários foram: Alto nível linguístico, Clareza, Descrição detalhada, Classificadores, Expressão não Manual, Metáforas, Repetição, Ritmo, Movimento, Simetria, Equilíbrio, Incorporação/Morfismo, Contextualização, temática da Opressão x Libertação, Valorização da Língua, Valorização da Cultura. O conjunto destes elementos citados, resultaram no chamado “sinal-arte”, que consiste na sinalização artística diferenciada da comunicação no cotidiano, ou seja, a utilização da língua de sinais em um nível mais elevado e sofisticado, que lança mão destes recursos linguísticos e literários.

Em relação aos elementos estéticos cinematográficos fundamentais no registro da poesia sinalizada, os critérios que apareceram com mais frequência foram: Edição de vídeo (incluindo o enquadramento de câmera, close-up, efeitos de mudança de cores da imagem, alteração no foco, legenda, título da poesia com legenda em Língua Portuguesa, dentre outros); Plano de fundo (ambientes naturais, neutro ou imagens animadas ou não relacionadas a sinalização); Figurino e Riqueza visual (abrangendo o conjunto destes elementos, incluindo também, a iluminação como fator muito importante para o resultado final da produção).

Quanto aos elementos subjetivos elencados pelos leitores surdos participantes do estudo, nas justificativas como critérios relevantes para, em suas opiniões, a escolha da poesia com maior valor estético, foram identificados: Beleza (a essência da arte), Perfeição (em outras palavras, o ideal, a verdade, de acordo com o filósofo Heigel), Sentimento, Transmissão da emoção e o Acesso ao âmbito imaginário do público receptor da obra. Esta constatação está de pleno acordo com a própria origem da palavra poesia, que tem sua gênese no termo latino poesis, derivado de um conceito grego e que significa “a manifestação da beleza ou do sentimento estético por intermédio da palavra”.

Diante dos dados obtidos neste estudo foi confirmada a hipótese de que os elementos subjetivos da poesia sinalizada, identificados pela voz desta tradição e considerada recente, são determinantes para a consagração de uma obra, pois, eles fazem parte do conjunto composto também, de elementos cinematográficos, linguísticos e literários.

Desta forma, ao fim desta caminhada, inédita por sua estrutura e repleta de descobertas e surpresas no percurso, constatamos que foi de grande valia para o povo surdo e a todos a quem abrange o interesse por esta área. Desde a coleta (obras listadas), apreciação (obras analisadas), entrevistas com os poetas, a quem eu devo minha eterna gratidão, autores das obras analisadas (dados biográficos), bem como, todo o estudo envolvido, até os resultados obtidos, partiu do intuito de produzir um material que sirva como uma fonte de estudo, permitindo assim, que diante dela, diversas outras pesquisas ainda possam surgir sobre as produções poéticas dos sujeitos surdos.

7

Referências



ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Baby Abrão. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Col. Os pensadores).

BATISTA, Maria de Fátima B. Mesquita. **Estudo em literatura popular II**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Ciência e Cultura. São Paulo, Vol. 4, n. 9, p. 803-809, set/1972.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional. 1976.

CANDIDO, Antonio. **Na sala de aula: caderno de análise literária**. São Paulo: Ática, 1993.

CANDIDO, Antonio. **O estudo analítico do poema**. São Paulo: Humanistas Publicações/ FFLCH/USP, 1996.

Cândido. **O direito à literatura**. In: Vários Escritos. 3.ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p.234-63.

CASTRO, Nelson Pimenta **A tradução de fábulas seguindo aspectos imagéticos da linguagem cinematográfica e da língua de sinais**. Florianópolis. UFSC, 2012.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria. Literatura e senso comum**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2011

DERRIDA, Jacques. **Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida**. Trad. Marileide Dias Esqueda. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FRANSOLIN, Liorne Cristina et al. **O jogo da arquitetura: discutindo a acessibilidade para surdos**. Recife: VI Encontro Nacional de Ergonomia do Ambiente Construído, 2016. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br/s3-sa-east-amazonaws.com/designproceedings/eneac2016/ACEo6-4.pdf>

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais de nosso tempo**. In: Revista Educação e Realidade: Cultura, Mídia e educação v. 22 n 3 jul.-dez.1997.

_____. **Da diáspora Identidade e Mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

_____. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2004.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Cursos de Estética**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

HUNT, Robert Edgar. **A linguagem do cinema**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

KARNOPP, Lodenir. **Literatura Surda**. Curso de Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MACHADO, Fernanda de Araújo. **Simetria: Poética em Língua de Sinais**. In. STUMPF, M; QUADROS, R. M; LEITE, T. A (Org). *Estudo da Língua Brasileira de Sinais II*. 2014.

MACHADO, Fernanda de Araújo. **Simetria na Poética Visual na Língua de Sinais Brasileira**. Florianópolis: UFSC, 2013. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br> acessado em 12/09/2020.

MARINHO, Ana Cristina (org.). **Memória e produção cultural**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

MORIGI, José Valdir. et al. **Memória, Representações sociais e cultura imaterial**. *Morpheus - Revista Eletrônica em Ciências Humanas*. Vol 8, n. 14, p. 182-191, 2012.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. **Arte surda: produto e produtora do movimento de resistência política dos surdos**. 2013. Disponível em <http://cacaumourao.blogspot.com.br> Acessado em 07/09/2020.

NASCIMENTO, Noel. **A nova estética e o novo período literário**. Curitiba: Instituto Memória, 2009.

NÓBREGA, Mônica. **O ponto de vista do sistema: possibilidades de leitura da linguística geral de Ferdinand de Saussure**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

PADDEN, Carol e HUMPHRIES, Tom. *Deaf in América: voices from a culture*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

PEIXOTO, J. A. **O registro da beleza nas mãos: a tradição de produções poéticas em língua de sinais no Brasil**. João Pessoa: UFPB, 2016.

PEIXOTO, J. A; VIEIRA, M. R. **Artefatos culturais do povo surdo: discussões e refle-**

xões. João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

PEIXOTO; Janaina Aguiar Peixoto; POSSEBON, Fabrício. **A heterogeneidade nas produções literárias da comunidade surda brasileira**. p.77-88. In: PEIXOTO, J. A; VIEIRA, M. R. *Artefatos culturais do povo surdo: discussões e reflexões*. João Pessoa. Sal da Terra, 2018.

PETERS, Cynthia. **Deaf American Literature From Carnival to the Canon**. Washington, D.C. Gallaudet University Press. 2000.

PIMENTA, N. **Poesia Bandeira Brasileira, LSB Literatura**. Rio de Janeiro, RJ: LSBvídeo, 1999.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Col. Os pensadores).

REZENDE, Claudinei Cássio. **O momento Hegeliano da estética: a auto-superação da arte**. *Kinesis*, Vol1, n. 1, p.12-21, Março/2009.

ROCHA, S. M. **Memória e História: a indagação de Esmeralda**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2010.

ROCHA, S. M. **O INES e a educação de surdos no Brasil**. Vol. 1, 2ª edição. Rio de Janeiro: INES, 2008.

ROCHA, Solange Maria. **O INES e a educação de surdos no Brasil**. Vol 1. Rio de Janeiro: INES, 2007.

RODRIGUES, H. F. **Literatura Popularin** FARIA, E.M.B; ASSIS, Maria Cristina (Org.). *Língua Portuguesa e Libras: teorias e práticas* Vol. 6. 1. ed. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.

SÁ, Nídia Regina Limeira de. *Cultura, poder e educação de surdos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes – uma viagem ao mundo dos Surdos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SALLES, Heloisa.M.M.L et al. **Ensino de Língua portuguesa para Surdos Caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC, SEESP, 2004. V2

SALLES, Heloisa.M.M.L et al. **Ensino de Língua portuguesa para Surdos Caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC, SEESP, 2004. V1

SANTOS, B, S. **A globalização e as ciências sociais**. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2002.

SKLIAR, Carlos (org). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

SOARES, V. L. **Tradição oral e escrita literária: o exemplo das literaturas africanas de língua francesa**. Letras, n. 47, p. 123-130. Curitiba: Editora da UFPR, 1997.

SOUZA, S. X. **Análise textual intralingual para a tradução de poemas em Libras ao Português**. Florianópolis: Santa Catarina. PGET, UFSC.

STRÖBEL, K. L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2008.

STRÖBEL, K. L. **História dos Surdos: Representações “Mascaradas das Identidades Surdas**. In Estudos Surdos II / Ronice Müller de Quadros e Gladis Perlin (organizadoras) – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

STRÖBEL, Karin. **História da Educação de Surdos**. 2009. Disponível em: www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica. Acessado em 2 de setembro de 2020.

STUMPF, Marianne (Org). **Estudos da Língua Brasileira de Sinais II**. Florianópolis: Insular, 2014.

SUTTON-SPENCE, R.; QUADROS, R. M. de. **Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda**. In: QUADROS, R. M. de (Org.). Estudos Surdos I, Petrópolis, v. 1, p. 112, 2006.

SUTTON-SPENCE, Rachel e Donna Jo Napoli - **Anthropomorphism in Sign Languages: A Look at Poetry and Storytelling with a Focus on British Sign Language**. Sign Language Studies, Volume 10, Number 4, pp. 442-475 (Article) Published by Gallaudet University Press, 2010.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Analysing Sign Language Poetry**. New York: Palgrave, 2005.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Imagens da Identidade e Cultura Surdas na Poesia em Língua de Sinais**. In Quadros, Ronice Muller. Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais. Petrópolis. Arara Azul. 2008.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Os craques da Libras: a importância de um festival de folclore sinalizado**. Revista Sinalizar, v.1, n.1, p. 78-92, jan./jun 2016.

TYSIMBAL, K. A. **Deaf space and the visual world – buildings that speak: an elementary school for the deaf**. Thesis. School of Architecture Planning, and Preservation. Faculty of the Graduate School of the University of Maryland, College Park, EUA. 2010

Sobre a autora



Janáina Aguiar Peixoto

Professora Adjunta do Departamento de Línguas de Sinais (DLS/CCHLA/UEPB), atuante no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL/UEPB) e no Curso de Licenciatura Plena em Letras Libras (UEPB). Doutora em Letras pela UEPB, Mestre em Ciências das Religiões pela UEPB, graduada em Fonoaudiologia pela FRASCE-RJ e Tradutora e Intérprete de LIBRAS (UFF).



CÓDIGO DE BARRA

